

Eu acabara de fotografar o mapa-caricatura de Rio Preto, da Multicanal. Na segunda frase, percebi tratar-se de mais um desdobramento natural, inevitável... O ex-radialista Fiorilli<sup>373</sup>, recém-safenado, interessava-se pelo meu trabalho e, sem ele perceber, suas lembranças eram registradas. “Jaime Ferreira gravou *Esmeralda*. Era um clone do Nelson Gonçalves.” Sobre os tempos da Rádio Difusora, de Lourival Lofrano, Fiorilli nos diz: “Eu fechava a Rádio e deixava a chave na casa do chefe. As rádios fechavam cedo.”

De novo, com José Luiz. Certa vez Santos foi tocar na inauguração de um cinema na cidade de Palestina. Nessa inauguração, o conjunto havia sido “reforçado” pelo Taruga, como ritmista. O cachê limitou-se ao jantar no hotel da cidade, em troca da sua propaganda no *show*. Taruga tinha a fama de comer e beber muito. Após todos terminarem o jantar, Taruga continuava comendo. “Quando ninguém imaginava”, conta José Luiz, “ele ainda chama o *maître* e pede: ‘Moço, tem ovos? Então, me veja ‘um’ ovos fritos.’”

“Você já conversou com o Adib e o César?”, pergunta Zé Luiz. “Seria importante...” Explico que havia ligado para o Adib, em julho de 1998, e ele recomendara que eu falasse com o César. Marquei com o César na Silva Jardim com Maximiano Mendes, às 8 da manhã de 28.07.1998, onde ele faria uma gravação na clínica odontológica Denteen. À hora marcada, esperei, esperei, desisti, fui embora. Estaria com Sylvia Purita às nove e com Farath às 10h30. “Ah! O mesmo César”, comenta sem maldade Zé Luiz.

Convém esclarecer que nem sempre comparecíamos a tudo que era anunciado pelo César. Ele, às vezes, noticiava, mas não era presença ainda confirmada...

Agora, menção ao Boqueira. Roberto Pavarino<sup>374</sup> revela muito carinho para com o Mourão<sup>375</sup>, como era chamado o nosso Boqueira lá em Uchoa, e que hoje é mais conhecido nos meios artísticos como Mestre Boca. Frequentaram o Grupo Escolar e o Ginásio juntos. Mourão era filho de um dentista da cidade.

“De infância humilde”, lembra Roberto, “Mourão entregava pão para os Mazzi. Aliás, o trio Mazzi-Gamba-Mourão era figura fácil na pequena Uchoa.”

Sabe-se que já cedo revelara-se como um imitador incrível, desde passarinho até o professor Aristides, de Francês. A turma do Boca era da pá- virada. Os amigos eram afoitos, dados a imitações também. Talvez a imitação mais perigosa de um dos integrantes do trio tenha sido a de Homem-Foguete – aquele do famoso seriado dos anos 50.

<sup>373</sup> Antônio Fiorilli, bancário, professor, radialista, nasceu aos 05.07.1939 em Rui Barbosa, SP (antes, Bela Vista, depois, Ruilândia). No rádio, foi locutor, apresentador, sonoplasta. Trabalhou, de 1958 e 1962, na Rádio Difusora de Mirassol. Fazia o *Musical VAP* e também um programa de calouros dos sábados (idealizado pelo Nelson Luiz, do Rio), e outro aos domingos, do gênero sertanejo, de auditório, onde se apresentava o Duo Primavera.

<sup>374</sup> Roberto Pavarino é de Uchoa, mas atualmente mora em Brasília. É irmão de Reginaldo Pavarino, ainda morador da pequena cidade, que fica nas proximidades de Rio Preto.

<sup>375</sup> José Cunha de Oliveira Mourão, o Mestre Boca, nasceu em 24.08.1939, filho de José Lípari e Genoefa Sequin. É professor de percussão e fabricante de instrumentos. Integrou os seguintes grupos musicais: Orquestra Paratodos, Carlos Pipper, Excelsior, Conjunto Roberto Farath, Renato Perez e Orquestra, Tropical Brazilian Band, Os Modernistas. Participou de gravações com Antônio Netto, Dick Farney, Banda Fascinação e Os Modernistas. Gravou faixa do CD *Antologia Musical de Rio Preto*, em 1996.

— A roupa do maluco era de lata com estanho, sei lá, com dois tubos da Rhodia nas costas, cheios de gasolina pressurizada, coisa de doido! Queria que eu acendesse os tubos. Carioca disse: “Não vai que é fria.” O outro dizia: “Não tem perigo, você acende e corre. E me espera na serraria do Bertelli.” Imaginava mesmo que ia voar até a serraria. Resultado: a coisa explodiu e ele ficou com a bunda sapecada.

Essa narrativa feita pelo Boca, em 1998, é acompanhada dos seus trejeitos e encenações, que fazem qualquer um morrer de rir.

Não seria necessário ser um futurólogo para saber que Boca tornar-se-ia um *show-man*, músico de renome, humorista de mão-cheia. Era só observar o seu potencial. Iria longe – de fabricante de instrumentos musicais a fundador de bandas, diretor de escola de samba e esportista. Um artista versátil e sempre muito requisitado.

Em julho de 1998, Cláudia e Ronaldo<sup>376</sup>, sobrinhos de Boca, mostravam-me a oficina do tio. Boca estava em Rio Manso e, infelizmente, não pudemos conversar. Andando por entre os instrumentos de percussão desmontados, fico sabendo através de Cláudia que o tio Boca tem também seus momentos de mau humor. “Mas que passam logo”, complementa sorridente.

Orgulhosos do tio, gentis, mostram-me alguns recortes de jornais, fragmentos da longa carreira do nosso humorista-percussionista de Rio Preto. Folheio o álbum e paro na foto do “goleiro voador” – o Boca em pleno vôo. No canto direito superior, a bola, em seu último momento livre, antes, ao que tudo indica, de ser agarrada heroicamente pelo imitador de pássaro, uma versão de Ícaro do interior de São Paulo. Era uma partida Músicos *versus* Radialistas, no Estádio Victor Britto Bastos, no ano de 1964. O fotógrafo Jaime Colagiovanni<sup>377</sup> deve ter tido um trabalho enorme para montar o espetáculo do vôo de Boca...

Boca casou-se com Anísia, com quem teve um filho – Marco Antônio, hoje percussionista e baterista.

Em agosto de 1998, Boca ligou-me. Disse que mandaria um texto sobre ele para que eu aproveitasse da melhor forma. Foi muito atencioso, mas não mandou.

Encontrar-nos-íamos só em 2 de novembro de 1998. Eu havia pego o Altino, que queria entregar-lhe uma partitura e consertar um pedestal de teclado, para irmos até a sua casa na Prudente de Moraes. Tiramos umas fotos, mostrei-lhe o meu texto, que incitaria Boca a falar mais das peripécias de Uchoa.

— A turma era da pesada. Organizávamos verdadeiras batalhas com flechas de bambu. Fizemos uma vez um submarino. Quando alguém perguntava como seria o sistema de propulsão, a turma dizia: “isso a gente resolve depois”. Quando ficou pronto, empurramos o submarino até o “poção”. Éramos uns quatro dentro. A água tomou conta do interior. Foi uma loucura, aquela gritaria. Por sorte, a água não nos cobriu totalmente.

<sup>376</sup> Cláudia Ribeiro Antunes e Ronaldo Marques Pereira.

<sup>377</sup> Jaime Colagiovanni, além de fotógrafo, era cronista. Nasceu em 1929, em S. Paulo. Faleceu em Rio Preto, em 1997. Como repórter-fotográfico teve fotos publicadas em quase todos os jornais da cidade, onde também escreveu suas crônicas. Deixou um acervo de 100 mil fotos, o que demonstra o quanto Colagiovanni foi importante para a memória de Rio Preto.



foto acn

Jayme Signorini, SJRP, mar/2000



foto acn

Mestre Boca, julho de 1998



Baltazar, de Cachecol

“Todo o interior quer ver o Conjunto da Juventude Rio-pretense *Os Asteróides*. Já recebemos telefonemas de Fernandópolis, São Carlos, Votuporanga, Campinas e até de Americana. De fato, o ritmo de *Os Asteróides* é contagiante...”

Ronda Social

Boca me mostra alguns escritos que está preparando e que irão se transformar num livro sobre si mesmo. Pondero a ele que vai ser um grande desafio transformar as suas narrações cheias de teatralização em um livro. Enriquecer os relatos a ponto de substituir as imitações é tarefa árdua, quase impossível. Boca é ímpar ao contar seus casos. Tudo vem acompanhado dos seus sons onomatopaicos, das imitações, da *mise-en-scène*, enfim. E ele precisa de espaço para contar as coisas. Haja espaço pra tanta genialidade.

Representou tão bem o Bongô para nós que, dificilmente, vou deixar de lembrar daquele cara exótico, desligado do mundo palpável, um profissional que via e sentia a música em tudo que fazia, em tudo que o rodeava. Uma pequena observação: como já ouvi duas versões sobre a participação do Bongô no casamento do Dubail, só tenho que acreditar que Bongô está se tornando folclórico.

Boca fala ainda sobre Taruga, Mário Perez, Luís Carlos Ribeiro, Baltazar. “Taruga não amarrava o bumbo da bateria e ele ia andando, andando. Quando o pé não alcançava mais o pedal, ele puxava. Tocou na Paratodos”, conta o nosso humorista. “Mário Perez é um cara singular. Conseguia emitir som afinado até em instrumento que não dava afinação. Fazia na embocadura. Montou até coral. Um exímio arranjador. Mas sempre esteve dividido entre a música e o lazer. Adorava pescaria.”

Mário faleceria em 17 de março de 1999. Seu irmão Renato Perez, logo após, perderia por completo a visão, fazendo com que Boca intensificasse mais ainda a sua atenção para com ele. Talvez um tributo a Mário Perez, o querido companheiro. É Sérgio Baffi que, em maio de 2000, mencionaria Mário: “A primeira vez que assisti aos *Asteróides* foi no Bancários. Era 1965, vocês estavam executando um *rock*. Ainda não nos conhecíamos. A performance do conjunto mereceu comentários elogiosos de meu saudoso tio Mário Perez, saxofonista e arranjador dos bons, diga-se de passagem. E mal imaginava eu que, mais tarde, já em Brasília, nos embalos da República da 404 Norte, teria a chance de

acompanhar aquele *crooner* de quem me tornei amigo, ele com violão e eu tocando geladeira. É que na falta de instrumento adequado, descobri que a mini-geladeira de vocês tinha um som fantástico.”

Por sua vez, Renato viria a falecer em 10 de setembro de 1999. Aliás, mandei vir de Rio Preto o *Diário da Região* do dia 11.09.1999, na esperança de deparar com uma excelente reportagem sobre Renato. E o *Diário* optou por fotos em destaque dos amigos de Renato, não usufruindo de farto material documental que existe sobre o grande saxofonista.

Digno de menção foi o jantar que Boca, Jayme Signorini e José Cury Neto organizaram para os Perez, em 11.06.1999. Representavam respectivamente os músicos de Rio Preto, a Delegacia de Cultura e a ARBA – Associação Rio-Pretense de Belas Artes. No balancete, datilografado com capricho, vemos a assinatura dos três, de dona Vanda, irmã de Renato, de Maria Aparecida Ortega, viúva, segunda esposa de Mário. “Boca desdobrou-se como um verdadeiro amigo”, afirmaria Jayme. Foram 149 convites vendidos. Somando-se doações e subtraindo-se as despesas, sobraram R\$ 2.126, metade para Maria Aparecida, metade para Vanda. Se o dinheiro foi útil para as dificuldades por que passava a viúva de Mário, o foi também para Vanda. Infelizmente foi usado para o enterro de Renato.

Ao falar de Luís Carlos, Boca demonstra um profundo respeito por ele e pela sua sensibilidade musical a toda prova. “Você faz um som qualquer e Luís Carlos identifica o tom.” A primeira formação dos Modernistas é importante para mim. Boca dirige o olhar para longe. “Éramos onze. Vá contando.” E declina: “Luís Carlos (piano), Genésio (guitarra), Laquimé (trombone de vara), Romeu (piston), Dubail (sax-alto), Valdir (sax-tenor), Mário Perez (sax-barítono), Baltazar (contrabaixo), Antônio Netto (crooner), Boqueira (percussão) e Zezito (bateria).”

Boca relata uma história de Baltazar. Iam tocar com Farath pra frente de Neves Paulista. Baltazar não quis ir junto. Disse que iria depois.

Brasília, 2 de janeiro de 2000

Meu Caro Altino,

Esta é a primeira carta que escrevo com data assim tão cheia de zeros. Localizei Demair em 26 de novembro. Falamos por telefone e nos correspondemos. Mora em Taubaté. Ensaiei ir até Campinas encontrar-me com ele, mas não foi possível. Encaro como remota – não totalmente impossível – a possibilidade de um encontro nosso: eu, você, Flávio, Demair, Vavá, Paulo César e Wagner Pero. Os localizáveis, todos têm seus afazeres e a grande maioria prefere que se vá até eles...

Aquela sua idéia de reunirmos todos em Rio Preto, acho, excluiria o Demair. Flávio, nesta quinzena, está de férias em Ibirá. Quanto a mim, só na segunda quinzena é que estarei por aí. Difícil para mim ir até cada um. O que consegui até agora foi à custa de muita perseverança (ou teimosia?).

Interurbanos já foram mais de duzentos nessa minha empreitada do livro. Mas continuo confiante. Desde a idéia inicial, estou indo para cinco anos e não consegui finalizá-lo. Quanto ao caso do Wagner Pero, que você sugeriu convidar para um encontro geral, alguém me disse que Pagé Martins, conhecida figura do esporte rio-pretense saberia do seu paradeiro. Se puder dar uns telefonemas e conseguir uma pista, eu agradeço. Daqui, você há de convir, é meio complicado. Você teria condições de conseguir o *e-mail* ou o endereço do Amaury Júnior para mim?

Feliz ano 2000. Que as reflexões especiais ensejadas pela data nos levem a uma maior participação na construção de um mundo melhor. Até depois do dia 15. Recomendações à Mara e às “crianças”.

Abraço do amigo Aristides

“Bem-aventurados os que, não tendo o que dizer, ainda assim se mantêm calados.” – Wolfgang Gruen

“Estávamos na estrada quando passa o Baltazar num corcel, dando tchauzinho pra nós. Queria nos fazer uma surpresa. Estava contando com o cachê como parte do pagamento do carro. Não sei por que cargas-d’água, devolveu o carro na segunda-feira.” Observo ao Boca que era a segunda vez que ouvia estórias do Baltazar devolvendo carro...

Boca, afoito, liga para o Baltazar e me põe para falar com ele. Ao saber do meu projeto, este faz um pequeno discurso sobre distorções que os jornalistas costumam fazer nas coisas, daí as suas reservas. Bem, eu não sou jornalista... Diz que também está escrevendo um livro. Passar-me algo seria como que “queimar” por antecipação os seus relatos. Comento com Boca: “acho que tem gente que está perdendo uma oportunidade boa de falar de si próprio ou deixar que falem...”

Percebe-se que citamos em muitos momentos a Paratodos. Não esperávamos ser levados a conhecer alguns detalhes sobre essa orquestra. Desdobramentos naturais deste trabalho.

Eu marcara encontro com o radialista Silveira Coelho<sup>378</sup>, na Rádio Onda Nova, na terça de manhã, dia 20.07.1999. Cheguei às dez. Ele não esperara. Não o conhecia pessoalmente. “Ele tem a cabeça branca e é meio calvo”, disse a atendente. “Pode estar ou na farmácia ou no mercadão.” Saí à sua procura.

Em todos os lugares em que perguntei, ele já havia passado. Como, no trajeto, fui reparando em todas as pessoas grisalhas, cheguei à conclusão de que Rio Preto está repleto de pessoas com cabelos brancos... Bom sinal. Expectativa de vida crescendo. E se você as vê, significa que estão na rua e ativas. A decrepitude com frequência pode ser driblada pelo trabalho, pela alegria, pelos planos, pelos sonhos que, combinados, promovem

---

<sup>378</sup> Antônio José da Silveira Coelho nasceu em Piracicaba, aos 19.10.1930. Casado com Ivani Fuscaldó, tem duas filhas: Lúcia Helena e Maria Cristina. Suas quatro netas: Carina, Érica, Tatiana e Larissa. Radialista, sempre inclinado a programas sertanejos, atualmente tem um programa na Rádio Brasil Novo, das 6 às 7 da manhã, chamado *O Fantástico Show da Viola*. Foi vereador rio-pretense por várias vezes.



Silveira Coelho e sua esposa Ivani – julho de 1999



Alexandre Macedo e Luiz Homero, pioneiros – Rádio Onda Nova – julho de 1999

um suporte indispensável à vida. Tal constatação incipiente receberia confirmação num artigo de Rosa Maria Abrão<sup>379</sup>: “Enquanto no País existem 16,97 idosos para cada 100 jovens, em Rio Preto são 38,37 pessoas com mais de 60 anos para cada grupo de 100 jovens com até 14 anos, bem mais que o dobro (126%).”

Quando nos encontramos dois dias depois, oportunidade em que me levou ao Laprano<sup>380</sup> e ao J. Oliveira, o Zezão, pude perceber que Silveira é lépido como um coelho. Irrequieto, raciocínio rápido, conhecedor incontestado da memória da cidade, ciceroneou-me com explicações melhores do que qualquer guia turístico. Às vezes ignorava que eu também era de Rio Preto. Demonstrou muito carinho e apreço por velhos amigos ávidos de atenção.

O contato com Antônio Laprano, então com 84 anos, foi muito rico. “Eu era contador da Casa Moysés, José Mussi, o gerente-geral e o Armando era gerente da seção de calçados. Vou lhe conseguir a ficha funcional dele, que tenho lá no escritório”, afirmava Laprano, em 22.07.1999, referindo-se a meu pai e às suas (de Laprano) atividades atuais, agora com os netos de Moysés Miguel Haddad. Ao tempo em que Elise, minha esposa, que nos acompanhava, extravasava alegria incontida no reencontro com a família Laprano, o patriarca completava: “O pai dela, Dr. Camilo, era meu companheiro de viagens de inspeção de ensino, junto com o Nelson Demonte.”

Laprano me corrige quando falo em guarda-livros. “Guarda-livros não é contador. Guarda-livros cursava até o 2º ano comercial. Contador cursava até o 3º ano.” Dia seguinte me conseguiria a preciosa ficha funcional de meu pai.

Jota Oliveira<sup>381</sup> ou Zezão, foi outro contato profícuo, promovido pelo Silveira. Zezão, então com 87 anos, mora com uma irmã na casa da frente. A outra<sup>382</sup> mora nos fundos. “Estou nesta casa há cinquenta anos, desde 1948”, revela orgulhoso, pouco depois de nos ter dado a data exata em que plantou as duas árvores da frente e de haver declinado de cabeça o número do hidrômetro (conferido teatralmente pelo Silveira Coelho).

Em 1964 e 1965, quando os *Asteróides* freqüentavam os estúdios e o auditório Raul Silva da PRB-8, Jota Oliveira era chefe dos operadores de mesa de som. Ao falar em sonoplastia, ele elucida: “Operador de mesa é diferente de sonoplasta, que cuida de fundo musical, de efeitos sonoros.”

Pergunto sobre Milani e a Paratodos e J.Oliveira não titubeia: “A Paratodos, alíás Jazz Paratodos, foi formada para o Carnaval do Automóvel Clube, em 1934. Era o Florindo Mani, o Gerson Milani, eu, o Aristeu Dantas, o Atílio Nicolli, o Ângelo Nicolli, o Joaquim Calixto e o João Teixeira. Osmar Milani veio depois.”

<sup>379</sup> Artigo *Rio Preto é dos Idosos*, de Rosa Maria Abrão. Referência à pesquisa feita pelo professor Odeibler Santo Guidugli, UNESP – *Diário da Região*, 12.03.2000.

<sup>380</sup> Antônio Laprano, nascido em Itajobi, em 05.06.1915, funcionário da conhecida Casa Coelho (1933 a 34), Casa Moysés (1936 a 55), Companhia Telefônica Rio Preto (1956 a 78). Formado Contador em 1934, pelo D. Pedro II, foi alçado ao cargo de Inspetor Federal de Ensino Comercial, em 1938.

<sup>381</sup> José de Oliveira (Jota Oliveira) nasceu em Passos, MG, aos 02.12.1911 (e não 01.03.1915, como consta em sua Certidão). Foi sapateiro do Buzzini, radialista da PRB-8, instrumentista da Banda Filarmônica Carlos Gomes e da Orquestra Jazz Paratodos.

<sup>382</sup> Maria de Oliveira, enfermeira durante 40 anos no Hospital Santa Helena.





Jazz Paratodos, formada para o Carnaval do Automóvel Clube de 1934. Florindo Mani (com o menino Milton Mani), Milani, Gerson J. Oliveira (Zezão), Aristeu Dantas, Atilio Nicolli, Ângelo Nicolli, Joaquim Calixto, João Teixeira



Orquestra Paratodos, de 1936. Da esquerda para a direita: Joaquim Calixto (sax alto), Jayme (sax tenor), Aristeu P. Dantas (bateria), J. Oliveira (baixo-tuba), Benedito Mariano (banjo), Ângelo Nicolli (trombone de vara), Gerson Milani (piano), Atilio Nicolli (piston), Florindo Mani (piston)

foto Demonte

J. Oliveira diz os nomes olhando para uma fotografia pendurada na parede. Foge-lhe o nome de quem executava banjo. Após identificar o menino da foto aos pés de Florindo como Milton Mani, o octogenário tocador de baixo-tuba de 1934 estende o dedo para as fotos penduradas na velha parede. “Essas molduras todas foram um presente do Agostinho Brandi.”

Zeção saiu cedo, tinha pouco mais de um ano de idade, de Minas. “Depois disso passei por Bebedouro, Uchoa, Vila Ventura, vindo parar em Rio Preto.” Silveira, que tem um repertório enorme de piadas e excelente senso de humor, à nossa despedida, brinca com J. Oliveira. “Zeção, não adianta dizer que é paulista só porque saiu cedo de Minas. Você é mi-nei-ro.” E destaca as sílabas. “Aliás, sabe aquela do sujeito que chega à banca e pede um jornal? ‘Me dá um Estadão<sup>383</sup> atrasado’. O rapaz lhe passa sabe o quê? Um mapa de Minas Gerais...”

J. Oliveira começou a tocar em Cedral, com o pai de Osmar Milani. O nome da orquestra era Banda Filarmônica Carlos Gomes, segundo ele. “A primeira vez em que tocamos em Rio Preto foi na década de 30, na inauguração do trecho da EFA Rio Preto/Mirassol. Pegamos o trem da comitiva do Governador em Cedral. Quando chegamos a Rio Preto, subimos a Voluntários e descemos a Bernardino tocando. Meu instrumento era baixo-tuba. Seguimos depois para Mirassol.”

Zeção tocou em eventos importantes da história da cidade, na inauguração do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, no enterro dos voluntários da Revolução de 32, na recepção a Getúlio Vargas quando veio a Rio Preto, na chegada do primeiro Bispo de Rio Preto, Dom Lafayette Libânio. Fácil concluir que passou por bombardino e tuba antes de baixo acústico.

“Silveira, você sabia que a orquestra do Orlando Ferri quis me levar? Insistiam muito, eu não queria. Acabei concordando, só para eles pararem de insistir. Marcamos na Estação da EFA. Devem estar me esperando até hoje...”

Silveira Coelho se aproveita da memória de J. Oliveira e pergunta sobre o horário de funcionamento da PRB-8 em 1944, ao que Zeção esclarece: “a gente começava às 9 horas. Havia um intervalo das 14 às 16. A emissora saía do ar às 19h30. Quando a B-8 fechou, estava funcionando até às duas da madrugada. A B-8 foi chamada de Rádio Bambu Rachado, mas a sua antena era esticada entre dois eucaliptos. Não era bambu não.”

J. Oliveira mostrou-nos orgulhoso, naquele dia de gratas recordações, o seu violão, cuja excelência comprovamos. Dos primeiros tempos de rádio, conserva uma bobina Webster Chicago, do tempo dos gravadores de fio. Guarda na memória não só a lenga-lenga dos solfejos de quando estudou música, como um poema romântico – *Saudade* – que Zacarias do Valle declamava em seu programa, num espetáculo particular de interpretação. “Saudade, saudade é como a grama tiririca que se pode arrancar, mas num fiapo que fica escondido no terrão, torna a praga a vecejar. É como um fiapo de paixão que fica escondido no fundo do coração. Saudade, saudade é como as folhas amarelas que vão caindo das árvores, que o vento que vai passando vai carregando lá pros confins do sertão.” Retrato claro de uma alma sensível e boa. E lúcida.

<sup>383</sup> Referência ao jornal *O Estado de São Paulo*.

## Pioneiros – Eles têm muita coisa para contar sobre Rio Preto

---



Lucília (Lúcia) Boldrini Leal, 81, Eunice Nora Benfatti, 73, Corina (Cora) Porto de Oliveira, 78 e Mariangela Bertuca Coelho, 81 – Sociedade Irmã Estelita – SJRP, 14.03.2000



Celda Lobanco Barbosa, 84, Antonieta Renesto, 82, e Mariangela - SJRP, 15.10.1999



J. Oliveira (Zezão), radialista, contrabaixista, em julho de 1999, aos 87 anos

fotos acr

“Toquei também na primeira Sinfônica de Rio Preto. Participavam o Dr. Coutinho Cavalcanti, Dr. Rollemberg, Dr. João Ramos Viana, professor do Instituto, Dona Etelvina Ramos Viana. O primeiro concerto foi no Cine Teatro Rio Preto. Entre platéia e balcão eram 1.800 poltronas. Nessa orquestra tocavam todos os músicos da Paratodos, menos o ritmista, que não entrava. O jornal que tinha a programação toda, eu doei para a Biblioteca.”

Em 23.07.1999, Silveira Coelho promoveu um encontro com Agostinho Brandi<sup>384</sup>, que a professora Nilce Lodi me havia recomendado. Professor Agostinho, dos olhos verdes, os mesmos que fizeram delirar as alunas, a toda hora desafia a si mesmo, testando ao máximo os limites da memória prodigiosa. Aperta os olhos, franze o cenho, incisivo, aponta o dedo para mim, dispara triunfante e pausadamente: “Armando Coelho foi membro do Diretório Municipal do PTB. Esteve presente à recepção a Getúlio Vargas em campanha presidencial, na casa do Cenobelino de Barros Serra, em 1950.”

Suas considerações sobre o meu trabalho são interessantes: “Você vai deparar com muitos depoimentos absurdos, inverossímeis, fora da realidade. Essa falta de confiabilidade é constatada até mesmo nos nossos livros de História”. Agostinho hoje se lança a um trabalho meticuloso e difícil: a História de Rio Preto, século dezenove. Voltei a falar com ele em 02.04.2000, por telefone. Como é amigo do Zezão (J. Oliveira), solicitei-lhe perguntar ao velho tocador de tuba, se se lembraria do tocador de banjo da Paratodos que ficou faltando na legenda da foto de 1934. Zezão não tem telefone.

Fui à casa de Silveira Coelho para me despedir no domingo. Uma figura *sui generis* de nome Beija-flor<sup>385</sup>, amigo da família, naquele 24 de julho de 1999, havia feito uns servicinhos de pedreiro por lá. “Quantas e quantas vezes não apresentei Canarinho e Beija-flor na B-8... Era época do Santos e Seu Conjunto de Gaitas, Sonhadores do Luar, que abriam os nossos *shows*”, afirma Silveira.

Quando peço para Silveira repetir no meu gravador<sup>386</sup> a apresentação de Canarinho e Beija-flor, ele pergunta ao Beija-flor, que estava terminando de enfiar a botina, antes de reprisar: “onde é que vocês moravam naquele tempo?” Com o seu jeito simples de homem da terra, embolando as palavras, responde Beija-flor: “Aquele tempo nós morava no engenho do Maneco Martins, perto da chácara... Jardim Maracanã, onde é o Recanto Real hoje.”

“Senhores ouvintes da Rádio Rio Preto, PRB-8. Temos a satisfação de apresentar agora Canarinho e Beija-Flor”, anuncia Silveira, que em seguida imita com uma vozinha mirrada o Canarinho. “Auditório, o bom-dia do Canarinho.”

<sup>384</sup> Agostinho Brandi, professor, historiador, discófilo, pesquisador, colecionador de partituras antigas, jogador de futebol (o Tino). Nasceu em Guapiáçu, SP, em 20.08.1931. É conselheiro do Condephact. Como professor, atuou nos melhores estabelecimentos de ensino de Rio Preto. Como goleiro, jogou no América, Rio Preto, Palmeiras, Ferroviária e outros.

<sup>385</sup> Durval de Souza, lavrador, construtor, cantor de música sertaneja, nasceu em S. José do Rio Preto, em 15.09.1937. Segunda voz da dupla Canarinho e Beija-flor, da década de 50. Nos anos setenta, a dupla apresentava-se na TV Record, programa *Porteira das Oito*. Hoje, Durval faz dupla com Lécio (Lécio e Beija-flor).

<sup>386</sup> Todos os depoimentos constantes deste livro foram tomados sem gravador, à exceção do de Silveira Coelho, de 24.07.1999.

Passo o microfone para o Beija-flor e ele, com um vozeirão bem grosso: “E o bom-dia do Beija-flor”. A teatralização é acompanhada por gostosas gargalhadas. Beija-flor mora com Vieira, da velha dupla Vieira e Vieirinha, “os maiores catireiros do século vinte”, segundo Silveira. Hoje, Vieira canta com Vieira Júnior.

“Na década de 50, os grandes cartazes da música sertaneja eram Zé Carreira e Carreirinha, Vieira e Vieirinha, Sulino e Marroeiro, Torres e Florêncio, Silveira e Barrinha. Esses os principais”, esclarece Silveira Coelho. “Era a música sertaneja pura, o que chamamos de música-raiz – moda de viola, cateretê, catira, recortado, cururu. Penso que 90% das pessoas já não querem mais ouvir esse tipo de música. Preferem Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, Gian e Giovani. São bons também, mas não é a música sertaneja legítima. Já sofreu a influência da música paraguaia e da música mexicana.”

Silveira se empolga com tudo que se relaciona à música do sertão: Um trecho de *A Volta do Boiadeiro*, gravado por Sulino e Marroeiro, é declamado por ele, enquanto Beija-flor sorri, apertando os olhos pequenos e brilhosos: “Quem não sentiu o ar puro das campinas, quem nunca ouviu um berrante em surdina, não viu a lua deitado sobre um baixeiro, não sabe, amigo, quanto é bom ser boiadeiro.”

A conversa gira rápida em torno de curiosidades, piadas, lembranças de todo o tipo. “Eu já ensinei o Padre-Nosso pro vigário. E Ave-Maria também. Trabalhava na PRB-8. Era operador de áudio, por sinal a profissão mais sacrificada da Rádio. Às seis horas da manhã, na década de 60, apresentava-se um padre holandês do seminário, chamado Reinaldo. Quando ele faltava, vinha um substituto dele chamado Emmanuel, também holandês, usava batina preta. Eram simpatíssimos os dois. Certo dia, o padre Emmanuel estava fazendo a Ave-Maria. Ele se esqueceu de uma parte... sumiu da cabeça dele. O estúdio e a técnica ficavam com a porta aberta. Olhou para mim, olhei para ele e gritei: ‘Santa Mariiii’. E ele continuou: ‘Santa Maria, mãe de Deus...’. Depois esqueceu o Pai Nosso. E eu: ‘o pão nosso de cada diiii’. E ele continuou direitinho”, termina Silveira, rindo. Dona Ivani, da cozinha, atenta à conversa, dá um sorriso de leve deboche, daqueles que no fundo representam ao mesmo tempo cumplicidade, aprovação e admiração pelo marido. “Viu só como ensinei o Padre-Nosso pro vigário? Ou então, lembrei o Padre-Nosso pro vigário.”

Silveira passaria muito tempo tirando coisas do baú. É uma memória viva do rádio. Sobre gafes, conta uma atrás da outra: “J. Ávila (J. Hawilla) certa vez anunciando aquela música *O Seu Cabelo Não Nega* disse ‘o seu cabelo não, nêga’. O Paulo César Martins, que até há pouco tempo foi jornalista da Câmara, dizendo de uma música do Jacó do Bandolim, chamada *1 x 0*, leu: ‘de Jacó do Bandolim, ouviremos o chorinho ixo’. Outra foi com o comentarista esportivo Vila. Quando alguém perguntou ‘o que é que houve aí, Vila?’, ele: “Ouve a Rádio Difusora de Mirassol.”

Essas estórias vão se perdendo no tempo e acabam mudando de personagem. Amaury Júnior relata que isso aconteceu na Rádio Independência e o protagonista foi o J. Hawilla, então repórter de campo. O jogo era narrado por Alexandre Macedo. “Na hora do pênalti, Alexandre pediu a intervenção de Hawilla: ‘Hawilla, o que houve aí?’. O repórter, que se desvencilhava de um

cipal de fios, atrapalhou-se. ‘Aqui ouvem a Rádio Independência, ZYK 967, 1240 kilociclos’”, conta Amaury.

Silveira apresentou Mário Zan, no Rio Preto Automóvel Clube (autor de Quarto Centenário, Trem de Ferro, de muitas músicas juninas). “Para mim é o maior sanfoneiro do mundo. Apresentei Ângelo Reale, sanfoneiro de São Paulo, Mato Grosso e Matias, Milionário e José Rico, Trio Dólar de Prata, Roberta Miranda, Santos e Seu Conjunto, Alvarenga e Ranchinho. Não vou me lembrar de todos. Também João Paulo e Daniel, Jean e Giovani, Chitãozinho e Xororó, Sula e Roberta Miranda, Pena Branca e Xavantinho.”

Os assuntos vão surgindo naturalmente. “Comecei no rádio em 1945, como cobrador. Em 1948, eu era cobrador e operador de áudio. Depois que me casei, tornei-me cobrador, operador e corretor de publicidade. Em 1954, comecei como locutor também. Fui vereador por duas vezes na Câmara Municipal. Não gastava um tostão pra me eleger. Era só pela presença e por fazer bem aos outros. Luiz Homero é uma pessoa espiritualizada, evangelizada. Mas não se declara de religião nenhuma. É ecumênico. O acervo do Cascatinha e Inhana está em Rio Preto, na Casa da Cultura. A mesa da B-8? Era a válvula. Já não existe mais. A B-8 trabalhava com 1.000 W, em 640 quilohertz. Na década de 60, havia uma emissora de Porto Alegre que operava na mesma frequência e que entrava no ar às sete. Das seis às sete, então, o meu programa da B-8 invadia o Rio Grande do Sul. Recebi muitas cartas de Caxias do Sul e Bento Gonçalves.”

Desculpem, mas a memória de Silveira Coelho é maior que o espaço que disponho.

Retrocedendo a 1964. Outubro transcorria normalmente. Quase normalmente... Dinheiro acabara. Altino até completara para pagar o conserto do amplificador. Carangola na iminência de ir visitar sua família, bem no dia de uma possível apresentação no Sírio. *I want to hold your hand* sendo rodada no *Torneio Musical Americanflex* da Rádio Independência. No programa *Ronda Social* do César, para nossa surpresa, reprise de parte de nosso *show* no Monte Líbano, que havia sido gravado. Especulações em torno de acompanharmos Prini Lorez no Palestra.

No dia 8, mais uma apresentação no *César Comanda a Juventude*. Usamos bateria do Taruga, guitarra e amplificador do Mário Longhi que, por sinal, não gostou. Registro um lamento: “*como é chato depender dos outros*”. Nenhuma música nova. Paulo não tirava músicas novas porque não tínhamos guitarra... E eu me lamentava mais uma vez, nos meus quinze anos de inexperiência: “Prezado leitor, se estiver com a idéia de formar um conjunto, tire isso da cabeça, pois não é mole, ou então arranje um padrinho milionário.”

“Quem lê pensa... Esse César...”, é o meu comentário às notícias exageradas de César Muanis quanto aos *Asteróides*.

E outubro vai seguindo. Big Boys haviam rescindido contrato com o Sírio. A nossa intenção de substituí-los é indisfarçável. Apresentamo-nos em 12 de outubro no *Atrações Araújo Neto*, auditório Raul Silva, Rádio Rio Preto, 21h40. Fomos sem o Paulo. Uma música nova acrescentada ao repertório: *O Terror dos Namorados*. Comento que o auditório desse programa era bem melhor que o do programa do César.

Araújo deu-nos “dois cabrais”. Mas o melhor mesmo de outubro foi ensaiarmos no dia 14 com a nossa própria bateria. Era uma Caramuru, da It Magazine. Nem se comparava à Saema, muito mais cara, famosa e de qualidade. Mas era nossa. A compra que foi à prestação, envolveu empréstimo da dona Etelvina e cheque pré-datado do Demair. Nesse mesmo ensaio, violão elétrico do Carlito.

Dia seguinte, Demair partiu para a sua terra, a passeio, levando o nosso primeiro 78 rpm. Tivemos que cancelar apresentações no programa do César. Fui fazer isso pessoalmente e tive que cantar três músicas acompanhado pelo Mário Longhi. Nossa música era classificada mais uma vez no *Pára ou Continua*.

— Sabe que nem sei onde foi parar esse disco que levei? – comentaria Demair em dezembro de 1999, por telefone. — Eu era muito pirado. E bebia demais.

No dia 17, contratados pelo Sírio, apresentamos um *show* dentro do baile, que durou até as quatro horas. Aramis foi o baterista e o contrabaixista do Farath nos deu uma mão. Acabamos tocando mais que o combinado, já que executamos algumas seleções, revezando com o Farath, Renato Perez e Heleninha – e também recebendo menos que o combinado... Falta de contrato dá nessas coisas. “Aramis era famoso por ter participado de gravações profissionais no Rio de Janeiro e por sua alegria contagiante. Era um bonachão”, comenta Altino, em 1999. De Aramis, sei que lia partitura de bateria.

Renato Perez, nesse dia, gostou muito da atuação do Flavinho e fez questão que ele tocasse uma música em seu sax-barítono. Não avaliávamos, então, o grau de ligação entre eles.

“Eu era um tremendo cara-de-pau”, afirma Flávio quanto ao fato de tocar com Renato. “Ia tocar com o grupo do Renato Perez – nossa ligação afetiva levava a isso – ele dizia que eu era seu sobrinho, eu o chamava de tio. Quando eu tocava o sax-barítono dele, acabava virando atração. A primeira vez em que improvisei

### **Terror dos Namorados**

*Erasmus & Roberto Carlos*

Eu vivo num dilema, não sei como parar  
Tenho um problema, minha vida é beijar  
Eu beijo qualquer uma garota que vier  
Vendo, troco beijos, facilito a quem quiser  
Beijo as lourinhas, beijo as moreninhas  
Eu beijo, beijo, beijo, beijo, beijo,  
beijo, beijo

Já não saio à rua, não vou mais passear  
Pois a qualquer hora dá vontade de beijar  
Porém modéstia à parte, meu beijo é diferente  
Tem alguma coisa que tonteia toda gente  
Eu beijo com jeitinho, beijo com carinho  
Eu beijo, beijo, beijo, beijo, beijo,  
beijo, beijo

É por isso que me chamam  
Terror dos Namorados  
O homem que possui aquele beijo tão falado  
Quero tomar jeito e deixar de beijar  
Mas eu não consigo mais parar...

Pois já me acostumei a ser um beijador  
Meus beijos são pequenos mas cheinhos de amor  
Se paro um dia ou dois, dói meu coração  
E os brotos todos dizem que detestam solidão  
Querem me abraçar, querem me beijar

Então eu beijo, beijo, beijo...

foi numa situação dessas, em uma Festa de São Pedro em Mirassol, onde havia quermesse e tudo o mais<sup>387</sup>”.

Em julho de 98, estive por duas vezes com Renato Perez. Heleninha não estava mais com ele. Agora morava em Ribeirão. Estavam separados desde o início dos anos 80. A irmã Vanda Perez, zelosa e dedicada, percebe-se, é quem lhe dá o apoio que ele tanto necessita em tempos difíceis de enfermidade. Havia ligado antes e agendado, sabedor de que Renato fazia hemodiálise, três sessões por semana. Buscava um horário que não atrapalhasse. Dizem que as sessões dão um esgotamento físico muito grande.

A casa é simples, a sala pequena. Na parede, cartazes de propaganda de bailes, do tempo da primeira *lady-crooner* Neide Salgado. Chama a atenção uma foto autografada da Elis Regina. Foto do primeiro conjunto, foto da orquestra Osmar Milani<sup>388</sup>, de Simonetti, fotos antigas, com a família. E fotos com Farath, Casé, Juca de Oliveira, Chiquinho Salla. Numa delas reconheci Sérgio Baffi<sup>389</sup>, um grande amigo desde a adolescência. Havia me esquecido que Renato é tio dele. Mário Perez está sempre presente, tanto nas fotos como na carreira de Renato. Diz-se que Mário se realizou mais como arranjador do que como instrumentista. Fundou algumas orquestras.

Na parede, também, um artigo de Luiz Carlos Rocha, escrito em Catanduva. Renato menciona orgulhoso que Juca de Oliveira, seu grande amigo, mandara fazer o quadro. Um trecho – *“Quando Renato agarra-se ao seu saxofone, parece transportar-se para fora da realidade palpável, para fora do mundo dos chacrinhas, parece transformar-se numa parte do instrumento, parece confundir-se com ele, identificar-se com seus registros, com as belas notas que sua alma impulsiona para deleitar a todos.”*

Quanto a Juca de Oliveira, Renato lembra uma estada sua em Piracicaba. Juca encenava Otelo. Quando soube que o amigo saxofonista estava se apresentando na cidade, reservou vinte lugares para o elenco no mesmo restaurante em que, soube, Renato estava almoçando. Não se viam havia vinte anos.

Bastaram poucos minutos para que eu fosse considerado um amigo da família, tanto é que naquele 25 de julho levei para casa o *book* de Renato e até o primeiro CD, para oferecer para os amigos de Rio Preto e Brasília. Alguns jornais também.

Leio os jornais até de madrugada. *A Notícia* dizia da situação de Renato, em 16 de outubro de 1994. Os amigos, sensibilizados mobilizavam-se para ajudá-lo. Renato, então com 65 anos – dos quais 43 dedicados à música – passava por momentos difíceis. O renomado saxofonista declinava o nome de vários amigos, presentes e atentos ao seu drama. Renato, aclamado pela crítica por onze vezes

<sup>387</sup> 19 de junho de 1965.

<sup>388</sup> Osmar Milani, trombonista, maestro, nasceu em Cedral em 21.01.1920. Seu pai, João Milani, era maestro. Integrou as orquestras Paratodos, Cassino do Guarujá, da Rádio Cultura, da Rádio Record, Excelsior e Nacional, Orquestra Sinfônica de São Paulo. Foi fundador, regente e arranjador da Orquestra Osmar Milani na TV Paulista/Rede Globo e SBT.

<sup>389</sup> Sérgio Baffi, administrador, nasceu em Urupês, SP, aos 29.02.1948, é filho de Melchior Baffi e Anely Perez (irmã de Renato Perez). Atualmente, vive em Porto Velho, RO, casado com a médica cardiologista Iêda Erse Campos.



Renato Perez se apresenta em Mirassol



Renato Perez e Simonetti



foto acn

Renato Perez e sua irmã Vanda – julho de 1998

Hoje, o Segundo Show dos Trogloditas, em homenagem aos mestres, no auditório do Instituto, às oito horas da noite. Em seguida, no pátio, Baile de Coroação da Rainha do CERB, abrilhantado por Renato Perez e Orquestra.

Ebrahim<sup>390</sup> Ramadan, 13.10.1956

Eu nasci cansado,  
Chateado,  
Inconformado  
Com tudo que estava errado  
Antes mesmo de eu nascer.  
Por isso a mim pouco importa  
E me sinto lisonjeado  
Quando com inveja me chamam  
De espírito revolucionário.

Ebrahim Ramadan, 1957

como o melhor sax-barítono do Brasil, interrompera sua carreira fazia oito anos. Trocara os palcos pelo hospital em sessões semanais de hemodiálise. O desânimo era visível. Acabara – para completar a sua infelicidade de ter de parar de tocar e de estudar – de submeter-se a uma cirurgia no pé.

O pior é que não tocar agravava ainda mais o seu estado de saúde. Renato havia vendido o sax-barítono para se manter e dar continuidade ao tratamento. Isso lhe doía profundamente. Isso nos faz pensar em qual seria o caminho para que os músicos tivessem amparo na velhice ou na doença. Um fundo mantido pelas gravadoras? Uma reestruturação na Ordem dos Músicos? Incentivos do Governo?

Em 1994, Renato Perez já contava com quatro LPs e dois compactos. Haveria mais dois CDs até 1998. Já havia recebido mais de dez troféus. A crítica o respeitava muito. “O reconhecimento é um alimento para o artista. Nada mais gratificante do que sentir que as pessoas estão gostando do que faz”, diz Renato. Não escondia, na reportagem de 94, a sua preocupação com o avanço da música sertaneja, ‘o que se tinha para ouvir’, um misto de brega, bolero e clarinadas mexicanas. Fazia um desabafo nostálgico quanto ao tempo das grandes orquestras. Mesmo assim, seu desejo maior era voltar a tocar. “Adoro samba, jazz, bossa-nova”, confessa.

Renato nasceu em 10 de novembro de 1928, num sítio, nos arredores de Ibirá. Filho de Romão Perez, espanhol, e Maria Mozini, filha de italianos, desde pequeno interessara-se pela música. Sua mãe ia para a procissão e Renato ficava na praça, ouvindo a banda tocar no coreto. Eram seis irmãos: Anely, Nair, Renato, Mário, Otávio, Vanda.

---

<sup>390</sup> Ebrahim Ali Ramadan, jornalista, formado em Sociologia e Política, professor universitário, escritor, nasceu em Cedral, SP, aos 27.12.1935. Em 1956, Foi diretor do CERB – Centro Estudantil Rui Barbosa, do IEMG. Primeiro cronista social do *Diário da Região*, trabalhou em vários jornais de Rio Preto e São Paulo. Autor de vários livros.



CD "A Noite do Meu Bem"  
Renato Perez e Seu Conjunto



Apoio cultural: GV Holding S.A. e Secretaria Municipal de Cultura de S. J. do Rio Preto

O grande impulso que Renato teve para lançar-se no mundo da música foi com Pedrinho de Guararapes. Ao passar certa vez por Ibirá, o maestro Pedrinho deixou um clarinete com o então rapazola Renato. Ele não lia partitura, mas o que pôde fazer de ouvido foi o suficiente para Pedrinho, um ano depois, levar Renato com ele. Mas se não fosse Pedrinho, seria outro.

Começariam as andanças musicais de Renato, então com 19 anos. Em 1951, ele ajudou a formar a orquestra Marajoara. De 1955 a 59 teve a sua própria, a Renato Perez e sua Orquestra. O então prefeito Alberto Andaló o prestigiava muito. Com a morte de Andaló<sup>391</sup>, Renato não mais conseguiu suportar os gastos para a manutenção do grupo.

Renato tem um *currículum* musical invejável. Passou pela Record, esteve na Rádio Nacional e TV Nacional por cinco anos. No antigo Canal 9 – Excelsior trabalhou por três anos e meio. Passou pela Tupi também. Integrou orquestras de gente famosa, além da de Pedrinho de Guararapes – a de Simonetti e a de Osmar Milani. Tocou com a Banda Veneno<sup>392</sup>, com Élcio Álvares, com Ed Mandarino, com os Modernistas. Subiu muitas vezes ao palco com Paulo Moura, com quem se hospedava com frequência. Seu sax abrilhantou apresentações de artistas como Roberto Farath, Carlos Pipper, Ângela Maria, Hermeto Paschoal, Lupicínio Rodrigues.

Foi Hermeto quem apresentou Lupicínio ao Renato, numa boate em São Paulo, perto da Praça da República. “Ele gostava de uma pinguinha com limão. Fizemos algumas farras com algumas mulatas. E ele chegou a convidar-me para morar com ele”, afirma Renato no sofá da sala, enquanto folheio o seu *book* em branco e preto.

Quando menciono Heleninha, a excelente cantora, ao som de cuja voz tanto dancei quando adolescente, Renato lembra que conheceu-a nas suas incursões pela noite, em 1961. Tiveram uma filha em 1969, Renatinha, que hoje vive com a mãe.

Foi difícil para Renato autografar um CD para mim. O diabetes o levou quase à cegueira completa. Mas Renato não desanima. Estuda todos os dias. Pena que já não possa mais ler partitura. Os problemas de Renato, relatados em 1994, só permitiram que ele voltasse a tocar dois anos depois. O *Diário da Região*<sup>393</sup>, em 1996, dizia que Renato estava à espera de um transplante, fazia hemodiálise dia sim, dia não, voltava a tocar e queria fazer *shows*, movido por uma vontade de ferro de sobreviver, musicalmente também.

<sup>391</sup> Alberto Andaló nasceu em 1916, falecendo em 02.11.1959, aos 43 anos, no exercício do mandato que iniciara em 1956. Formado em Direito, Andaló foi vereador, deputado estadual, juiz de direito, professor. Consideram-no um dos maiores prefeitos da história do município. Principais obras: canalização dos córregos Canela (onde a avenida que leva o seu nome) e Borá (Av. Bady Bassitt), Plano Diretor e Lei do Zoneamento de Rio Preto, extensa obra de infra-estrutura de água e esgoto estendida à periferia, primeiras casas populares, construção da estátua do Cristo Redentor no bairro Maceno. Em 1956, Andaló recebeu das mãos de Juscelino Kubitschek, então presidente, o diploma conferido pelo IBAM a S. J. do Rio Preto como o Município de Maior Progresso do Brasil – *Dicionário Rio-Pretoense, de Lelé Arantes*.

<sup>392</sup> Banda Veneno, de Erlon Chaves, irmão de Wilson Simonal.

<sup>393</sup> Reportagem de Luama Socio, em 29.05.1996.

Em março de 1999, Renato perderia a visão, em função do diabetes. A morte de Mário Perez, seu irmão, o abalara muito...

— Renato está desiludido, Ari. Está aqui do meu lado, pedindo que você o inclua em suas preces – diz dona Vanda, ao telefone, em 5 de abril.

— Diga a ele que desistir, jamais. Deus é grande. E está no leme! – foi o que pude passar no momento.

O pianista Helládio, hoje morando em Brasília, saudoso de Rio Preto, conviveu com Renato. Seu depoimento deu-se em 12 de novembro de 1999, em que cita quatro grandes nomes da música de Rio Preto: Renato, Bongô, Roberto Farath, Luís Carlos Ribeiro. Renato já havia morrido. “Apesar de estar morando na capital federal já há dez anos, sinto imensa saudade de Rio Preto, onde aprendi muito profissional e musicalmente, com pessoas importantíssimas que ali atuavam. Renato Perez era um sábio, o primeiro músico com quem trabalhei em Rio Preto.” Helládio enfileira vários adjetivos para falar do amigo boêmio, irreverente, virtuoso, iluminado. “Incrível como conseguia tocar a noite inteira com seu sax-barítono de sete quilos dependurado no pescoço”. Conta que Renato adorava desenhos animados. “Parecia uma criança grande.”

Além de particularidades, usava o eufemismo de chamar uísque de “anisete”, Renato era especialista em macarronada, que preparava com uma inseparável Velho Barreiro do lado. “E quem não se lembra”, emenda Helládio, “do Renato descendo a Tiradentes em ‘ponto morto’ no seu gálgaxie branco?” A face irreverente também é exaltada: “Renato, quando passava uma mulher sensual perto do palco, tirava a boca da boquilha rapidamente e dizia: ‘ótima para o sistema frango assado...’”

E Helládio vai rememorando: “Outra pessoa maravilhosa com quem trabalhei foi o baterista Bongô, músico excelente, especial, sistemático. Era de Barretos, mas seu reduto era o Hotel Camareiro, onde tinha a sua coleção de fitas de jazz, sua paixão. Gostava de língua, prato que o hotel servia uma vez por semana. Bongô não bebia, mas fumava com exagero. Ensinou-me muita coisa, quando trabalhamos em casas noturnas de Rio Preto.” Helládio e Bongô também deram aulas juntos no Instituto Villa Lobos. “Depois que Bongô faleceu, Rio Preto ficou carente de um bom professor de bateria. Bongô era competente. E dedicado em tudo o que se relacionava com a profissão.”

Segundo Helládio Rio Preto sempre foi o berço de grandes músicos, como Roberto Farath, hoje ‘patrimônio’ do Automóvel Clube. “Sempre alegre, contador de histórias, Roberto, no meio musical, sempre foi considerado o melhor dos pianistas. Não posso esquecer de mencionar também o Luís Carlos Ribeiro, ótimo pianista, arranjador, que levou o nome de Rio Preto a tantas partes do País, com sua orquestra, acompanhando Gregório Barrios.”

Ao mesmo tempo em que homenageia seus colegas, Helládio não dispensa as críticas. “Sinto saudades. Pena que Rio Preto hoje dê pouca atenção aos músicos. Temos uma Orquestra Sinfônica doente, por falta de recursos. Na noite, em bares, restaurantes, não valorizam o profissional. A cultura está nas mãos de quem só lida com a sociedade. Na minha opinião, a Secretaria de Cultura tem

“*Na Baixa do Sapateiro*, de Ary Barroso, com Renato Perez e Orquestra Simonetti. Arranjo: Enrico Simonetti. À época, Renato era tido pela crítica como o maior sax-barítono do Brasil. Segue-se a performance de Os Modernistas, em *Taboo*, de M. Lecuona, num arranjo de Mário Perez. Os Modernistas eram liderados pelo maestro Luís Carlos Ribeiro e o baritonista Mário Perez. Gravaram dois LPs pela Chantecler. Incorporavam às suas apresentações *shows* de imitações e humorismo, a cargo dos músicos José Cunha (Boca) e Balthazar. Integram o conjunto: Laquimé (trombone), Dubail (sax-alto), Valdir Silva (sax-tenor), Mário Perez (sax-barítono), Luís Carlos Ribeiro (piano), Genésio Rodrigues (guitarra), José Antônio Fernandes (bateria), Balthazar (contrabaixo), José Cunha (ritmista), Antônio Netto (crooner), Nelson Papinha (piston).

“*Nossos Momentos*, com Antônio Netto e Os Modernistas. O cantor gravou também um LP, intitulado *Sambas de Hoje*. Em *Begin the Beguine*, de Cole Porter, temos o excelente desempenho da Tropical Jazz Band, sob o comando do maestro Luís Carlos Ribeiro, que viajou pelo País e gravou quatro LPs, com Gregório Barrios. Em 1996, a Tropical continuava atuante, liderada por Valter Furlaneto. Nesta gravação, a formação era Luís Carlos Ribeiro (piano), William Bassitt (bateria), Valter Furlaneto (baixo), Wande (teclado), Marquinho Angelotti (guitarra), Boca, Cantinflas, Salito e Luizinho Ribeiro (percussão), Defico, Toniquinho e Cordeiro (sax), Laquimé (trombone), Garcia e Fino (piston).

“*Carinhoso*, de Pixinguinha, arranjo de Roberto Farath. Roberto Farath é um dos nomes mais conhecidos no meio musical de Rio Preto, apesar de ter pouca coisa registrada fonograficamente. Pianista e acordeonista que brinca com seu talento os associados do Rio Preto Automóvel Clube há meio século. Conhecido em todo o País e admirado por leigos ou doutores em música.

que direcionar a feitura de eventos para a população mais carente, coisa que ainda não acontece na cidade”.

Foi em 19 de outubro de 1964, com Demair já de volta, com o Inocêncio a tiracolo, que fomos mais uma vez ao Araújo. Estava lá o *disc-jockey* Antônio Aguilar<sup>394</sup>, de São Paulo. Terminado o programa, conversamos bastante com ele. Ao tempo em que nos convidou para tocar em seu programa *Reino da Juventude*, no Canal 7, também fez elogios e críticas ao conjunto. Disse que tocávamos muito tristes. Precisávamos, na condição de conjunto de ritmos modernos, de mais alegria, de coreografia. Mais tarde nos elogiaria em Catanduva...

Para dar uma folga para a mãe do Altino, estávamos tentando ensaiar no Sírio ou no Bancários, mas acabamos ficando no velho reduto. Sobre um caso engraçado relacionado ao Clube Bancários, é Kaiser quem se reporta: “Bolinha havia sido suspenso. Era Carnaval e ele queria entrar de qualquer jeito e o porteiro não permitia. Mandou chamar o presidente, o Roberto Cecconi, alegando que era seu ‘amigo’, ao que o porteiro disse: ‘Bolinha, você não pode entrar, porque o estatuto não permite’. Bolinha disparou então: ‘Pois chame o Estatuto, que também é meu amigo’.”

Ainda em outubro, Flavinho e Altino tocaram em Ibirá, e Demair tocou com Os Bambas. E um banho de água fria – Os Big Boys voltavam a tocar no Sírio, fazendo com que voltássemos os olhos para a Boate Independência. Algumas negociações eram feitas com o Florindo Mani<sup>395</sup>, da Jóia, pagando dívidas com material usado.

Por que Florindo Mani era condescendente conosco? Ora, porque ele sempre foi um dos

<sup>394</sup> Antônio Aguilar chegou a morar em Rio Preto, atuando profissionalmente em rádio local.

<sup>395</sup> Florindo Mani, proprietário da Jóia Musical era maestro. Formou-se também como violinista em 1956. Nasceu em Araras, em 25.05.1908, falecendo em Rio Preto, em 03.02.1985. Foi presidente do Rio Preto Esporte Clube, fundador da Orquestra Sinfônica de Rio Preto, em 1945. Chegou a apresentar o programa *Saudade* na PRB-8. Na sua versatilidade, Mani foi também regente de trilhas do cinema mudo, em 1928. Integrou as orquestras Paratodos e Jazz Paulista, nos anos 30. A Orquestra Sinfônica hoje leva o seu nome.

maiores incentivadores do movimento musical na cidade. “Chora a pitanga” era uma expressão de Mani para levar os intérpretes a colocar a alma na performance. Ele doava instrumentos, financiava uniformes. Era chamado com frequência de Pai dos Músicos.

Em 27 de junho de 1996, Florindo Mani foi homenageado, juntamente com outros nomes importantes da música de Rio Preto, num *show* que movimentou a cidade. Um CD foi lançado em sua homenagem<sup>396</sup>. Peço licença a Fernando Marques, o produtor do referido disco, para relacionar as faixas e basear-me no seu texto de 1996, da parte interna, ao mesmo tempo em que recomendo a esmerada produção aos leitores. Faço-o como tributo ao meio musical de minha terra.

Foi em 28 de outubro de 1964 que nos apresentamos eu, Altino, Flavinho e Demair na Boate Independência. O baixista foi o “gordão” do Farath. Era uma apresentação experimental. Júlio Cosi<sup>397</sup> não queria muita gente. Não sabíamos quem de nós seria cortado. Ficamos empolgados com uma excelente bateria nova que a Independência comprara. O piano estava afinado. Mas nem tudo funcionou a contento. Um defeito no sax fez com que Flávio ficasse chateado e fosse embora.

Em 30 de outubro, fazíamos uma gravação doméstica de quatro músicas com um supergravador do Wilson, que compareceu à casa do Altino com o Pereira Brito. Ficou razoável. Vítor foi o nosso baixista. Como sempre, violão do Carlito, amplificador do Jamal. Nas minhas anotações eu considerava apresentação aquela que

“Na faixa *Tema de Lara*, de Maurice Jarré, temos o arranjo e a virtuosidade de José Rastelli, a maior lenda viva da história musical de Rio Preto. Gravou oito LPs pela Chantecler e em 1996 acabava de gravar o seu primeiro CD, intitulado *Caminhos*. Coisas de gênio.

“*Caruaru*, de Roberto Corrêa e Marinho Giglio, com arranjo de Sandra P. Chacon nos traz o Coral do Teatro Municipal, dirigido por Humberto Sinibaldi Neto. O Grupo surgiu em 1973. Gravou um LP, pela iniciativa do jornalista Amaury Júnior. A direção musical e piano, em *Caruaru*, foi de Roberto Farath e contou com os músicos: José Cunha (Boca) – efeitos sonoros e percussão, Clodoaldo Canizza Jr. – percussão e violão de doze cordas, Roberto Corrêa – violão e cavaquinho, Joaquim Pereira dos Santos – violão e cavaquinho, Lídia Nunes da Silva e Maria Aparecida Ortega – solistas.

“Segue-se *Bateria Mestre Boca*, com José Cunha de Oliveira Mourão (Boca) e Bateria. O arranjo também foi de Mestre Boca, considerado o maior percussionista de Rio Preto. Mestre em evolução rítmica, Boca é sinônimo de batuque brasileiro, o que muito enaltece o nosso cenário musical.

“*Moleque da Mãe*, com Vicente Serroni, nos traz aquele que foi o primeiro compositor rio-pretense a gravar um disco, em São Paulo/1982, intitulado *Moleque da Mãe*, nos estúdios Vice-versa, com os músicos: Turquinho Alves (bateria), José Pienasola (contrabaixo), Nico Rezende (teclados), Welson Tremura (violão e voz), Alceu Cecato (gaita), Marco Bosco (percussão) e Serroni (voz).

“*Faltando Alguém*, de Benê, Lôri e Pedro Jonathas, é com o Grupo Realejo, que também fez o arranjo. Grupo Realejo é um dos maiores representantes da música rio-pretense dos anos 80. Gravou dois LPs: *Sonho de Adulto*/1984 e *Anjo*/1985, que também foram lançados em CD/1996.

<sup>396</sup> *Antologia Musical de S. J. do Rio Preto – Tempo Livre*, 1996 – produzido por Fernando Marques, dedicado à memória de Florindo Mani. Da “velha guarda”, gravações de Renato Perez, Os Modernistas, Antônio Netto, Tropical Brazilian Band, Roberto Farath, José Rastelli, Mestre Boca. Destaque-se ainda, no CD, gravação do Coral do Teatro Municipal. Representando os compositores emergentes, Altino B. Marques Filho, José Celso Barbeiro, Vicente Serroni e Fernando Marques.

<sup>397</sup> Júlio Cosi (29.03.1895-02.09.1982), radialista, jornalista, comerciante. Foi fundador da Rádio Independência AM, em 1961, e de outras. Fundou importantes associações de classe. Trabalhou em jornais e revistas de renome no Estado de São Paulo. Quando o jornal *O Estado de São Paulo* foi fechado em 1940, Júlio Cosi foi preso pela Polícia Federal com outras 32 pessoas.

Formado por Lôri Ferreira (violões e voz), Benê Ferreira (violões e voz), César Meneguette (bateria, percussão e vocal), Zé Luís (percussão), Luís Jardim (teclados e violão), Érico Ferreira (violão, bandolim, charango, viola caipira, flauta e percussão).

“*Cine Casa Blanca*, de José Celso, Altino B. Marques Filho e Emerson Martini, com Altino & Cia Ilimitada, arranjo: Osvaldir Castro e Altino. Os maiores representantes e ganhadores de festivais de música de Rio Preto são o médico psiquiatra Altino Bessa Marques Filho e o engenheiro José Celso Colturato Barbeiro. *Cine Casa Blanca* foi gravado em 1985, com a participação dos músicos Turquinho Alves (bateria e percussão), Jonei (contrabaixo), César Meneguetti (percussão), Moisés do Carmo (teclado), Welson Tremura (voz e violão), Osvaldir C. Castro (flauta), Altino Bessa (piano *kawai*).

“A faixa seguinte corresponde à música *O Tom do Brasil*, de Fernando Marques e Luís Marossi, com Fernando Marques e Banda. O arranjo é de Fernando Marques, considerado o compositor mais ativo da cidade. Gravou três LPs: *Improviso*, em 1988, *Fernando Marques & Sandra Brito*/1990, *O Tom do Brasil*/1993. Em 1994, gravou seu primeiro CD – *Brazilian Bossa*. Todos estes trabalhos foram lançados por seu próprio selo, Tempo Livre, em sociedade com Serroni. Produziu ainda os discos: *Compositores de São José do Rio Preto*/1995, *Caminhos de José Rastelli*/1996, *Jorge Bechara*/1996 e passou os LPs *Sonho de Adulto* e *Anjo* para CD, em 1996.”

**Antologia Musical de S. J. do Rio Preto** – Tempo Livre, 1996  
(texto com adaptações)

contasse com pelo menos três de nós. À noite, fizemos nossa 43ª apresentação na Boate Independência. Contrabaixo a cargo do Scarambone, vulgo “Vô”, que tocava muito bem. Em princípio, seríamos um quarteto: Vô, Altino, Demair e Eu. Flavinho ficaria de fora. Encurtávamos nossas seleções. Nesse dia, tocou um pouco conosco o Ivan<sup>398</sup>, dos Big Boys.

Finalizaríamos o mês em Potirendaba, no Clube Icaray. Geraldinho, o ritmista foi também. Uma surpresa para o Altino – não havia piano. Teve que se arranjar com um acordeom. Versatilidade foi o tom da apresentação. Altino tocando acordeom e bongô, Paulo tocando guitarra e contrabaixo, Geraldinho tocando bongô, acordeom e cantando, eu tocando bongô, cantando, participando do concurso de *twist* – ora vejam – e bancando o eletricitista. “Geraldinho, na oportunidade, apresentou seu repertório total de dois boleros, repetidos a cada quatro ou cinco músicas do repertório original dos *Asteróides*”, apela para a memória Altino.

Começo de novembro, Paulo comunica que passaria uma semana no Rio. Devolvemos, então, o violão do Carlito, e Flavinho foi para Ibirá. Só que Paulo não foi para o Rio... Grrr!

Com o recebimento do cachê do baile de Potirendaba e da Independência, nosso caixa ficava equilibrado, permitindo que pagássemos algumas dívidas e comprássemos um disco dos Beatles e outro do Tony Campello. Eu anotava que Demair pedira transferência do banco<sup>399</sup> – queria ir para sua terra. Não queria que eu contasse para o Altino. Paulo não estava comparecendo aos ensaios – não havia instrumento para ele. O sax do Flávio necessitava de conserto. Demair ganhava um apelido – caixa de fósforos. Altino, por achar que Demair precisava “tocar menos quadrado”, andava implicando. E se fôssemos todos, na realidade, quadrados e o mundo à nossa volta pensasse ser redondo? Bem, o mundo é redondo.

<sup>398</sup> Ivan Baraldi Ferraz, nascido em 29.07.1946, hoje médico cirurgião, casado com Olga Castilho Arruda.

<sup>399</sup> Crédito Real de Minas Gerais.



Mandávamos pintar o nome do conjunto na frente da bateria. O artista seria o Hugo Stefanini, que à época morava na Saldanha, subindo para a Boa Vista. Comprávamos um disco de jazz à prestação... Findava o mês de novembro com concerto (não, não era concerto) de sax em Catanduva, apresentação no programa do César, Altino tocando para Os Bambas em Mirassol. Continuávamos contando com a boa vontade do Vítor ou Inocêncio esporadicamente no contrabaixo ou guitarra, quando Paulo estava impossibilitado. Pensava-se em possível junção dos conjuntos *Os Asteróides* e *Ases do Ritmo*, do Vavá e Jota. Nosso segundo 78 rpm rodava de vez em quando na Cultura. O primeiro, na Independência. Cópia do segundo andava por Monte Aprazível desde as nossas apresentações por lá. Terminávamos novembro fazendo uma gravação de oito músicas, no auditório da B-8, sem previsão de quando seriam passadas para acetato. Vavá e Peito estiveram de prontidão, caso não pudéssemos contar com Paulo e Flávio. Vítor tocou contrabaixo. Exames se aproximando. Iríamos parar um pouco.

Em 19 de dezembro animávamos um baile em Cedral, no Clube dos 21. Sem piano, guitarra e baixo a cargo do Vítor e Inocêncio – o Tripa. Iniciávamos em 20 de dezembro uma viagem que compreenderia Cosmorama, Santa Fé e Três Fronteiras. O baile de Cosmorama era de formatura, num Grupo Escolar velho. Wilson, o dono da kombi, tocava trombone de vara e mostrou suas habilidades durante a valsa. Amanhecíamos em Santa Fé.

Lá tocamos no Cine Santa Fé, num *show* antes da solenidade de entrega dos diplomas. Sorte que havia piano, pois o amplificador do Vítor e Inocêncio pifara. Toquei bateria pois o Demair tivera que ir a Rio Preto trabalhar. Encontrar-nos-ia em Três Fronteiras. “O diretor da escola ficou bronqueado conosco”, recorda-se Altino, “por retirarmos os instrumentos no meio da solenidade. Não havia outro jeito. Tínhamos compromisso em Três Fronteiras, cidade próxima, onde o baile habitualmente se iniciava mais cedo. Para nossa surpresa, no meio da madrugada, surge o diretor com mais alguns rapazes de Santa

### **Fim da Linha**

*Minas Kuyunjian Neto*

A estrada-de-ferro terminava num torniquete: os trilhos de repente acabavam num cavalete.

Parecia um lembrete mudo dando conta de que ali era a ponta do fim do mundo.

Fé e quase apanhamos. Quem impediu a tragédia foi o César, namorado de uma prima. Como se não bastasse, o diretor fez propaganda contra o baile, que acabamos fazendo para pouquíssimos dançarinos, no Tênis Clube de Santa Fé.” Refiro-me ao local do baile em Três Fronteiras como “mal-assombrado”. Sem piano, Altino tocou pandeiro e bongô.

Voltamos a Rio Preto, levando um bode de carona. Apelo em vão à memória para mais detalhes sobre o bode. Altino ficaria lá e voltaríamos no dia 24. Demair, aludia às estórias do príncipe e do sapo – Altino, que horror, transformara-se num bode. Eu tinha dúvidas se a família deixaria. Era, afinal, véspera de Natal. Entrou em cena a Dona Etelvina, convencendo meus pais.

O trem das 14h40 partiu da Estação da EFA com hora e meia de atraso. Chegamos às 23 horas em Santa Fé. Altino já havia comido todas as unhas. Tudo transcorreu bem no baile. Sem piano, Altino dançou bastante.

O último dia do ano era assinalado por Demair tocando com os Big Boys em Mato Grosso, e nossa bateria sendo emprestada para o Airton Ávila.

Em 17 de janeiro de 1965, éramos, Altino e eu, entrevistados no programa *Seleções Estudantis*, do Bill John<sup>400</sup>. Rodaram nosso 78. Quem tinha um programa de jazz nessa época, na Difusora, era o Kaiser, que nos esclarece: “Chamava-se *Em Tempo de Jazz*. Eu tomava emprestados discos do Bongô, do Renato Perez. A discoteca da Rádio era fraquinha. Naquele tempo ninguém gostava de jazz. Acho que de dez, nove desligavam. Roney Signorini<sup>401</sup> também tinha um programa semelhante na Independência”, recorda-se Kaiser.

Passsei uns dias em Santos, encontrando-me com Altino em 5 de fevereiro de 1965, em São Paulo, para uma apresentação no Canal 5, no programa *Garotas em Revista*. A bateria não tinha baquetas e apresentamos *From Me To You*, sem bateria mesmo. Em meio à papelada contida no *diário*, autógrafos de Orlando Alvarado, Albert e Meire Pavão<sup>402</sup>, frutos das nossas andanças em São Paulo.

Em 14 de fevereiro, apresentávamo-nos Altino, Demair e eu no aniversário da Juçara, irmã da Joceli. Ganhamos uma garrafa de uísque dos pais da garota. Estava me soltando na bateria, mas precisava me aperfeiçoar. Demair iria embora realmente e já havia participado ao Altino. Em 17 de fevereiro, tocávamos numa festa de casamento de uma amiga da dona Etelvina em que seria madrinha<sup>403</sup>. Terminávamos fevereiro à procura de apresentações. Prestações estavam vencendo e nós, sem dinheiro. Em 24, mantínhamos contato com Alarico Gandour em Nova Granada, com vistas a uma apresentação no Esporte Clube Granadense. Caso queiram saber quanto custavam duas passagens de ida e volta a Granada – Cr\$ 1.640. Nosso “almoço” à base de sanduíche em Ibirá, no dia 25, custaria Cr\$ 560.

Iniciávamos março com um empresário chamado Carnot. Certo dia tivemos a oportunidade de vê-lo agenciando ao telefone um baile nosso em Catanduva e

<sup>400</sup> João de Lima Stefanini.

<sup>401</sup> Roney César Signorini, assessor pedagógico da FMU, em São Paulo.

<sup>402</sup> Filhos de Teotônio Pavão, autor da famigerada música *O que é que eu faço com o Latim*.

<sup>403</sup> Casamento de Ney Marilhano, filha do dono da Salada Paulista, naquele tempo. Ney era cantora e apresentava-se constantemente na PRB-8 em programas de auditório.

ficamos impressionadíssimos com o seu jeito de conversar. Disse que éramos do Rio... Não era uma inverdade total. Éramos de Rio Preto, que também é Rio. Demair, já meio afastado. Eu assumindo a bateria querendo aulas do Aramis e não conseguindo. Haroldo, primo do Altino, tentando se entrosar no conjunto.

Andamos recebendo a visita de um amigo, o Gilberto, do IEMG, que tocava muito bem bossa nova ao violão, que começou a passar ao Altino alguns acordes dissonantes. Pois é, estávamos, um pouco atrasados, descobrindo a bossa nova em tempos de iê-iê-iê. Até a Emilinha Borba estava tentando se adaptar aos tempos de transformações. Gravara para aquele Carnaval de 1965 a música *Mulata Iê-iê-iê*, de João Roberto Kelly. Emilinha, por sinal, estava aos poucos deixando o cenário musical com a chegada da música jovem. Praticamente encerraria sua carreira dali a três anos, em 1968, após submeter-se a uma cirurgia nas cordas vocais, o que interferiu de forma definitiva em seu timbre de voz.

“Gilberto<sup>404</sup> Lenha fora convidado para integrar *Os Asteróides*. Declinou do convite”, esclarece Altino. “Era muito ligado à MPB. Nós ainda estávamos engatinhando nessa área. Por que era Lenha?”, pergunta. “É que tudo que era bom, para ele era “lenha”. Houve um dia em que Gilberto me forçou a mostrar uma de minhas composições para o maestro Branco.”

“E ele?”, pergunto. “Apenas foi muito educado...”, responde Altino. “Branco, pistonista, hoje arranjador e maestro, chegou a morar com o Bongô. Integrou o conjunto da ABE, à época do Lachimé. Era pouco divulgado, mas reconhecido no meio musical”, complementa.

Na realidade, a expressão “bossa nova” significa genericamente um novo jeito de se fazer alguma coisa e, por sinal, já era utilizada nos meios musicais desde a década de 1940. A bossa nova mesmo, como sinônimo de movimento musical, chegou em 1958. João Gilberto<sup>405</sup>, então, acompanhando Elisete Cardoso, introduziu a harmonia feita de acordes dissonantes. Segundo a *Enciclopédia da Música Brasileira*<sup>406</sup> as características originais da bossa são o intimismo da interpretação, a harmonia repleta de acordes alterados, saltos melódicos inesperados com freqüentes modulações, a economia de instrumentos e da duração de cada música, a letra lírica e coloquial e, acima de tudo, o leve ritmo quaternário com deslocamentos independentes da melodia.

A formação da parceria de Tom Jobim com Vinícius de Moraes, em 1956, foi tida como um ponto de partida do movimento. Mas o ano de 1958 foi decisivo. João Gilberto gravava *Chega de Saudade* (Tom Jobim e Vinícius) em julho, um primeiro disco simples. A outra faixa era *Bim-bom*, do próprio João Gilberto. Os acordes que passavam a ser empregados tinham muito a ver com o jazz norte-americano que Barney Kessel e Shorty Rogers executavam. Veio então *Desafinado* (Tom Jobim e Newton Mendonça), ao final de 58, música que traduzia o movimento na própria letra, chegando a ser quase que um hino do novo gênero.

<sup>404</sup> Gilberto Vasconcelos, de Santa Adélia, hoje professor de Lingüística.

<sup>405</sup> João Gilberto (João Gilberto do Prado Pereira de Oliveira), cantor, compositor, instrumentista, nasceu em Juazeiro, BA, em 10.06.1931.

<sup>406</sup> EMB - *Enciclopédia da Música Brasileira – Erudita, Folclórica, Popular* — Art Editora Ltda, 1977.

... Embaixatriz de nosso povo –  
fala o esperanto da arte universal –  
Bossa Nova é música de asfalto com  
cheiro de terra...

*Vera Lúcia Benfatti*

(Saudação à Bossa Nova, no 1º Show  
de Bossa no IEMG – Revista Estu-  
dantil, dez/1965)

O som que se produziu nessas gravações passou a ser o parâmetro para a bossa nova, sendo absorvido pelos grupos do gênero que andavam se reunindo na zona sul do Rio. Veio o LP *Chega de Saudade* no início de 1959, e os pioneiros, músicos amadores, dessas reuniões – Roberto Menescal, Carlos Lira, Nara Leão, Ronaldo Bôscoli, Normando, Chico Feitosa, irmãos Castro Neves, Luizinho Eça – juntaram-se aos profissionais João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Silvinha Teles, Alaíde Costa, Baden Powell e outros. E começaram a fazer *shows* em universidades e rádios.

O sucesso do novo gênero foi crescendo e sendo absorvido nacionalmente, até que o Primeiro Festival de Bossa Nova, realizado no Carnegie Hall, de Nova Iorque, atraiu a atenção dos músicos americanos de *jazz*. Veio então a explosão da bossa nova, levando, no decorrer dos anos, a desgastes, mutações inevitáveis nas características iniciais.

Em 1965, eu comprava o LP *Bossa no Paramount*, uma gravação ao vivo que reunia músicas como *Terra de Ninguém*, *Mulher Sempre Mulher*, *Zelão*, *Vivo Sonhando*, *Antes e Depois*, *Naná*, *Tem Dó de Mim*, *Adeus*. O famoso *Fino da Bossa* já havia acontecido, promovido pela rapaziada do Centro Acadêmico “XI de Agosto”. Seguiram-se outros *shows* como *Samba Novo*, *Mens Sana in Corpore Samba*, *O Remédio é Bossa*, *Historinha* e *Primeira Denti-Samba*. Na apresentação do *Bossa no Paramount*, Walter Silva<sup>407</sup> se empolgava: “O samba tradicional já tem o seu nome escrito na história musical do Brasil e de lá não mais sairá. Agora, escreve-se o nome da Bossa Nova, com a colaboração de jovens entusiastas que acreditaram no sucesso desse tipo de manifestação artística, quando todos descreiam.”

Voltemos aos *Asteróides*. Em 24 de março de 1965, Flavinho sofreu uma convulsão, no Instituto de Educação que, no meu desconhecimento,

---

<sup>407</sup> Walter Silva, vulgo *Picapaú*, “o disc-jôquei de São Paulo”. Intérpretes do *Bossa no Paramount*: Marcos Valle, Elis Regina, Vinícius de Moraes, Paulinho Nogueira, Wanda, Oscar Castro Neves, Zimbo Trio, Quarteto em Cy, Alaíde Costa.

chamei de epiléptico. Eu o assisti e fiquei muito impressionado. Dia seguinte, ele partia para São Paulo para exames. Voltaria em 29, nos tranquilizando quanto ao seu estado. Hoje ele afirma que tratou-se de estafa.

Em 28 de março, eu me encontrava com Aramis numa quermesse. Desculpou-se por não me dar as pleiteadas aulas de bateria, por falta de tempo. Estava num novo conjunto, com muitos ensaios. Na oportunidade, conheci um tal de Pelé, que tocara com Eddie Mandarin. Tinha excelente técnica e domínio do instrumento.

Em 2 de abril, Flávio se apresentava na quermesse do ABE junto com “cobras” de diversos conjuntos rio-pretenses, dentre eles Lachimé, Mário e Renato Perez, Aramis, Pelé, Vítor, Ditinho, Ivan. Em 3 de abril, nos apresentávamos lá também, Altino, Flávio e eu. Aguilhar “lembrar-se-ia” de nós. Passando por Rio Preto, procurou-nos para nos oferecer uma guitarra.

Como mencionei o Ivan, tocando na quermesse, falemos um pouco dele. Reencontramos numa tarde de domingo em sua casa na Boa Vista, no começo de novembro de 1998. Eu tinha que dividir o escasso tempo em Rio Preto. Impossível anotar tudo que ele relata sobre os “velhos tempos”. Seria objeto de mais um livro, só sobre ele e suas aventuras, que conta saboreando cada detalhe. Em alguns momentos pede a Olga, sua esposa, que continue as narrativas, como se necessitasse de um *break* para se refazer. Nota-se que embora não haja vivenciado as histórias de Ivan, ela praticamente as sabe de cor. Limita-se a promover os “ganchos” para que Ivan continue.

“Fui engraxate no Pilão. Vida dura, mas rica em experiências. Vivi o tempo dos bailes das grandes orquestras. E sempre gostei de dançar. Foi o Bentinho Alfaiate quem me ensinou. Cheguei a viver os tempos em que se dançava no Cine Rio Preto antes das matinês, onde havia um pianista ou um conjunto<sup>408</sup> tocando”, recorda o empolgado Ivan.

### **Chega de Saudade**

*Tom Jobim/Vinícius*

Vai minha tristeza

E diz a ela que sem ela não pode ser.

Diz-lhe numa prece que ela regressa

Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade,

A realidade

É que sem ela não há paz,

Não há beleza, é só tristeza

E a melancolia que não sai de mim,

Não sai de mim, não sai.

Mas, se ela voltar,

Se ela voltar,

Que coisa linda, que coisa louca.

Pois há menos peixinhos a nadar no mar

Do que os beijinhos

Que eu darei na sua boca.

Dentro dos meus braços

Os abraços hão de ser

Milhões de abraços apertados assim,

Calado assim,

Abraços e beijinhos

E carinhos sem ter fim,

Que é pra acabar com esse negócio de você longe de mim.

Não quero mais esse negócio de você viver assim,

Vamos deixar desse negócio de você viver sem mim.

<sup>408</sup> A Orquestra Paratodos tocou no Cine Rio Preto.

Fazendo uma pausa nos relatos de Ivan, ouçamos Jonir<sup>409</sup>, o Jacaré, falar de Bentinho. “Bentinho era o rei do samba quadrado, em que se dança num espaço mínimo, de um metro quadrado, talvez”, afirma ele, professoral, tomando a penúltima cerveja no Mané Pina em 17.03.2000, sexta, antes de se dirigir ao Sarau. Jacaré executa vários tipos de samba, que enumera: “quadrado, samba passo longo, samba puladinho, samba-canção” e por aí vai. “Danço desde os dez anos. Mas aprendi pra valer com uma prostituta no Maraquiara, perto da Fernando Costa. Eu tinha então 14 anos. Sempre fui bom no sete-um.” Quando pergunto o que é 71, ele responde: “é dar-se bem, ganhar as meninas”.

E Ivan volta ao cenário. “Quando assisti a um *show* do Eddie Mandarin, ele cantava ao lado de duas mulheres muito charmosas que faziam coreografia. Levei a idéia para os Big Boys, submeti ao Vítor. A palavra-chave era *coreografia*, e sem partitura. Infelizmente não deu certo. É que tínhamos um sax-tenor que marcava o tempo com o pé. Era um sacrifício para ele dar os passos ensaiados e ainda por cima marcar com o pé. Houve um dia em que perdeu a paciência e então desistimos.”

Ivan tem muitas histórias para contar dos Big Boys. Sobre as gafes, diz que, certa vez, Douglas de Freitas ofereceu-se como empresário do conjunto. A primeira coisa foi providenciar um álbum de fotografias. Em seguida, saiu vendendo apresentações. Desapareceu por uns dias e voltou feliz da vida. Contratos para três bailes, com pagamento à vista. Araraquara, Santa Fé do Sul e mais uma cidade de que não se recorda. Alguém teve a idéia de passar os olhos pelos contratos e descobriu-se então que eram três bailes, em três cidades diferentes, no mesmo dia, no mesmo horário... Um contrato padrão mal utilizado. Pergunto como a encrocada situação foi resolvida, e Ivan explica:

— Contratamos vários músicos e dividimos o conjunto em três. A “nata” foi para Araraquara, julgada a cidade mais importante. Soubemos que em Santa Fé tocou-se sem bateria. Carlito teve que suprir a falta com a sua habilidade de percussionista. E Carlito foi o *show*. Sabia que ele cantava também? Quando fazia *Granada* deixava todo mundo boquiaberto.

Ao relembrarmos Carlito<sup>410</sup>, Ivan fala do grande amigo que queria reunir um dia todos os velhos companheiros. Morreu antes disso. “Talvez nesses relatos sobre o pessoal, você esteja promovendo a reunião de pessoas de uma outra forma, provável que, imortalizando esses momentos que não voltam mais”, filosofa nostálgico o Ivan, arriscando-se a atribuir-me uma missão mais importante do que realmente é.

Dos tempos que não voltam mais, são rememoradas passagens da vida do Carlito, inclusive a do início de sua carreira como empresário. “Carlito era bancário. Estava desempregado. Sentados no meio-fio das Lojas Americanas, dissemos a ele que turco tinha que mexer com comércio. Foi quando começou com a boutique, sem qualquer investimento, numa garagem do avô. Nas

<sup>409</sup> Jonir Fernandes de Souza, barbeiro, cabeleireiro, dançarino, nasceu aos 18.07.1943, em Guapiçu, meio rural. Dança desde os 10 anos de idade.

<sup>410</sup> Carlos Amad.



foto acn

Ivan Baraldi Ferraz, Olga Castilho Arruda e Elise Leine F. Coelho, julho de 1998

prateleiras, uma coleção de caixas vazias, conseguidas com os amigos. Todos guardavam as embalagens para ele. O cliente pedia algo e vinha a encenação – Carlito corria o dedo pelo ‘estoque’, consultava um enorme catálogo: a loja receberia a mercadoria ‘no dia seguinte’. O freguês saía por uma porta e o Carlito por outra, pra comprar o que ele, é claro, nunca tinha. No dia seguinte, satisfação garantida. Lá estava o produto pretendido, do jeitinho que se queria. E foi-se fazendo, foi crescendo”, relata Ivan, saudoso do amigo.

Ivan fala de tanta coisa, que acabo desistindo de anotar. Vivia fazendo testes, tentando ingressar na carreira teatral. Era um pouco gago. Ninguém incentivava. Diziam que lhe faltava dicção, impostação. Como um desafio para si próprio, veste, um dia, roupa de padre. Entra no confessionário da Catedral de São José. Queria provar que sabia interpretar. Era coroinha, conhecia a liturgia. Primeira penitência a uma senhora – dar três voltas no quarteirão. Segunda penitência, a outra senhora – dar um banho na santa. Terceira – cantar o Hino Nacional. O padre descobriu tudo e Ivan se deu mal.

Desastre do Turvo? “Por que Barretos, se era Olímpia?”, indaga. Diz que foi por volta de 19 horas. Ivan estava lá, sem sofrer nem um arranhão, aceitando a mão amiga do pescador de Alberto Pavanelli, de Cedral. “Não me ocorre que Ivan tenha sido sobrevivente do Turvo”, pondera Wande Tedeschi, em 19.07.1999. Wande também estudava no Dom Pedro. “Se quem não estava no ônibus foi considerado sobrevivente, então, até eu. Ou você...”

Golpe de 1964? Rio Preto era conservadora e ao extremo, segundo o nosso empolgado entrevistado. “Gumerindo Sanches passou uns mal bocados”, considera. Quanto a ele, Ivan, foi torturado, não morreu por pouco. Esteve preso em Brasília, conviveu com Lamarca, no Araguaia, onde a maioria dos combatentes anti-guerrilha era de americanos mercenários, segundo ele. Fala da tia Flora, que foi presa em São Paulo por dizer coisas que não devia, identificando sem querer o Aloysio Nunes Ferreira Filho, cuja foto continha erroneamente outro nome que não o seu. Ao chegar à Delegacia, o delegado era nada mais nada menos que seu marido.

Festivais de música popular brasileira? Lá estava o Ivan no *Bossa no Paramount* e no *Fino da Bossa*. Com Jair Rodrigues, com Simonal – que “dedurava” com certeza – com Elis, com Tamba Trio, com quem diz ter gravado *Garota de Ipanema*.

No que diz respeito aos Big Boys, recorda-se ainda da seleção romântica que fizeram no Sítio-Brasileiro na “Noite do Romantismo”. Nesse dia, quando as luzes estavam apagadas, após algumas trocas de “amabilidades internas”, voou um contrabaixo na direção de Inocêncio para Vítor. Inocêncio, segundo Ivan, estava, sem ninguém enterder por que, em baixo do palco quando se apagaram as luzes na hora da seleção romântica. “Não foi bem assim, mas o contrabaixo voou mesmo”, considera Inocêncio, ao apresentar um motivo diferente do relatado pelo Ivan para o inusitado vôo do instrumento.

Falando de Vítor Carvalho, Ivan o cita com um respeito enorme pelo seu virtuosismo. “Vítor era excelente. Era o cabeça dos Big Boys. Quando fez exame para ingresso na Ordem dos Músicos, Simonetti era da banca. Ficou muito impressionado com o Vítor e deu-lhe de presente um arco, daqueles para baixo



acústico. Ele tinha um xodó com esse arco. Depois de usar, acondicionava direitinho na caixa. Certa vez (já havíamos saído dos Big Boys), estávamos tocando numa passagem de ano no Jockey, eu, Gomes, no piano e Vítor, no contrabaixo. Quando demos por nós, Vítor havia quebrado o tal do arco no lombo do Nenê Homsí. Já pensou?” Nesse momento, o motivo quanto ao gesto do Vítor é então detalhado pelo Ivan.

Conta o Ivan que houve época que quis tocar com Renato Perez. Renato não duvidava da sua capacidade, mas achou que Ivan era “muito moleque”. Ivan não engoliu essa desfeita. E muitas e muitas vezes resolveu conturbar as apresentações de Renato, chupando limão bem na frente do grande sax-barítono. Isso provocava a salivação de Renato, atrapalhando a performance. Renato, como era de se esperar, queria ver o Ivan pelas costas. Dançava com Heleninha no Bancários só para provocar ciúmes no Renato, que se preocupava tanto com ela, a ponto de colocar um lenço sobre as suas pernas, quando ela se sentava no palco nos intervalos das apresentações.

Heleninha, simples e acessível, charmosa, é verdade, às vezes dançava com a gente, nos intervalos de suas apresentações. Falei com ela em 05.08.1999, por telefone, em sua casa em Ribeirão. “Comecei a cantar com meu pai, Paulino, em Ituverava. Ele tinha um regional, eu estava com doze anos”, esclarece Heleninha. “Tocávamos em festas de aniversário e casamento e na rádio da cidade. Eu tocava bem acordeom, que abandonei definitivamente aos dezenove anos.”

Quando Heleninha tinha quinze anos, fez com o regional de Paulino Liporaci um *show* preliminar ao de Cauby Peixoto, no Cine Rosário, em Ituverava. “Cauby gostou tanto que quis repetir a dose em outras apresentações suas pela região. Parecia um sonho para mim. Ele era meu ídolo. É um excelente cantor até hoje”, relembra Heleninha. Tal fato foi um marco em sua vida. Em São Joaquim da Barra, foi descoberta pelo dono da Orquestra Guarani, que a quis cantando com ele, apesar da relutância do pai. A preocupação de Paulino era a mesma de todo pai à época – os estudos, o ambiente prejudicial do trabalho na noite. “Paulino, sua esposa pode ir junto. É uma oportunidade para a menina fazer o que gosta e que tão bem sabe fazer: cantar”, teria dito ele.

“Cantei na Guarani até os dezoito. Já estava com Dirceu e Seu Conjunto, quando conheci o Renato, em 1961. Vivemos juntos por quase vinte anos, fases da orquestra, do conjunto, do quinteto, do quarteto. Em 1980, nos separamos. Morrerá meu pai. Eu passaria a morar com mamãe”, diz Heleninha. “Renato era possessivo. Pra você ter uma idéia, preferia que eu cantasse de olhos fechados. Queria ter certeza de que eu não estava olhando para ninguém na platéia”, comentou em agosto de 1999.

Retornemos à nossa conversa com Ivan. Menciono o Aramis e o fato de estar com dificuldade de obter algo sobre ele. Segundo Ivan, Aramis era carioca, que veio parar em Rio Preto por causa de uma desilusão amorosa. Trouxe uma batida *sui generis*. “Colei nele até aprender. Ele usava a baqueta ao contrário para fazer mais som”, afirma Ivan. “Aramis era um solitário, meio triste, depressivo. Bebia para se agitar, mas depois entrava em depressão. Acabou indo vender churrasquinho na ‘zona’. Cantinflas, seu grande amigo percussionista, vendia coxinha.”

Quanto ao Bongô, nota-se que Ivan fala dele com muito carinho. “Era meu professor. Um puro, de um coração imenso, de uma bondade extrema. Podia parecer sistemático, mas Bongô vivia o ritmo, a marcação, a música a todo instante. Estava no sangue. Dizia que baterista não acompanha. Baterista puxa a música.” Bongô morava no Hotel São João, esquina da XV de Novembro com Jorge Tibiriçá. Para o Ivan, afirmou ter vindo da Bahia. Outros dizem que Bongô teria vindo de Barretos, onde fora casado com uma mulher muito rica.

Bongô tinha um método muito particular de ensinar. “Toda segunda-feira, a gente – eu e um amigo – ia para o Hotel São João de *smoking*. Bongô assim pedia. Ele nos esperava também de *smoking*. Forrava o chão com uns cobertores, deitávamos, ele apagava a luz. Ouvíamos *jazz* no escuro. Encerrada a sessão, às vezes ele fazia alguns comentários. Não gostava de muita pergunta”, acrescenta Ivan. “Bongô tinha uma bateria branca, inglesa, mas no Hotel ficava somente a banqueta com uma placa de borracha, em que treinava.”

O famoso casamento do Dubail saxofonista tem versões diferentes. Quando contado pelo Ivan: “Bongô era padrinho. Chegou atrasado, com uma capa comprida e boina. Quando o cara do órgão começou a tocar, Bongô achou que a marcação estava errada e que em casamento de músico era inadmissível. Começou a dar orientação, mesmo à distância para o tecladista, marcando com o pé. A noiva começou a chorar”, afirma Ivan.

Eis outra versão para o evento, dada pelo Boca: “Bongô estava de terno, com um nozão na gravata. O paletó tinha uns botões dourados. Mesmo atrasado para o casamento, Bongô fez questão de voltar ao Hotel. Havia se esquecido de uma coisa. Por incrível que pareça, entrou no quarto para fazer alguns exercícios com as baquetas, alegando que não havia treinado ainda... Cumprido o ritual do estudo, foi para a igreja. O incidente no casamento aconteceu quando Bongô, que estava achando a música ‘uma canseira’, fez uma marcação com o pé que ressoou por toda a Catedral de São José.” Boca conta isso com as encenações que só ele sabe fazer.

Conta-se que Bongô teria morrido porque, estando em crise, sua bombinha de asma estava rachada (Farath menciona o fato mais adiante). Ivan manifesta sua opinião. “Seu problema respiratório, a bronco-pneumonia o levaria para a UTI, com bomba ou sem bomba. Três dias antes de Bongô morrer, fui examiná-lo no quarto do Hotel. Ele estava tremendo sob o cobertor. Reconheceu-me com dificuldade. Quando tirei o medidor de pressão, ele disse: — Ivan, não brinque comigo. Você não é médico. Você é músico. É minha cria.”

Brasília, 19 de agosto de 1998. Havia tentado através de auxílio da telefonista de Minas Gerais, localizar o Demair, nosso Carangola. Em vão. Andei ligando para a cidade de Carangola-MG também. Imaginei que todo mundo se conhecesse... Quem sabe o Flávio... Renato Perez, comentara um mês antes que os pais dele moravam em Ibirá e que o senhor Aragão tocava na bandinha. Foi um telefonema a esmo, outro já para uma sobrinha. No terceiro, falei com dona Alda e seu Aragão. Nem acredito, eles se lembravam de mim depois de tanto tempo... A alegria foi mútua.

Com a direção de Flávio na mão, liguei para Botucatu, onde ele morava. A emoção de nos falarmos, depois de 33 anos, foi grande. Melhor ainda foi o

início de uma correspondência que me permitiu enriquecer estes relatos. Eu confidenciaria a ele em meados de outubro, após a primeira correspondência: “Dez cartas como a sua e o livro estaria pronto. Excelente! Você compreendeu tudo. Alguém, até que enfim.” A frase refletia a minha preocupação – hoje ninguém tem o hábito de escrever. São raras exceções.

Alguém pode perguntar como posso citar tantas datas, imaginando uma privilegiada memória. Bem, se eu cito que falei com Flávio em 19.08.1998 é porque está lá na conta telefônica. Poderia acrescentar que nos falamos depois das 22 horas, durante 12 minutos... Menciono a ele que gostaria ainda de incluir comentários de alguém de Rio Preto sobre os reflexos da Revolução de 64, especificamente em Rio Preto. Flávio menciona Dinorath do Valle.

Eu estivera com Dinorath em julho de 1998, em sua casa, na Jorge Tibiriçá. Estava em plena crise de artrite, andando com o auxílio de uma bengala. Escrevera para ela em junho, falando do meu projeto. Ela recebera. Argumenta então que, é normal, quando não pode ajudar uma pessoa, preferir dizê-lo pessoalmente que por carta. Por isso não respondera. No desdobramento da conversa, ao invés de julgá-la empedernida, fiquei um tanto envergonhado com a minha ingenuidade.

— Tenho tudo sobre o Golpe, mas ainda não está publicado – comentou Dinorath.

— E quanto a Nilce Lodi<sup>411</sup>, acha que ela poderá me indicar algum material? – indago.

Dinorath fez suas considerações. Naquele instante, a gata Cidinha deu um largo bocejo e espreguiçou no sofá. Se gata falasse, talvez pudesse tirar a minha dúvida, diante de informações truncadas que eu já tinha, quanto a se Dinorath teria sido ou não uma “marchadeira”<sup>412</sup>, na época do Golpe.

Muitos acham que Dinorath cultiva hoje uma certa “reserva de mercado”. Outros, que nossa historiadora e jornalista necessita desovar logo o farto material que ainda está por publicar. E que o tempo é inexorável. Outros mais ficam irritados quando deparam com um alerta que soa antipático: “vedada a reprodução total ou parcial sem a autorização da autora” – trata-se, segundo estes, comumente, de fatos ou informações de domínio público, constantes de documentos disponíveis a quem tem o hábito de pesquisar. Tacham, então, de apropriação indébita. Alguns consideram que Dinorath tem direitos, já que o que passa ao leitor é impregnado do seu cunho pessoal. Julgo eu, se posso julgar, que o brilho de Dinorath se sobrepõe aos defeitos que tantos quiseram declinar, quando o nome dela é ventilado. “Eu creio que ela tem muitas e muitas informações que poderiam mudar de forma radical as versões existentes sobre a história da cidade”, arrisca Lelé Arantes.

<sup>411</sup> Nilce Aparecida Lodi nasceu em São José do Rio Preto, em 14.03.1936. Professora de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atual Ibilce, e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Filosofia, foi a primeira rio-pretense a defender tese de doutoramento. Historiadora, pesquisadora, tem trabalhos publicados sobre a História da Educação Brasileira, sobre instituições e gente de São José do Rio Preto. É sócia-fundadora da Sociedade Ítalo-Brasileira Amici d'Italia, de São José do Rio Preto. É membro da comissão fundadora do Comdepact – Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico Cultural e Turístico da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, onde atualmente é Presidente (2000). Tem artigos publicados em revistas acadêmicas e é colecionadora de fotos da cidade.

<sup>412</sup> Marchadeira: nome de quem participou da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que teve a finalidade de corroborar que a sociedade civil pedia aquele tipo de intervenção.

Retomemos nossa conversa com Flávio Aragon. Dizendo de minha vinda para Brasília, este recordou-se de que dona Ana Mendes, nossa professora de Desenho do IEMG, em 1968, havia comentado que em Brasília estava a “escada para o sucesso”. Sucesso para muitos. A “profecia” não valeu para mim. Foi gratificante por outros motivos.

Flávio estudou no IEMG, de 1962 a 68. “Quando paramos com *Os Asteróides*, logo fui convidado para tocar em um outro grupo de Catanduva – Os Sincopados, já em um esquema mais profissional, com baile em todo fim de semana, essas coisas. Paralelamente continuei a fazer o Científico no IEMG – aulas com dona Tita, dona Odete, Amaurizão, Ricieri...”, observa Flávio.

No começo de 1969, Flávio, animado por Hugo Stefanini e outros amigos, foi para São Carlos com a intenção de fazer Engenharia. Acabou cursando Bacharelado em Matemática, o que o direcionou para a carreira universitária. Seguiu-se o Mestrado, na Unicamp e o Doutorado, em Botucatu.

“Nunca me desliguei da música. Posso dizer que toquei em todo tipo de ambiente, desde igrejas a zona de meretrício<sup>413</sup>”, esclarece Flávio, demonstrando a sua fascinação pela música. “Durante uns oito anos, quando morava em São Carlos e depois em Campinas, mantive vínculo com um restaurante chique de São Paulo, o Interlagos, no qual trabalhava como flautista nos fins de semana. Toquei flauta em uma orquestra sinfônica em São Carlos, de 1971 a 75, e em outra em Botucatu, de 1986 a 93. Agora estou meio cansado da vida de músico. Toco pouco, mas continuo a ouvir muito.”

Acho que posso acrescentar à fala de Flávio, por minha conta – escreve bem quem lê muito, toca bem quem ouve muito. É um recado para a juventude tão massificada pela enxurrada de música ruim da maioria das FM de hoje. Sempre digo aos meus filhos: tratem de ouvir boa música. Façam-no em doses homeopáticas, antes que tenham que fazê-lo num “curso” intensivo para não perder o bonde da cultura.

Em São Paulo, quando trabalhava no Restaurante Interlagos, à margem da represa Guarapiranga, Flávio teve a oportunidade de conhecer o Luís Chaves e o Rubinho, do Zimbo Trio. Acabou tocando com eles em algumas ocasiões. Heraldo do Monte<sup>414</sup> também andava por lá. “Esse foi um dos fatos musicais muito marcantes na minha vida”, conclui Flávio.

Hoje as atividades musicais de Flávio estão restritas a tocar para os amigos em fins de semana, com um grupo chamado Sangue na Veia, composto por ele e alguns colegas da Universidade – três médicos, um biólogo e um filósofo. “Tocamos bossa-nova – música para velhos, segundo a Leila Pinheiro disse na Folha de São Paulo.”

Eram 8h30 da manhã. Estávamos em 22.01.2000 no bairro Apazível, de Ibirá. As ruas não tinham placa e a alternativa era perguntar para a senhora que

<sup>413</sup> Catanduva, por volta de 1967.

<sup>414</sup> Heraldo do Monte, instrumentista, arranjador, compositor, nasceu em Recife, PE, em 01.05.1935. Tocou com Walter Wanderley, Dick Farney, Dolores Durán, Os Cincopados, Carlos Piper, Quarteto Novo, Orquestra da TV Tupi, Michel Legrand, Hermeto Pascoal, Zimbo Trio, Jair Rodrigues, Geraldo Vandré. Um dos maiores guitarristas do mundo, segundo Hermeto Paschoal.



fotos acn

Rosa Maria, Nilce Lodi e Elise - julho de 1999



Dinorath do Valle, julho de 1998



Agostinho Brandi, julho de 1999

varria a calçada em frente à casa de fachada esverdeada pela quantidade de plantas. Seus traços denotam firmeza. Seu rosto, seus olhos claros e seu porte altivo indicam ter sido uma mulher extremamente bonita em sua juventude. “Bom dia, a senhora sabe onde fica a rua das Orquídeas?”, perguntei. “É aqui mesmo Ari. Não está me reconhecendo?”, disparou dona Alda, mãe de Flávio. Pudera, eram passados trinta e cinco anos. Senhor Aragon<sup>415</sup> (sempre o chamamos de Aragão) chegou com seu fusquinha quando já estávamos trocando lembranças, sentados à mesa da cozinha.

Rafael Aragon veio da Espanha em 20.02.1924, com cinco anos de idade. Aportou em Santos, com seus pais e irmã. De lá, se dirigiram para a Fazenda Promissão, em Catiguá. “Comecei com catorze anos de idade a tocar clarinete. Foi na Banda do Chico Salla, aqui mesmo em Ibirá”, esclarece. “Com Pedrinho Salla (filho de Chico) toquei banjo. Eu tinha de dezoito para dezenove. Em pouco tempo eu assumia sax-alto no conjunto. Pedrinho me levou, então, para Guararapes. Era terceiro sax-alto, passando logo a primeiro.”

As informações que eu tomara com Renato e Flavinho coincidem com as de Aragon. “Com Renato e Zezito<sup>416</sup> formamos a Marajoara, em Catanduva.” Nosso experiente músico espanhol, quase octogenário, de cabelos lisos esbranquiçados, mas ainda fartos, revela: “Sabia que, a partir dos vinte anos, toquei em 53 carnavais sem falhar nenhum?”

Os olhos de Alda e Aragon brilharam quando viram fotos para eles inéditas do filho Flávio dos tempos do conjunto. “Vivíamos com muita dificuldade, Ari”, comenta dona Alda. “O primeiro terno preto do Flávio foi feito com sacrifício... Ele se sentiu todo importante...”

Dona Alda diz algo sobre o episódio do desmaio de Flávio no Instituto. “Foi só um grande susto. Dona Ana Stefanini quem foi me avisar. Não tínhamos telefone. Levou-me no seu *jeep* ao pronto-socorro.”

Estávamos, eu e Elise, de passagem para Campinas e Taubaté. A visita foi rápida. Tempo suficiente para a conversa agradável e para as costumeiras fotos com a velha Pentax.

“Passem em Botucatu para ver o Flávio”, sugerem os dois. “E não pense, Ari, que ele está esse menininho aí das fotos. Ele agora está um ‘véião’. Pesadão, até meio careca...”, define Aragon.

São José do Rio Preto, abril de 1965. O pai do Flávio estava com Reinaldo e Sua Orquestra desde o dia 9. O sax era de uso familiar – o mesmo para pai e filho. Apelo para a memória em vão. Registro apenas, no *diário*, que Aragão não queria mais o Flávio tocando conosco. Arrepende-se-ia e voltaria atrás dois dias após.

Ainda no mesmo mês apresentávamo-nos em Barretos, após exaustivos preparativos, que passaram pela contratação de dois guitarristas da cidade. É Altino quem dá explicações: “O empresário, já prevendo a falta do piano, que era sempre uma condição nossa para aceitarmos qualquer compromisso, tinha

<sup>415</sup> Rafael Aragon, nasceu aos 20.05.1919, em Almuñecar, província de Granada, Espanha. Casou-se com Alda Ferrari, nascida aos 12.06.1925, em Ibirá, SP. Tiveram três filhos: Marlene, Flávio e Wagner.

<sup>416</sup> José Aparecido Fernandes.



*Os Asteróides* – Baile de Cosmorama, em 10.12.1964 (Carangola, Inocência, Flávio, Aristides e Vítor)



foto Lina Casale Aragon

Flávio Aragon – abr/2000, Botucatu, SP

exigido que levássemos um guitarrista. Chegamos com a péssima notícia de que não conseguíramos guitarrista. O cara rebateu com outra notícia pior – o piano estava desafinado. O jeito foi contratar dois guitarristas da cidade que só tocavam em dupla e ficaram com a metade de nosso cachê. Só me restou fazer encenações, tocando piano sem sonorizá-lo adequadamente. Tive muito trabalho para convencer dois radialistas que foram buscar dois microfones no trabalho para que as pessoas pudessem ouvir o piano... Em *Garota de Ipanema*, a platéia entendia *La Cumparsita*. Quanto ao seu Aragão, não havia gostado do exemplo que andamos dando para o seu filho. Havíamos fumado um cigarro cada um, que filamos do motorista, na volta a Rio Preto. Ainda por cima caiu um instrumento na cabeça dele.”

Foi em primeiro de maio de 1965 que tocamos em Olímpia, levando o Wagner Pero como contrabaixista. Tais integrantes permaneceriam até o final do conjunto: Altino, Flávio, Wagner e eu. Demair Carangola estava agora tocando no conjunto do Lourival. Talvez não fosse mais embora de Rio Preto. A essa altura eu e Altino ensaiávamos novos vôos – Altino comendo *Marques Blues* e eu, *Pra que Sofrer*. Em 8 de maio, fazíamos nossa 57ª apresentação no Esporte Clube Granadense, em Nova Granada. Perua do Vanderlei. Ritmista: Figliagi. Pra variar, aparelhagem do Dácio e Valdevir<sup>417</sup>. Em 22 de maio de 1965, estávamos na boate do Automóvel Clube, atendendo a convite do Farath.

Estive com Roberto Farath<sup>418</sup>, em sua casa na Marechal. Era 28 de julho de 1998. Eu aproveitava os quatro dias que passava em Rio Preto para conversar com algumas personalidades da época d’ *Os Asteróides*. Com Farath foi fácil. É que ele é fácil. O jeitão e o sotaque mole de mineiro – apesar de não sê-lo – era o mesmo, passados 33 anos. Bem, seu pai era de Araguari, Minas Gerais. Roberto é falante e deixa qualquer um à vontade. Nos 42 anos com a esposa Odete, vieram três filhos e seis netos. Ela gosta de sertaneja, ele detesta. Antes de Odete, seu primeiro amor parece ter sido o Automóvel Clube, com quem mantém um “caso” desde 1947. Eram cinqüenta e um anos de convivência.

Quanta coisa não deve ter pra contar... Sem que eu peça, naturalmente vai se abrindo. Numa solenidade, com a presença do Embaixador de Portugal e esposa, diz que havia aqueles guardas sérios com uniforme de gala. Entre uma música e outra, a esposa do Embaixador pede para alguém ir até o palco para pedir a Farath que tocasse *Elvira*...

Espirituoso como sempre Farath não pensa duas vezes:

— Pois diga pra essa “dona” que a única Elvira<sup>419</sup> que conheço é “Elvira do Ipiranga às margens plácidas...” – e solta a melodia do Hino Nacional.

<sup>417</sup> Valdevir Motta, apelido “Catraca”, foi “parcialmente” localizado em 16.05.2000. Dácio Marçal me passou seu telefone no Rio, mas estava em viagem. Com o nome artístico Danilo Motta, Valdevir gravou no início dos anos 90 o compacto simples *O x da Questão*, pela Ipanema Discos. São duas faixas de sua autoria: *O x da Questão* e *Melô do Bife*.

<sup>418</sup> Benedito Roberto Farath nasceu aos 26.01.1933. Pianista e tecladista, compositor, regente da Orquestra Sinfônica Rio-Pretense e do Coral do Teatro Municipal, é co-autor do *Hino do América FC*, professor de música popular brasileira, diretor da R. Farath Records, co-autor do CD *Antologia Musical de S. J. do Rio Preto*.

<sup>419</sup> *Elvira Escuta*, de J. Marcelo de Andrade (*Elvira escuta os meus gemidos que aos teus ouvidos irão chegar. Não sejas traidora, tem dó de mim, tem dó desta alma que te sabe amar...*) – JK em Serenata.



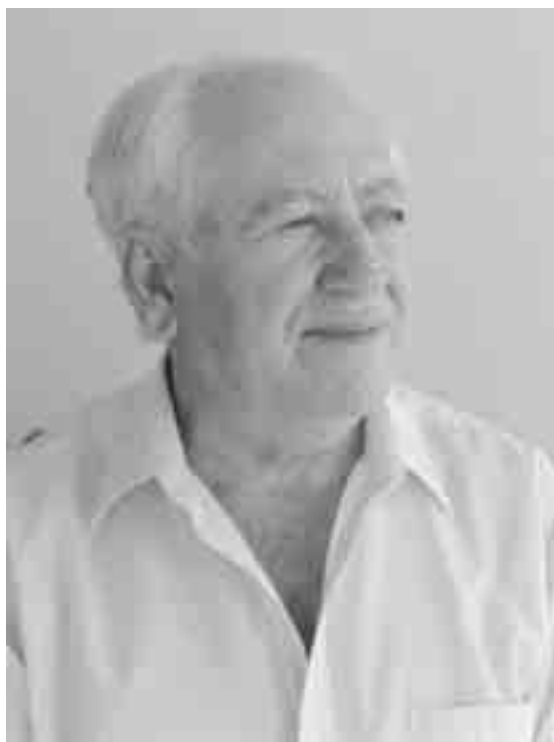


foto acn

Roberto Farath, julho de 1998



foto Elise Leine F. Coelho

Rafael Aragon e sua esposa Alda Ferrari Aragon – Ibirá, janeiro de 2000

Os músicos caíram na gargalhada. Um guarda paramentado mais próximo queria rir e não podia, coitado. Bem ali, ouvindo as palhaçadas e manter-se sério...

Indago pelo Scaramboni, o contrabaixista acústico, por Bongô e Aramis, os bateristas. Aramis, segundo Farath, já morrera, sendo que a última notícia obtida dele é que estava vendendo churrasquinho na praia. Do Scaramboni, só diz que era irmão de um maestro da Rádio Nacional.

Quanto ao Bongô, Farath sabe apenas que era descendente de índio. Morava num hotel simples. Sofria de asma, usava aquela bombinha própria para o problema. Morreu em circunstância tão curiosa quanto comovente – no corredor do hotel, sem ar, pois a bomba estava rachada. Ivan Baraldi, como já vimos, tem outra versão.

Farath conta que estava tocando com Bongô, no Automóvel Clube. Acabara de apresentar Aquarela do Brasil. Ao terminar, o público passa a aplaudir de pé. Farath se emociona, quase que às lágrimas. Logo em seguida, percebe que as palmas eram para um Coronel que Rio Preto homenageava e que acabava de chegar...

Tia Clementina foi quem deu um piano para o sobrinho Roberto Farath, quando ele tinha apenas sete anos. Suas inesquecíveis professoras, segundo ele, foram Zilda Rodrigues e Virgínia Batista. Mas Farath tocou acordeom também. Aliás, o velho acordeom deve ser aquele que está na sua sala de estudo, junto com as enormes caixas acústicas e os teclados que a tecnologia de hoje dotou de inimagináveis recursos.

Roberto é ávido de conversar. A mente trabalha rápido e as suas teorias são externadas “vapt-vupt”, com a simplicidade que lhe é própria. Ao falar da sua idade, faz um prefácio:

— Sou de tempo em que o arco-íris era preto e branco e que Marechal Deodoro era cabo... Vinte e seis de janeiro de 1933.

Quando digo que aproveito a passagem por Rio Preto para divulgar o meu então recente livro *Estágio no Planeta Terra* – ficara pronto em 23 de julho – Farath quer saber do tema do livro. Quando menciono tratar-se de uma ficção espiritualista, lança uma teoria muito sua – tem percebido que todo piloto, caso do filho Roberto Júnior, mais cedo ou mais tarde torna-se um estudioso das coisas do espírito... Resolvo então, já que sou espírita<sup>420</sup>, fazer a dedicatória não para Roberto, mas para o Comandante Júnior. Beto, segundo Farath, é excelente pianista.

Bastam poucos minutos para Farath falar do Tangolero e do CD que acabavam de gravar pela R. Farath Records, com lançamento previsto para outubro de 1998. Acabo vendo um vídeo do programa do César Muanis na Record. E lá está o César Muanis cantando um tango. Farath fala dos integrantes, do Benfatti, do Cabaz, do Luís Carlos, do Orlando e Odilar Mendonça, do César Cantero.

Ao mencionar os recursos de sua atual aparelhagem, Farath exalta a tecnologia que invade o segmento musical, puxando o tapete dos músicos. “Fico até com vergonha de descrever os recursos de que dispomos hoje”, afirma. Sua

---

<sup>420</sup> Os primeiros espíritas de Rio Preto iniciaram suas atividades nos anos 20. Em 1924, os pioneiros do Espiritismo fundaram o Centro Espírita Allan Kardec — *Dicionário Rio-Pretense*.

expressão é mistura de admiração reverente e de indignação. E faz questão de me levar até a sua saleta de trabalho. A visão do Roland E-280 B mais o M1 e o TS 12 provocam um discurso seu, antes que faça uma demonstração, mesmo sem que eu peça.

“Os músicos precisam se organizar”, acrescenta. “O que a eletrônica e a informática estão fazendo com os músicos é uma indecência, uma imoralidade. E vem ainda a mídia inescrupulosa, desprovida de qualidades, de regras de urbanidade, resumindo a nossa cultura musical à bunda da Carla Perez, ao pagode, à música sertaneja misturada com mexicana, alijando os verdadeiros músicos.” Empolga-se mais ainda quando acrescenta: “Por que a valorização desses programas que não trazem mais nada? Onde as grandes orquestras?”

Farath está coberto de razão. E passa a tocar, dando uma visão geral das possibilidades que as “maravilhosas máquinas de fazer música” acumulam, e que teve que aprender a dominar para não sucumbir. A realidade é que quem não é virtuoso, pode usar o cajado da tecnologia. Canto *Blueberry Hill* e *Stela By Starlight* acompanhado por uma “verdadeira orquestra” comandada por ele. Pois é, Farath não parou no tempo. Carrega para as apresentações caixas, teclados, fios, e agora, seus disquetes. Sugiro uma foto e Farath faz questão de trocar a camiseta surrada, daquelas amaciadas de que a gente não abre mão, por uma camisa social. Despeço-me, achando que valeu a pena. Fiquei uma hora com ele? Foi muito pouco.

Em 26 de maio de 1965, os *Asteróides* estavam no Tênis Club de Jales, levando também o Reinaldo Figliagi a tiracolo. Fazia duas apresentações que Altino cantava. Eu estava com gripe. No meio do baile em Jales, um *show* com Noite Ilustrada<sup>421</sup> e outra cantora que não registrei o nome. Fizeram o samba deles, eu, o meu, Altino, o dele. Mas era uma marcha. Imaginem no que deu. Acabamos tendo que parar pois ninguém se entendia. Pudera, sem ensaio... Vale ressaltar, eu tremia quando se falava em “sambão”. Tinha dificuldade em acompanhar.

“Essas situações de acompanhar artistas eram muito constrangedoras”, lamenta-se Altino, em julho de 1999. “Estive com o Jair Rodrigues, certa vez, na Independência. Também não deu certo acompanhá-lo. Pudera, eu ensaiava especificamente as nossas músicas. Jair, por sinal, foi muito simpático. Falou do disco Dois na Bossa, que seria lançado em breve e da sua expectativa de que seria um sucesso. E foi. Elis estava despontando. Aparecera várias vezes no programa do Simonal, o *Spotlight*. Aliás, eu só saía para o Bambina<sup>422</sup> depois do *Spotlight*...” Wande Tedeschi, tecladista, corrobora: “Isso de se dar mal acontece até hoje, mesmo com quem tem certa tarimba. O cantor diz: Lá Bemol. A música é totalmente desconhecida. O que vem depois do Lá Bemol é um grande mistério. E a coisa complica.”

<sup>421</sup> Mário Sousa Marques Filho, o Noite Ilustrada, cantor, compositor, instrumentista, nasceu em Pirapetinga, MG, em 10.04.1928. O apelido Noite Ilustrada foi-lhe dado pelo humorista Zé Trindade, em função da revista musical de mesmo nome, em que Mário era violonista de acompanhamentos. Em 1958, gravou seu primeiro disco, seguindo-se muitos outros, incorporando sucessos de compositores de peso — EMB.

<sup>422</sup> Restaurante Bambina, à época, um dos pontos badalados da cidade para o encontro da juventude.

**Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones**

*De Lusini e Migliacci. Versão: Branco Jr. Gravação: Os Incríveis (RCA)*

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones  
Girava o mundo sempre a cantar as coisas lindas da América  
Não era belo mas mesmo assim havia mil garotas, sim  
Cantava *Help and Ticket to Ride, Oh! Lady Jane and Yesterday*  
Cantava “viva a liberdade”, mas uma carta sem esperar  
Da sua guitarra o separou, fora chamado na América  
*Stop!* com Rolling Stones. *Stop!* Com Beatles *songs*  
Chamado foi ao Vietnã, brigar com vietcongs  
Tatá-tatátá....

Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones  
Girava o mundo mas acabou fazendo a guerra do Vietnã  
Cabelos longos não usa mais, nem toca a sua guitarra e sim  
Um instrumento que sempre dá a mesma nota rata-tatá  
Não tem amigos, nem mais garotas, só gente morta caída ao chão  
Ao seu país não voltará, pois está morto no Vietnã  
*Stop!* com Rolling Stones. *Stop!* Com Beatles *songs*  
No peito um coração não há, mas duas medalhas sim  
Tatá-tatátá....

Altino mudava de casa. Nosso primeiro ensaio na casa nova, lá na Redentora, foi em 5 de junho de 1965. “Meu pai ficara muito preocupado pelo fato de termos por vizinhos um advogado e um promotor público”, lembraria Lurdinha, em 1999. “Imaginava a ilustre vizinhança reclamando dos ensaios. Houve um dia em que o advogado procurou por meu pai. Queria saber se o som de música vinha de sua casa e este ficou imaginando o desfecho... No entanto, o advogado surpreendeu a todos: “Adorei o som. Eu e minha mulher dançamos a tarde inteira!”

Em 12 de junho nos apresentávamos no aniversário de Eliana, filha de senhor Homero<sup>423</sup>, em Nova Granada. Kaiser tem algumas lembranças desse dia: “Peguei uma carona com vocês na kombi. Eu estava interessado na Márcia Gavião, prima da Eliana. Nesse dia, entrei na casa do seu Homero ajudando vocês a carregar os instrumentos, como se fosse do conjunto... Vocês terminaram, foram embora. Tive que voltar de táxi com o Rui Gavião. Felizmente o tio do Rui pagou.”

Em 19 do mesmo mês, lá estávamos nós na Barraca Bar da Festa de São Pedro, em Mirassol, a convite do Renato Perez. Tocamos bastante com ele e Heleninha. Acompanhamos duas outras cantoras e Clóvis Candal. Houve transmissão pela Difusora de Rio Preto e pela de Mirassol. O Canal 6 iria transmitir, mas não deu certo. Renato e Heleninha saíram mais cedo pois iriam ainda tocar no Jockey. Haviam tomado muitas. Ou todas, talvez.

O ano de 1965, como se sabe, marcou a completa intervenção militar dos EUA no Vietnã, que começara em 1961. Os 23 mil soldados norte-americanos de janeiro passaram a 267 mil em junho. Em 1969, seriam 543 mil homens engajados em operações de guerra ou “pacificação”. A guerra então ganhou a mídia. As atrocidades seriam levadas para o mundo inteiro em horário nobre. As famílias nos Estados Unidos assistiam, enquanto jantavam, à morte de seus jovens pela tevê, a milhares de quilômetros de

<sup>423</sup> Homero Teixeira Leite, irmão de Dr. Labieno, pai de Rui Gavião.

# Atenção - Não Deixe de Assistir!

**21**

DE  
AGOSTO

No Auditorio do

Instituto de Educação

Monsenhor Gonçalves

Sábado

As

**20**  
HORAS

## H - S H O W !

Promoção dos alunos do Curso de Desenho do Curso Científico do Instituto: que colaboram assim em benefício das obras assistenciais do Serviço Social São Judas Tadeu

PARTICIPAÇÃO DE:

- Antônio Carlos Ectes-
- Juventude em Filme (Galego Santo André)-
- Os Asteróides-
- Dupla Ailton e Raul Castro-
- Ana Maria Le Sobral-
- Dupla Amery Souza e Paulo Savilano-
- Dario Marcol-
- Vitor de Carvalho-
- Cotal e Beirdins- S. Judas Tadeu-
- Outras atrações-

### Concurso de Cartazes

As entradas concorrerão ao sorteio de prendas

Música - Arte - Juventude - Alegria

Não deixe de Assistir!

Não deixe de Colaborar!

Lembre-se: - 21 de Agosto - às 20 hs.

GENTELEZA DE

**CASAS REGENTE**

“O Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, atualmente sob a direção do professor José Cavariani, comemora amanhã o seu 36º aniversário. Amanhã, portanto, não haverá aulas, devendo ser iniciado o programa já previamente estabelecido e alusivo à data. As festividades deverão se prolongar durante toda a semana. Hoje, estamos publicando o programa completo:

**Dia 16**

8 h: Missa em ação de graças. Local: pátio do IEMG

9 h: sessão solene e comemorativa

Oradora: prof<sup>a</sup> Dinorath do Valle Kuyumjian – Homenagem a Leonel Alvarenga Campos.

10 h: abertura da exposição do 1º Concurso de Arte Infanto-Juvenil e da Exposição Histórica a visitação pública.

14 h: Realização do 1º Concurso Interno de Redação.

15 h: Início dos Jogos Comemorativos – Local: Quadra do IEMG.

**Dia 17**

20 h: 1º Festival Interno de Música Clássica – Local: Auditório do IEMG.

**Dia 18**

14 h: Entrega de prêmios do Concurso Interno de Redação e do Concurso de Arte Infanto-Juvenil.

**Dia 19**

20 h: 1º Festival de Música Popular Brasileira.

**Dia 20**

20 h: Palestra do Cônego José Domingos. Tema: Papel do Estudante no Mundo Moderno.

**Dia 21**

9 h: Conferência.

21 h: baile de encerramento das festividades e entrega de medalhas aos vencedores do torneio. Local: Jockey Clube – Conjunto *Os Asteróides*.”

Coluna do Amaury Júnior – 15.08.1965

distância. O objetivo era conter o avanço comunista na distante região. “Nesse período surgiu o *Flower Power*, e múltiplos apelos à paz, que repercutiram no mundo e mudaram o comportamento de toda uma geração.”<sup>424</sup>

Em 27 de junho de 1965, apresentávamos no IEMG, no *show* da Páscoa dos Estudantes. Na programação: *A hard days night, I saw her standing there, Maria Moita, Garota de Ipanema, um pot-pourri (Consolação, Berimbau, Tem Dó, Reza, Menino das Laranjas, Terra de Ninguém, Arrastão)*. No dia seguinte eu estaria no Colégio São José<sup>425</sup>, a convite do Valdevir, tocando com um sanfoneiro e um ritmista. A foto que foi tirada permanece sem os nomes dos dois. Vavá diz que o gordo se chamava Jucão.

No dia 23 de julho, eu chegava de uma viagem que fizera ao Rio, em férias. Altino havia contratado o Aramis para uma apresentação. Fui somente cantar. Aconteceu no Clube Municipal de Mirassol. Vítor substituiu o Wagner no baixo, já que este estava viajando. A brincadeira dançante começou logo após o torneio de tênis de mesa, por ocasião dos Jogos Regionais. Era aniversário do Aramis. Com o cachê terminávamos de pagar o empréstimo que meu pai e dona Etelvina nos haviam feito.

Ainda em julho voltávamos ao Automóvel Clube, levando o Vítor no lugar do Wagner. Boate lotada. Animávamos também em julho uma brincadeira em Ibirá, atendendo ao Samuel Gattaz, que adjectivei de o “turco pianista”, no *diário*. “Eu considerava Samuel um geniozinho”, diria Cacilda Soares<sup>426</sup> em julho de 1999, quando nos reencontramos em Brasília. “Éramos chamados de *Os Dois de Ibirá*, toda vez que tocávamos juntos.”

Já havíamos feito algumas investidas frustradas com vistas à regularização de nossa

<sup>424</sup> Almanaque (A Grande Viagem) – *Correio Braziliense*, 31.12.1999.

<sup>425</sup> O Colégio São José foi inaugurado em 1947, fundado por padres agostinianos.

<sup>426</sup> Cacilda Soares de Lima Mehmarí, música, tecladista, hoje mora em Ribeirão Preto. É mãe de André Mehmarí, pianista, multiinstrumentista, arranjador.

situação na Ordem dos Músicos. É que éramos menores... Estávamos de novo em evidência nas rádios quanto a novas apresentações, inclusive no programa do Amaury. Eu andara tocando com Gomes, no Jockey. Em 29 de julho, voltávamos a Ibirá para animar um baile. No meio do baile, sempre um *show*. Esse contou com pouca gente, deu prejuízo e quase que não recebemos.

Iniciávamos agosto sem ensaiar na casa do Altino. O avô dele estava lá, e doente. Comprávamos um disco dos Shadows e outro de Henry Mancini.

Em 19 de agosto, lá estávamos no IEMG, num *show* de Música Popular Brasileira (além de bossa nova, tivemos também jazz), ao lado de outros músicos profissionais e amadores. Bem bolado, ótima iluminação. Eu já assumira de vez a bateria e andava dando noções do instrumento à Regina, baterista do conjunto do Santo André.

O *show* do dia 21 de agosto era beneficente e fui um dos organizadores, tendo uma perua kombi do São Judas Tadeu à minha disposição. Estamos reprisando o Jornal Mural que nós, alunos do científico fizemos à época.

Findando a semana de comemorações, apresentamo-nos em 22 de agosto, domingo, no Clube da Ferradura, num “grandioso baile” promovido pelas alunas do Normal do IEMG.

Amaury, em sua coluna, falando do *show* beneficente do IEMG, registra a presença do Pe. Ângelo Del Oro, do prof. José Cavariani e Dr. Salles Oeterrer, entre outras autoridades. Comenta o “exuberante talento” do Bottas, “a encantadora voz” de Ana Maria, “o balanço que mereceu calorosos aplausos” da Maria Luiza, a “jaqueta brilhante” do Dácio, o desempenho do Vítor “que recebeu bis por duas vezes”.

Anuncio no *diário* que estávamos tomando aulas de vozes com o Raimundinho, para um perfeito vocal-instrumental, mas, na realidade, só tivemos uma aula... Vale a pena a avaliação do Flávio, 33 anos depois.

“Realizar-se-á no próximo dia 21, no Auditório do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, o esperado *H-Show*, promovido pelos alunos do Curso de Desenho do científico daquele modelar estabelecimento de ensino. Presentes os conjuntos Juventude em Ritmo<sup>427</sup> (alunas do Colégio Santo André), Os Asteróides, Os Cometas e o Coral e Banda do São Judas Tadeu – Ronda Social, 15.08.65

### SHOW DE BOSSA NO IEMG

Em continuidade às festividades alusivas ao aniversário do IEMG, tivemos anteontem no auditório um bem organizado “show de bossa nova”, contando com a presença dos bons valores que temos. A promoção foi do Centro Estudantil Rui Barbosa, na oportunidade representado por Miguel Moreno (presidente), Toscano e Fidélis. O jovem radialista Walter Rodrigues apresentou. O Roney César Signorini foi o responsável pela organização de som, iluminação e parte musical. O *show* desenvolveu-se na seguinte ordem: Maria Luiza Mendonça (sempre serena e bonita, cantando *Preciso Aprender a Ser Só*), Vítor (executando ao violão *Jangal*), *Os Asteróides* (*Garota de Ipanema*, *pol-pourri* e *Night in Tunisia*), Paulo (*Reza*), Maria Luiza Potenza trajando blusa vermelha, interpretou *Consolação*, Marlene (*Arrastão*), Corinha Medeiros (*Corcovado e Insensatez*), Petrônio de Ávila (uma das notas de destaque do *show*, com sua própria composição “*Memória Triste lá da Praia*”). O conjunto-mór era constituído por Dias, Jacy, Aramis e Sidney, tendo funcionado como operador de luz Cláudio Luchesi. Colaboração de Esdras e Toscano no esquema geral. Muita gente e muitos aplausos (em vezes, de pé) caracterizaram o *show* de anteontem no IEMG. Estão de parabéns os organizadores...

Coluna Amaury Júnior, 21.08.1965

<sup>427</sup> Faziam parte do Juventude em Ritmo – Márcia Sodero (pianista), Maria Eunice, Iraídes, Regina Lobanco e Regina Gomyde.

Eis os elementos que tomarão parte hoje no esperado H-SHOW, que será levado a efeito no Auditório do Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves, numa promoção dos alunos do Curso de Desenho do Científico do Instituto, que colaboram assim em benefício das obras assistenciais do Serviço Social São Judas Tadeu. Participação de Antônio Carlos Bottas, Juventude em Ritmo (Colégio Santo André), *Os Asteróides*, dupla Airton e Raul Castro, Ana Maria Le Senéchal, dupla Amaury Souza e Paulo Sevilhano, Dácio Marçal, Vítor de Carvalho, Coral e Bandinha São Judas Tadeu e outras atrações – César Muanis, 21.08.1965.

“O Serviço Social São Judas Tadeu agradece a todos os colaboradores do *H-Show* e o GTC apresenta:

***H-Show Desmuralização*** (apreciações e críticas construtivas)

Vocês notaram que o Hugo Stefanini ao receber o prêmio de classificação caiu e *h-show* na escada?

Tivemos até mágicas – do meio da espessa fumaça improvisada involuntariamente (curto-circuito) surgiu o popular Bottas com suas novíssimas.

Inconcebível foi a Márcia Soderó, que passou três horas no sereno frio da noite anterior, só para pegar uma gripe e não comparecer ao *show* com a bandinha do Colégio Santo André.

Ainda bem que o microfone estava vacinado. Queria morder o Paulo Sevilhano...

Mas, bonito mesmo estava o Dácio Marçal com sua fantasia de tomate...

E o Valdevir Motta esclareceu que era cantor e não violonista. Ele como cantor é um ótimo violonista....

Quanto ao Cacildo Arantes (famoso aviador que soltou os folhetos de propaganda) errou por pouco o alvo, deixando cair os folhetos em Mirassol, Tutóia...

Pobrezinha da Ana Maria Senéchal, após sua apresentação, teve que tomar água com açúcar. Estava tão calma que quase despencou da banquetta.

“Houve uma fase em que decidimos aprender a cantar. O objetivo era cantarmos como Os Cariocas, lembra disso?”, indaga Flávio. “Contratamos os serviços de um guitarrista que estava de passagem por Rio Preto. O cara era um picareta de marca maior. Tivemos uma única aula. Começamos com *Preciso aprender a ser só*. Fazíamos todos a primeira voz, apenas começando em notas diferentes, como se estivéssemos cantando cada um em um tom – um verdadeiro horror!”

Em 27 de agosto de 1965, iniciávamos os ensaios no Colégio Santo André, com a bateria inglesa do Mingo Grisi à nossa disposição. Nesse mesmo dia, eu e Wagner tocávamos no *show* da quermesse do Santo André, acompanhando Roney Signorini e o conjunto 007 na Bossa, composto pelas meninas do colégio. Quem comprasse nas Lojas It S/A, poderia ganhar em 9 de outubro, pela Loteria Federal, um Volkswagen 1965 Zero Quilômetro, diz o cupom amarelado, dentro do *diário*.

Em 29 de agosto, estávamos novamente no Colégio Santo André, tocando *surf* e bossa nova. Acompanhamos o 007 na Bossa. Dácio Marçal também deu um *show* e depois da sua apresentação, a gritaria não cessou.

Consegui localizar Dácio Marçal Guimarães ao final de 1998, através do Inocência Amaral Júnior.

Dácio tocava com os Big Boys, em 1965. “Fazíamos *shows*, bailes, viajávamos pelo interior. E bateu a vontade de vir para São Paulo em busca de novas oportunidades. Todo o meio artístico vinha para São Paulo, diferente de hoje, em que os grandes centros do interior têm também os seus estúdios de gravação, seus próprios instrumentos de divulgação. São Paulo era tudo. Eu, Valdevir, e o Pedro Santiago – vulgo Pedro Gordo ou Pedro Bunda – viemos para a capital, em 1966”, afirmaria Dácio em uma fita cassete que mandara para mim. “Ari, meu coração transborda de alegria por colaborar com você no seu livro. Desculpe a demora. O trabalho me absorve muito e sem tempo de escrever, gravei a fita. Hoje trabalho cinco vezes mais e ganho menos que em outras



épocas. Ligue para mais algum detalhe que queira”, diria Dácio, voz inconfundível, no comecinho de janeiro de 1999. A crise do Real estava chegando e teríamos que trabalhar mais ainda.

Dácio, Valdevir e Pedro tocaram em boates como La Vie en Rose, Dancing Music, Galo Vermelho, Fundão, Nove de Julho, outras da rua Augusta. “Éramos três rapazes inexperientes querendo vencer em São Paulo. Conhecemos gente famosa... e gente de todo tipo. Uns se aproveitaram da nossa boa fé e ingenuidade, próprias das pessoas do Interior, sem conhecimento da cidade grande”, desabafa Dácio. “Quando a gente percebia, tínhamos passado o conto do vigário.”

Os três sempre queriam tocar juntos, porque eram “do famoso Big Boys, de Rio Preto”, e porque desejavam ser reconhecidos em São Paulo, diria Dácio. “Só que ninguém dava a chance de tocarmos juntos. Coisa rara reunirmos os três. Quando conseguíamos, pendurávamos um couro no bumbo da bateria com o nome Big Boys. Mas o sonho maior era tocar na tevê.”

Do ponto onde os músicos se reuniam, saíam para tocar, quando alguém precisava de algum enxerto. Se uma boate precisava de um baterista – lá ia o Pedrinho. O Shadows, da 9 de Julho, estava precisando de um contrabaixo – lá ia o Dácio. *Crooner*, no La Vie en Rose – lá ia o Valdevir cantar MPB. O Dácio era mais na base do humor, de *rock*, ao estilo de Elvis, Renato e Seus Blue Caps, Golden Boys<sup>430</sup> e por aí fora. “O Pedrinho fazia de tudo, inclusive tocava bateria”, completa Dácio, insinuando algo mais que versatilidade, deixando-nos curiosos sobre o que exatamente o Pedro fazia.

Tentando a carreira, Dácio encontrou em São Paulo outros músicos de Rio Preto como o Branco (hoje maestro), o Wilson Martins, que foi

<sup>429</sup> Jamil José Kfourri, arquiteto, nasceu em Uchoa, em 31.08.1947.

<sup>430</sup> Golden Boys: conjunto vocal formado em 1958 pelos irmãos compositores Roberto, Ronaldo e Renato Correia José Maria – também irmãos de Evinha e dos componentes do Trio Esperança – e seu primo Valdir Anunciação, todos nascidos no Rio de Janeiro, RJ. Seu primeiro LP, em 1958, teve uma faixa de sucesso: *Meu Romance com Laura*, de Jairo Aguiar. Seguiram-se muitos outros discos, contendo vários sucessos.

Cavalini e Cláudio Penteadó (distintos porteiros do *show*) receberam inúmeras ofertas e propostas de emprego, além de se classificarem como ‘os dois mais elegantes porteiros do ano’.

Não deve passar despercebida a ‘dica’ do Jorge Muce de entrar de graça. Não deixaram e ele varou não sabemos por onde...

Por que será que a Potenza sempre dança *surf* quando canta bossa nova?

Gozado foi o Já-1.000 Kfourri<sup>429</sup>, que devido às preocupações apareceu na terça-feira com a cabeça cheia de cabelos brancos. Mas achamos que foi o frio, porque do contrário o Aristides teria ficado careca ‘à la Ricieri’.

Falando sério, nossos agradecimentos ao Amaury Júnior, que brilhantemente comandou o *show*...

Airton e Raul Castro até foram convidados para gravar... canetas.

A máxima foi o Cláudio, que não queria deixar o padre entrar sem pagar.

Olhando-se o auditório, tinha-se a impressão que estava lotado. Metade do recinto era tomado pela ‘bandinha’ do São Judas Tadeu, não se impressionem.

Outro susto, além do curto-circuito, foi a lâmpada que desceu não sabemos de onde, que quase acertou o irmão Henrique...

No controle da iluminação estava o Danilo, que deu um toque todo especial ao *show* com sua ‘luz vermelha’.

Quanto a alguns rapazes – que não vamos citar os nomes – quando souberam que o auditório ia ficar no escuro, zás-trás, levaram as namoradas. Oportunistas...

Queremos levar ao conhecimento de todos que a colaboração dos alunos de Desenho foi em massa...

Bem, por esse *show* achamos que basta. Até o próximo...

**GTC**

PS – Atenção, participantes. Não percam a esportiva. O dilúvio foi muito pior.”

O Jockey Clube esteve com movimento extra-força-total, tanto no sábado como no domingo – apresentação do renomado violonista José Rastelli e Baile de Encerramento das festividades alusivas ao 36º aniversário do IEMG. Gomes Trio e *Os Asteróides* comandaram a parte musical. E os salões do Clube da Ferradura estiveram superlotados. Merece os nossos cumprimentos o Departamento Social da entidade, sob o comando do Dr. Gabriel Cesário Cury, que está realmente funcionando...

Coluna Amaury Júnior, 24.08.1965

#### **Programação dos cinemas Curti em Rio Preto – dez/1965**

São Paulo S/A, Romeu e Julieta, O Incrível Homem do Espaço, Quem Espera Sempre Alcança (desenho), Nikki – O Valente Indomável, Terra dos Sonhos Distantes, A Fúria de Aquiles, Morituri, A Lei dos Corruptos, Konga, Sublime Melodia, São Francisco de Assis, Cinco Revólveres Mercenários, Convite a um Pistoleiro, Sob o Domínio do Mal, Perseu – O Invencível, La Cumparsita, As Sete Magias de Ali-Babá.

baterista do Roberto Farath, segundo ele. Reencontraria também o Serginho Rodrigues – locutor do *Cocktail para a Juventude*<sup>431</sup>, da Difusora – o Miguel Carlo, o Braguinha. “O contato com Rio Preto era constante. Nos reuníamos sempre que possível e escapávamos nos fins de semana até lá, quando a grana dava para pegar um trem ou um ônibus.”<sup>432</sup>

Pedrinho muitas vezes, por mulher, jogava o trabalho para segundo plano, conta Dácio. “Valdevir, a cada noite, uma diferente e numa boate diferente. Eu era mais caseiro. Bem, tinha família aqui. Sendo o caçula, era o mais guardado. Tinha, além dos parentes, oito irmãos. Oito anjos da guarda a zelar por mim.”

Reencontrando Santiago Vicente Neto<sup>433</sup>, que agora era Diretor Artístico da Rede São Paulo Coligadas, Dácio acabou por manter um contato mais amiúde com sua sobrinha, Regina, que acabou por se tornar-se sua esposa. “Fiz uma música para Regina chamada *Luz Verde*, exaltando os olhos dela. Mania que eu tinha de fazer música para namorada. Eram boas músicas, modéstia à parte, dentro do gosto da época. Músicas sem duplo sentido, não tão água-com-açúcar, tipo Xuxa ou como na fase da Jovem Guarda, mas com poesia, mais elaboradas. Tentando gravar em São Paulo, eu percorria os estúdios da RCA Victor, Columbia, Odeon, RGE. Fui conhecendo muita gente, como o Alfredo Corneto, da RCA, Antônio Marcos, que era produtor artístico. Ele tinha um conjunto com o irmão Mário Marcos que se chamava Os Iguais. Estive com Deny & Dino<sup>434</sup>. Os Vips e muitos outros que nem dá para enumerar.”

<sup>431</sup> Programa que, segundo Dácio, ele fez em parceria com Sérgio Rodrigues.

<sup>432</sup> Ônibus da Cobratur, da Cometa, do Expresso Brasileiro.

<sup>433</sup> Ex-gerente da Rádio Difusora de Rio Preto.

<sup>434</sup> Dupla vocal que começou ao final dos anos 50 como Os Boas Pintas. Era formada pelos cantores e compositores José Rodrigues da Silva (Deny) e Décio Scarpelli (Dino). Os dois nasceram em Santos em 1944 e 42, respectivamente. Primeiro compacto: *Coruja*, da autoria deles. Outras do tempo da Jovem Guarda na Record: *Eu Não me Importo*, *Lição de Moral*, *O Estranho Homem do Disco Voador* (Odeon, 1966) – EMB.

Mesmo as músicas que Dácio fazia em parceria com Valdevir, ele as mostrava sozinho nas gravadoras. “Valdevir não aparecia. Pegava o violão e apresentava eu mesmo. Melhor seria em dueto, com primeira e segunda voz, estilo Renato e Seus Blue Caps, Beatles. Hoje, leva-se uma fita “demo”, com incríveis recursos da tecnologia, em que qualquer “sonzinho” se transforma numa orquestra. As fitas, quando fazíamos, eram pura voz e violão, sem nenhum requinte. A gente tinha que dar o sangue para mostrar que era artista, compositor, cantor, instrumentista. Violão simulando o som do baixo, da guitarra, do bumbo da bateria. Fazer o que nós fizemos lá em Rio Preto considero a maior glória. Hoje é tudo mais fácil.”

Quando Dácio chegou a São Paulo, com suas fitas cassete embaixo do braço, na via sacra pelas gravadoras, conseguiu gravar *Luz do Amor*, com Gilberto Montenegro. “Gilberto já falecido, um grande cara, grande amigo. A gravadora era um selo subsidiário da Chantecler, aquela cujo símbolo era um galinho. Quem dirigia a Cantagalo era o Pedro Sertanejo, que lançou Oswaldinho do Acordeom, Leila Lopes, Carmem Sílvia, Amado Batista e outros. Um deles cantava *Não deixe a peteca cair, viu, se não vou morrer de rir...*”

Montenegro, com *Luz do Amor*, chegou às paradas da Rádio Nacional. “Começou no 50º lugar e em três semanas a minha música chegou a 17ª na parada. Gilberto estava em ascensão, aparecendo na tevê, em *shows*. A RCA o procurou e acabou fazendo um contrato com ele, o que o levou a rescindir com a Cantagalo, na certeza de que regravaria os seus sucessos na RCA. A Cantagalo tirou os discos da parada e eu, que estava faturando algum com direitos autorais, dancei. Nada de regravação”, lamenta-se.

No compacto da Cantagalo havia *Luz do Amor*, no lado A (...tanto procurei, que agora o amor eu achei...). No lado B, era *Hei de Ser a Esperança na Tua Vida*. Dácio não se lembra do nome do autor. “Havia uma parte declamada pelo Enzo de Almeida Passos (*Estou partindo, mas eu voltarei. Enxuga teus olhos que eu não te esqueci.*)”.

Foi Alberto Roy quem deu a Dácio Marçal a chance da primeira gravação, em junho de 1966. Ele gravou a música *Se você for capaz (Se você for capaz, me explique por favor porque sou tão só. Se há muito tempo estou procurando alguém e até hoje não encontrei o amor que sonhei. Mas se você for capaz...)*. “Muitos metais na gravação, coisa linda de morrer, com a Orquestra Marabá, da qual o Gilberto Montenegro era *crooner*. Era um LP, com vários sucessos da época. Minha música era a faixa de abertura do LP. Primeira faixa era sempre coisa boa. No mesmo disco, tinha Elis Regina, Luís Carlos Paraná, Gilberto Gil e outros da Fermata”.

Informa o nosso amigo que depois dessa experiência gratificante, fez, especialmente, músicas para serem gravadas pelo Sérgio Reis (*Qual a razão do nosso amor chegar ao fim...*). “Tive músicas minhas nas mãos do Antônio Marcos, da Martinha, de Leno e Lílian. Na hora ‘H’, não sei por quê, o diretor mandava tirar a música. Foram muitas decepções e comecei a não acreditar nas pessoas. A história de lhe dar uma chance e de repente tomá-la. Como alguém lhe oferecendo um copo d’água no deserto e tirando de sua boca. E você, morrendo de sede”, desabafa com tristeza.

Um fato crucial na vida de Dácio foi encontrar, em São Paulo, o Jurandir, do Jet Black's, que ele conhecera no tempo em que o conjunto foi tocar na Rádio Independência e num baile do Monte Líbano. Naquele dia ele havia emprestado uma palheta para o Gato, guitarrista, que havia quebrado a sua. Convidado pelo Jurandir, na ânsia de divulgar suas músicas, Dácio foi parar no estúdio deles, Jet Black's, na Alameda Lorena. Estavam prestes a lançar um novo álbum, talvez um dos últimos, já sem o Gato e o Alemão. “Agora já tinham introduzido o teclado (naquele tempo era órgão) do Mendes e a guitarra do Lú”, continua Dácio. “Aliás, cabe dizer que The Jet Black's foi o grande formador de conjuntos em São Paulo. Toquei um pouco, nesse dia, no contrabaixo do Paulo. Eles gostaram. Quando terminou o ensaio, fomos para uma lanchonete ali na frente. Foi quando Jurandir me disse que estavam precisando de um professor de contrabaixo.”

Dácio ficou receoso com o convite. Afinal, não lia partitura, e nem era professor. Mas, Jurandir o tranqüilizou. “Seria na base da ‘orelhada’, na base da prática. Foi a grande virada da minha vida, o grande ponto de apoio. Eu desconhecia esse meu lado profissional de ensinar, que eu tinha e não me apercebera antes. Foi em 1969 ou 70... não me lembro. Sou como o computador português – não tenho memória, tenho uma vaga lembrança”, brinca.

Conta Dácio que tocou com os Jet Black's, Flyers, Hit Pops e com os Players por quatro anos. “Com os Players foi uma grande experiência. Bailes no Pinheiros, Tietê, no Hebraica. Eram dois ou três dias livres na semana e o resto só pauleira, fazendo bailes, acompanhando artistas. Tocávamos sem a parafernália de hoje de luzes e som. Basicamente, um conjunto tinha microfone, baixo, guitarra, bateria, base. Bem água-com-açúcar. De vez em quando um sax ou pistom, à moda de The Jordans, que tinha o pistonista Urupês e seu irmão. Piston era influência do Herb Alpert. Não havia aquele monte de naipes na frente. Hoje, qualquer cantor de sertaneja tem uma banda de fazer inveja a qualquer Ray Conniff. Quando acabava o baile, a gente estava com os dedos escangalhados. Tínhamos que usar esparadrapo. E para ganhar quase nada.”

Nessa fase, conheceu e tocou com gente que estava em evidência, como Nenê, baixista que mais tarde veio a tocar com The Clevers (Os Incríveis). Guilherme, guitarrista-base do The Flyers, também chamou Dácio, segundo ele, por várias vezes, quando precisavam de um baixista. Pedrinho e Valdevir, então, já haviam voltado para Rio Preto. Com a oportunidade das aulas de contrabaixo que o Jurandir ofereceu, Dácio foi abandonando gradativamente a busca pelas gravadoras, *shows*, tevê. “Foi no segundo semestre de 1972 que ele me passou um enorme arquivo de alunos. Conjunto e academia estavam se dissolvendo. Manter uma escola era dispendioso. No arquivo, alunos de bateria, canto, guitarra, violão, cavaquinho. Veja você, dei aula até de cavaquinho, sem nunca ter tocado.”

Na fita que me mandou, Dácio menciona algumas fotos da televisão daquela época. Literalmente, da televisão. “Por algum motivo, não deixavam tirar fotografias no estúdio. São fotografias da imagem na tela da tevê. De fora dos estúdios, de camarins, tenho muitas. A necessidade de sobreviver trouxe valorosa experiência. Havia situações em que a gente nem acreditava que havia conseguido fazer determinadas coisas. Sentia uma proteção muito grande também. Acho que com 24 anos eu estava bem amadurecido”, considera ele.

É patente no relato de Dácio, o apreço que tem pelo irmão Djalma. “Era cantor lírico, professor e tradutor de inglês, faleceu jovem, com 32 anos. Quando cheguei a São Paulo, eu era cantor de janela, só no gogó, sem conhecimento algum. Tinha que contracenar com maestros, arranjadores. Ter noções de música era fundamental. Djalma deu-me as primeiras aulas de música e me custeou, permitindo que eu cursasse até o 3º ano de Música. Era mais que irmão – era um amigo. Eu não tinha dinheiro. O que eu tinha mal-e-mal dava pra comprar as minhas botinhas.”

Dácio andou tomando aulas com Michel (autor da música ‘valeu o sacrifício dos Andradas e a prece da Princesa Leopoldina...’). “Era maestro, arranjador, fazia arranjos para a Elis Regina, para o Zé Di. Acabou juntando-se ao nosso rol de amigos. Michel chegou a compor comigo. Ele fazia a melodia, eu punha a letra. Tinha facilidade incrível de fazer letras e boas, embora com os meus erros de português e com esta garganta ruim. Reginaldo Rossi, Antônio Marcos, os Vips quiseram conhecer as minhas letras. Só que na hora de gravar, de assinar contrato, minhas letras, de que todo mundo gostava, sobravam para o próximo disco.”

Não perguntei, mas Dácio quis tocar no assunto dos vícios da noite. “Só fumei. E me arrependi quando tive uma ameaça de enfarte em 1985. Droga mesmo, só experimentei maconha uma vez num baile do Automóvel Clube lá em Rio Preto. Engasguei, tossi, não quis mais saber. Aqui em São Paulo, o pessoal de rádio e tevê era movido a vício. Nas minhas incursões pelas gravadoras, emissoras, verificava que todo diretor tinha um litro de uísque na sua sala.... Eles botavam um pozinho parecido com um sal de fruta... Não sei o que era”, afirma ele.

“Em 1973, comecei a desacelerar com a música. Eu já tinha a Regiane, que havia nascido em 1969. Aos quatro anos, ela passou a indagar por que o pai chegava sempre tarde em casa... O sentimento de família agora falava mais alto, e iniciei uma procura por coisas menos viciosas que a vida artística. Igual na política, onde o cara ou adere às falcatruas e compactua, ou cai fora. Não digo que saí fora, porque música está dentro da gente. Me afastei. Fiquei só dando aula. Às vezes reconheço na tevê algum aluno meu. É a glória. Fico orgulhoso e contente de saber que o cara venceu. A vida me ensinou que a gente tem que deixar o ruim de lado, como na música *Louvação*.” E Dácio emenda com um pedaço da letra.

O monólogo de Dácio na fita cassete revela uma pessoa simples, presa às suas raízes. Mesmo quando evidencia as agruras de sua *via crucis*, denota que soube, na superação das dificuldades, enriquecer a sua existência. “Recebi muitas propostas indecorosas. Os caras condicionavam gravar minhas músicas se eu desse parceria na autoria. Eu achava um absurdo, nunca aceitei, por orgulho ou ignorância. Hoje sei que Noel Rosa<sup>435</sup>, Vadico, Braguinha cansaram de fazer isso. Muitos músicos, pra sobreviver, venderam suas músicas. Elas saem com nome de outro e o autor fica a ver navios. Assim, só tive duas músicas gravadas: *Luz da Rua* e *Se Você for Capaz*.”

<sup>435</sup> Noel de Medeiros Rosa, cantor, compositor (Rio de Janeiro, RJ, 11.12.1910- 04.05.1937).

<sup>436</sup> Octacílio de Souza Coelho.

### Festa de Arromba em Rio Preto

Roberto e Erasmo Carlos

Com letra de Dácio Marçal

Gravação: Dácio & Os Asteróides

Ei, ei, que onda,  
que festa de arromba!

Vejam só que festa de arromba  
Noutro dia eu fui parar  
Presentes no local Rádio e a  
Televisão  
Cinema, mil jornais, muita gente,  
confusão,  
Quase não consigo na entrada  
chegar  
Pois a multidão estava de amargar

Ei, ei, que onda,  
que festa de arromba!

Logo que eu cheguei notei  
O Valdevir com o copo na mão,  
Enquanto o Amaury Jr., com papel  
e caneta,  
Anotava todos os nomes das  
garotas na saleta,  
O Altino ria e o Aristides desistia  
De ensinar o Wagner a tocar bateria

Ei, ei, que onda,  
que festa de arromba!

Renato e seu quarteto tocavam na  
piscina  
Os Cometas no terraço, Big Boys  
no salão  
E os Modernistas não podiam tocar,  
Enquanto o Boqueira não parasse  
de imitar

Mas, vejam quem chegou de  
repente,  
O Vítor com o seu violão,  
Enquanto os Asteróides  
preparavam pra tocar  
O Petrônio de Ávila queria cantar  
Lá fora um corre-corre com os  
brotos do lugar  
Era o César Muanis que acabava de  
chegar

Ei, ei, que onda,  
que festa de arromba!  
Que onda, que festa de arromba!

O desabafo de Dácio me faz lembrar o meu tio Octacílio<sup>436</sup>, poeta, boêmio inveterado. Disse-me por diversas vezes que vendeu, num bar, a música *Joga a Chave*, dita de Adoniran Barbosa e Osvaldo França. Verdade ou fantasia? Bem, nunca falou de outras. Convicto, citava somente essa e cantarolava, acompanhando na caixa de fósforos: *Joga a chave, meu bem, que aqui fora está ruim demais. Sei que perturbei teu sono, amanhã eu não perturbo mais. Faço um furo na porta, amarro um cordão no trinco, pra abrir do lado de fora. Sei que perturbei teu sono, chego à meia-noite e trinta ou então a qualquer hora.*

Diz-se que na vida a gente tem que fazer um pouco do que se gosta e muito do que precisa. Dácio vendeu sapatos, trabalhou em Gráfica. “E música ficou em segundo plano. Hoje o primeiro plano é o artesanato: velas artísticas<sup>437</sup>. Minhas velas já apareceram na *Faça Fácil, Casa & Jardim, Claudia*. Já apareci, dando aulas, no programa da Ana Maria Braga e em outros que me deram um impulso bom. Mas arrumei mesmo é concorrentes. Como dizia o Chacrinha – nada se cria, tudo se copia. Muita gente não cria, copia as minhas velas.”

E Dácio finaliza: “Minha família é fundada na religiosidade. Hoje sou espírita kardecista, mas adquiri um vasto conhecimento sobre família, sobre união, na Igreja Católica, onde fui um ativista mesmo. Participei de movimentos que, na década de 70, eram embriões do movimento Carismático. Em concursos de música dentro da Igreja, certa feita, peguei o primeiro lugar com a música *Só o Amor Constrói*, em parceria com o Valdevir. Isso corou todo o meu esforço. Estamos sempre aprendendo. Amo demais Rio Preto e São Paulo. Gostaria de estar em Rio Preto pelo menos uma vez por ano, mas o dinheiro está curto. Você falou no *Festa de Arromba*<sup>438</sup>. Mande uma cópia pra mim, que não tenho.”

<sup>437</sup> Vela Dácio (*Um raio de luz na sua vida*). Artesanato feito à mão com parafina pura, cera virgem de abelha ou carnaúba. Fone (11) 6966-8442.

<sup>438</sup> Referência à letra dele próprio, adaptada para personagens de Rio Preto.

Eu comentava no *diário* em 29 de agosto de 1965, nos meus 16 anos, que era difícil contentar o público. Os “jovens de outrora”, alguns gostavam, outros não, de nossa música. A maior aceitação era da “jovem guarda”. Nesse segmento, críticas construtivas e outras totalmente negativas. Fanáticos também existiam. A solução então era o repertório variado – as baladas, o *surf*, o *twist*, a bossa nova, o *jazz*... Mas, gregos e troianos nunca tinham o mesmo gosto musical.

Usei o termo “jovem guarda” para falar da rapaziada. Falemos um pouco do movimento que se iniciava: a Jovem Guarda, gênero musical também conhecido como iê-iê-iê. Quando surgiu, o quadro que se delineava era o seguinte. Desde o final da década de 50, já contávamos com o sucesso relativo dos irmãos Celly e Tony Campello, Sérgio Murilo, Ed Wilson, Ronnie Cord. The Jordans, The Jet Black’s e The Clevers também já existiam. Mas a queda de popularidade começava a se fazer notar.

Se pudéssemos dividir a evolução do *rock* em fases, diríamos que a primeira fase do *rock* estava terminando, a partir de 1959. Não estamos falando só de Brasil. As quedas de 30% nas vendas de discos diziam que a pujança rítmica dos acordes de Elvis, caía no ramerrame de repetições e imitações, às vezes baratas, ou em desdobramentos como o *rock-balada* e outros. Lá fora, surgiam, contrapondo-se ao efervescente Elvis – que usava tanto a pelvis – a figura de Pat Boone, Paul Anka, Fabian, Neil Sedaka, bem comportados, levando uma imagem quase puritana. Quem sabe fosse “o reflexo apenas de uma reação do público musical mais conservador, endossada pelas grandes gravadoras, interessadas em conciliar o tumulto do *rock* com o ouvido do consumidor médio.”<sup>439</sup>

No Brasil, rareavam sucessos como *Marcianita* (Sérgio Murilo) e *Diana* (Carlos Gonzaga). Passavam a reduzidos os programas que abriam espaço ao *rock*, como o *Clube do Rock*, da Rádio Mayrink do Rio, *Hoje é Dia de Rock*, da TV-Rio, *Crush em Hi-Fi*, da TV Record-SP. Roberto Carlos<sup>440</sup> havia até se inclinado para a bossa nova por algum tempo. Já Erasmo Carlos<sup>441</sup> e Wanderléa, achavam que ainda valia a pena insistir num tipo de *rock* que tinha, por sinal, algo de bolero e samba-canção. Ed Wilson, Cleide Alves, Renato e Seus Blue Caps, no Rio, também esperavam por uma chance.

<sup>439</sup> Música Pop – *Mirador Internacional*.

<sup>440</sup> Roberto Carlos (Roberto Carlos Braga), cantor, compositor, nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, ES, em 19.04.1943. Seu pai, Robertino, era relojoeiro. Sua mãe, Laura, costureira. Aos nove anos de idade, já cantava músicas de Bob Nelson na Rádio Itapemirim. Em 1957, apresentou-se no programa da TV Tupi carioca, cantando o *rock Tutti Frutti*. Em 1958, conheceu na Tijuca um grupo liderado por Erasmo Carlos. Formaram os Snacks e depois passou a Sputniks. Em 1959, foi *crooner* de uma casa noturna, cantando samba-canção e bossa nova. Nesse estilo, gravou seu primeiro 78 rpm, com as músicas *João e Maria* e *Fora do Tôm*, de Carlos Imperial. O primeiro LP veio em 1961: *Sou Louco por Você*. Em 1962, o primeiro grande sucesso da dupla Roberto/Erasmo foi a versão de *Splish-splash*, ao lado de *Parei na Contramão* e *Terror dos Namorados*. Em 1963, estourava nas paradas com *Calhambeque*, dando início a uma longa carreira de sucesso no Brasil e Exterior – EMB.

<sup>441</sup> Erasmo Carlos (Erasmo Esteves), compositor, cantor, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, aos 05.06.1941. Começou a interessar-se por *rock* em 1957, quando o gênero estava se introduzindo no Brasil. Os primeiros acordes de violão aprendeu com Tim Maia. Com Roberto Carlos, integrou o conjunto The Snacks. Dirigidos por Carlos Imperial, participaram de vários programas de rádio e tevê. Atuou como *crooner* de Renato e Seus Blue Caps, onde também tocou guitarra-base. Sua primeira composição *Eu Quero Twist* foi gravada por Reinaldo Rayol. Em 1962, gravou *Terror dos Namorados*, que juntamente com *Parei na Contramão*, consagrava a nova dupla de compositores. Gravando sozinho, fez muito sucesso com *Festa de Arramba*, em 1964. No tempo da Jovem Guarda foi o Tremendão, ao lado de Roberto e Wanderléa. Fez vários filmes. Com o fim da Jovem Guarda, tentou firmar-se na música brasileira como compositor – EMB.

O sucesso de *Rua Augusta*, em 1963, com Ronnie Cord, dera sinais de que havia mercado. *Parei na Contramão*, *É Proibido Fumar* e *Festa de Arromba* ratificavam isso. A bola estava preparada. Faltava chutar com firmeza. Com a proibição, em agosto de 1965, da transmissão ao vivo de jogos em São Paulo, abriu-se uma brecha na TV Record. Dois publicitários<sup>442</sup> estavam à procura de ídolos para o consumo de massa e acabaram comprando o horário. “A idéia era dedicar as tardes de domingo à juventude. Para isso, convidaram Erasmo Carlos, que já vinha fazendo sucesso com a música *Festa de Arromba*, desde 1964. Foi o início do movimento, que não era político, era apenas musical. O maior fenômeno cultural de massa que o País já vira”, segundo Cláudia Mello<sup>443</sup>.

Só que Erasmo não queria assumir sozinho o comando e indicou Roberto Carlos, que já gravara três LPs, “*Splish, Splash*”, “*Proibido Fumar*” e “*Roberto Canta para a Juventude*”. O então diretor<sup>444</sup> fez um teste com Roberto e aprovou a liderança. Roberto, por sua vez, convidou a amiga Wanderléa, que já era conhecida com a música *Pare o Casamento*, lançamento de 64. Assim, em setembro, os três estreavam na Record. Era o início da era da Jovem Guarda. O programa chamava-se *Jovem Guarda* mesmo e não *Festa de Arromba* como inicialmente se pretendia.

A Jovem Guarda não traria um ineditismo total. O mercado de consumidores e aficionados do *rock* norte-americano já era grande no Brasil, desde 1957. No entanto, mais de três milhões de jovens preencheriam suas tardes de domingo sintonizando a Record. Ao mesmo tempo, no rádio, dava-se uma freada nos sambas-canção, baladas e boleros. Era a vez do iê-iê-iê, *rock* internacional vertido para o Brasil.

O programa de Roberto (O Rei), Wanderléa (A Garota Papo Firme ou Ternurinha) e Erasmo (O Tremendão) era feito em São Paulo e transmitido em *videotape* para o Rio, Belo Horizonte, Recife e Brasília. A inspiração eram os Beatles. Viria então a grande chance de Renato e Seus Blue Caps, que alcançariam enorme sucesso com suas versões para as músicas de Lennon e McCartney. Só perdiam em popularidade para Roberto e Erasmo. Entravam em cena também os grupos The Jet Black's, The Jordans, Os Incríveis, Golden Boys, e os cantores Eduardo Araújo, Sérgio Murilo, Agnaldo Rayol, Reynaldo Rayol, Martinha, Cleide Alves, Meyre Pavão, Rosemary.

Abro um parêntese para dizer que, em 1984, encontrei o grupo todo de Renato e Seus Blue Caps no saguão do Hotel Teresina Palace<sup>445</sup>. Apressei-me em colher autógrafos. Temos mania de fazer isso e dizer que é para outra pessoa. No caso, citei meus dois filhos, Leandro e Érica, então com sete e quatro anos. Ao mostrar, orgulhosa, e ingenuamente, o nome de cada um no papel, para Érica, a mais velha, ela disparou: “e quem são?...”

<sup>442</sup> Carlito Maia e Magaldi.

<sup>443</sup> *Jornal da Comunidade*, Brasília, 21 a 27.06.98 - pág. 33 – Seção *Número Um* – É uma brasa, mora!

<sup>444</sup> Paulo Machado de Carvalho Filho.

<sup>445</sup> Teresina, PI, 9 de novembro de 1984. Renato e Seus Blue Caps se apresentavam naquela capital, vinte anos após o início de uma carreira de sucesso.

<sup>446</sup> Dupla vocal formada por Lílian (Sílvia Barrie Knapp), nascida no Rio, em 1948, e Leno (Gileno Osório Wanderley de Azevedo, nascido em Natal, em 1949).



Muitas duplas e conjuntos surgiram nessa fase, como Leno e Lílían<sup>446</sup>, Os Vips, The Fevers. Juntaram-se ao grupo inicial Ronnie Von, Vanusa, De Kalafe, Deny & Dino, Antônio Marcos, Os Brasões, The Pops, dentre outros. Alguns retornaram posições nas paradas bem mais tarde, através do relançamento de seus discos ou até mesmo voltando à ativa pra valer.

A partir de 1966, com o sucesso de *Quero que vá tudo pro inferno*, o programa tomou proporções nacionais. E ditaria moda. Vieram as garotas de botas de cano alto, minissaia. Rapazes com cintos do tipo “calhambeque”, calças boca-de-sino, camisas de cores fortes, destoando dos padrões comportados de então. Para completar o cenário, um “carrão” dava o tom. O fenômeno começou a despertar o interesse de compositores de outras áreas, como Jorge Ben, Gilberto Gil, Caetano Veloso. Elementos do iê-iê-iê, como as guitarras, foram incorporados ao acompanhamento de *Domingo no Parque e Alegria, Alegria* no III Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, em 1967.

Veio então a Tropicália, movimento fundado por Gil e Caetano. Segundo Erasmo Carlos, “a Tropicália era uma Jovem Guarda com consciência das coisas, e nos deixou num branco total.” Foi o começo do fim, até o esvaziamento total, em 1969.

Segundo a EMB<sup>447</sup>, “além de projetar nacionalmente alguns de seus ídolos, o movimento foi em grande parte responsável pela posterior assimilação de instrumentos eletrônicos na música brasileira de todas as tendências e pela fusão de informações estrangeiras e dados nacionais que caracteriza a fase atual (referência a 1977) da produção musical”.

As letras daquela época eram simplistas. E nada de sexo, rebeldia, drogas ou política. A música pela música. Rui Martins, em *A Rebelião Romântica da Jovem Guarda*, assim diagnosticou o movimento: “Excetuadas as mostras de rebeldia relacionadas com vestimenta e uso de cabelos longos, essa juventude não agride, não ameaça e nem coloca em dúvida o nosso tipo de organização

*É Proibido Fumar* (Roberto Carlos – 1963)  
*Festa de Arromba* (Erasmo Carlos – 1964)  
*Menina Linda* (Renato e Seus Blue Caps – 1964)  
*Meu Bem Lolypop* (Wanderléa – 1964)  
*O Calhambeque* (Roberto Carlos – 1964)  
*Pare o Casamento* (Wanderléa – 1964)  
*Querida* (Jerry Adriani – 1964)  
*Coruja* (Deny & Dino – 1965)  
*Deixa-me te Acompanhar* (Jerry Adriani – 1965)  
*Devolva-me* (Leno e Lílían – 1965)  
*Lobo Mau* (Roberto Carlos – 1965)  
*Pobre Menina* (Leno e Lílían – 1965)  
*Quero que vá tudo pro inferno* (Roberto Carlos – 1965)  
*Temura* (Wanderléa – 1965)  
*Você me Acende* (Erasmo Carlos – 1965)  
*A Volta* (Os Vips – 1966)  
*Bom Rapaz* (Wanderley Cardoso – 1966)  
*Eu não Sabia que você Existia* (Leno e Lílían – 1966)  
*Prova de Fogo* (Wanderléa – 1966)  
*Caderninho* (Erasmo Carlos – 1967)  
*Tijolinho* (Bobby de Carlo), *Meu Bem* (Ronnie Von), *Alguém na Multidão* (Golden Boys) e *Era um Garoto que como eu Amava os Beatles e os Rolling Stones* (Os Incríveis).

<sup>447</sup> *Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular* – Art Editora Ltda, São Paulo, 1977.

### Texto do show A Última Audição – Só Tinha de Ser Com Você

Por Vera Lúgia Benfatti, 15 anos

1. **Samba-jazz** – a própria vida já é um conjunto. São pianos de alegria, sax melancólicos, tristes contrabaixos de agonia, baterias de soluço Depois as vozes... a exprimir com um quê de felicidade o valor de cada instrumento compassado inteiramente seu. E nesse conjunto vivemos às vezes sem amor, mas com paz e nossas vozes se fundem ora em samba, ora em bossa, ora em jazz.

2. **Amanhecendo** – Naquela hora era tudo diferente. Nem mesmo o mundo parecia o mesmo. Na madrugada calma, algumas estrelas piscavam azul. O ar estava parado e a sombra se projetava em forma de vultos ou desenhos incompreensíveis. A água dormia seu sono de paz e apenas os grilos quebravam o silêncio da noite com sua cantiga sem tom. E foi pensando nos grilos, no silêncio e nas sombras, que sentiu mais do que viu a presença viva de seu sonho, com aquela expressão de carinho e o rosto cheio de amor. Sorriu e compreendeu nesse instante que uma noite como aquela não seria sem você...

3. **Reza** – Que o peso que nos oprime a alma se desfaça em nuvens de felicidade e parta ao encontro de horizontes encantados, de onde traga até nossa alma as visões de um recanto celeste, onde atrás de cada espinho palpita uma flor de esperança. Será oração, amigo, que levará de ti as tempestades da alma, deixará em teu peito a bonança de um canto de paz.

4. **Laura** – Nome de mulher que é uma carícia, um rosto que me causa emoção. Tua vida é o tesouro que protejo. Teus olhos, a riqueza que eu almejo. Se um dia na vida, uma estrada se abrisse, e cheia de encantos, eu pudesse segui-la, não levaria anseios ou sonhos, pois minha jornada, Laura, se fosse de festa ou de pranto, só tinha de ser com você...

5. **Pra que sofrer** – Pra que sofrer, se a cada passo que damos, um desgraçado maior passa à nossa frente. Pra

social. No máximo, os jovens ‘ié-ié-ié’ retiram esguichadores de água do pára-brisa dos automóveis de determinada marca (brucutus) para com eles fazer anéis que imitem os usados pelos seus líderes.”

Rui critica a despreocupação com questões sociais. A Jovem Guarda, ingênua e inconseqüente, demonstrava estar alheia diante de problemas ligados à sua existência e à sua participação dentro da sociedade. As letras inocentes, a temática do amor, em ritmos alegres, revelavam, paralelamente, uma falta de objetivos. A adesão de adultos conservadores ao movimento era sintomática – indicava uma “prévia disposição para um ajustamento indolor à estrutura social”.

Em 3 de setembro de 1965, usávamos o auditório da B-8 para gravar algumas músicas, dentre elas *Night in Tunizia* e um *pot-pourri*, com *play-back* Seriam passadas para acetato no dia seguinte, na Toledo. Imaginem a qualidade de uma gravação em auditório. Brito e Farath nos auxiliando, vários amigos como espectadores. Terminamos às 23 horas, quando Araújo Neto nos intimou a tocar em seu programa. Amaury Júnior apareceu por lá e “rasgou algumas sedas”.

Altino assim se pronuncia quanto a esse artifício do *play-back*: “Nossa dificuldade maior na Toledo era o problema de sempre – não haver piano. Fazíamos o instrumental na B-8 e levávamos para gravar as vozes no estúdio do Murilo. Tocar sem cantar e depois cantar sem tocar...”

Uma revelação quanto a *Night in Tunizia* que gravamos. “Depois de algumas apresentações do grande sucesso jazzístico *Night in Tunizia*, de Dizzy Gillespie, Flávio admitiu que seu improvisado era uma cópia da gravação de Renato Perez. Anos depois, ao ouvir Gerry Mulligan, executando a mesma música”, comenta Altino, “percebemos que houve coincidência, nota por nota, do tal improvisado”. Mulligan copiara Renato?... Claro que não!

Na mesma semana, mais gravações, assinalando problemas com a pressa do Brito, com o som do piano, com os pratos da bateria. Na gravação de vozes na Toledo, problemas técnicos de não se ouvir direito o *play-back*. Apesar de tanta atividade, *Os Asteróides* passavam por

alguns problemas internos. Eu e Altino estávamos terminando de cursar o 2º Científico. O ano que se aproximava era o ano das decisões. Ficar em Rio Preto, estudar fora, eram opções a serem tomadas antes do início de 1966, já que prestar o vestibular estava em pauta tanto para mim, como para ele. Meu pai apertava o cerco. Afinal, tanta atividade noturna e eu tinha 16 anos.

Vejamos, no frigidar dos ovos, o que resultou:

“O excelente conjunto rio-pretense *Os Asteróides*, infelizmente, vai ser dispersado. Para tanto, programaram *A Última Audição – Só Tinha de Ser com Você* para as 20 horas do dia 14 do mês em curso. A promoção está merecendo organização do 3º Ano Clássico do IEMG e o local será o auditório do colégio... – Coluna Amaury Júnior, 10.09.1965”

Em função da decisão, assinalo que Altino andava “emburrado”. O último *show* dos *Asteróides* estava sendo bastante divulgado.

No sábado, dia 11 de setembro, nos apresentamos na boate do Automóvel Clube. No salão maior, os Big Boys. Em 13 de setembro, nosso acetato era rodado na cultura. À noite, fazíamos o nosso último ensaio e Dona Etelvina, um bolo de despedida.

Em 14 de setembro, a 73ª e última apresentação *A Última Audição – Só Tinha de Ser com Você*. Muita gente. Comentários no *diário* de que alguns moleques promoveram uma gritaria danada. Iluminação ótima a do Cláudio Luchesi. Cenário também. Muita emoção, inclusive por parte do Flávio, que não conseguiu terminar uma música. Os textos foram da amiga Vera Lúcia Benfatti<sup>448</sup>. Quanto a ela, então com 15 anos, friso a sua sensibilidade e imaginação fascinante.

Após o *show*, uma festinha íntima de despedida, na casa do Altino. Ouvimos nossos discos antigos, Dácio fez suas palhaçadas – ele testemunhou o início e o término do conjunto. Quem lá estava – pais, irmã e primas do Altino, Flávio e irmã, Wagner e primo, meus pais, Valdevir, Dácio, prof. Nelson<sup>449</sup> e irmã.

<sup>448</sup> Vera Lúcia Nora Benfatti, filha de Nelusco Benfatti e Eunice Nora, nasceu em 18.02.1950 e faleceu em 08.11.1981.

<sup>449</sup> Nelson Basile, professor de línguas.

que chorar quando os pássaros cantam pelo ar, quando o sol brilha e aquece sem nos perturbar, quando as árvores nos sorriem verde. Pra que ceder lugar à tristeza, se a própria natureza vinha nos saudar. Tudo que é belo é presente, tinha vida, tinha campos, céu e paz. Só não havia você...

**6. Night in Tunizia** – As tristezas são noites eternas que não possuem estrelas, de onde o brilho se afastou e deixou atrás de si apenas um manto escuro, sem qualquer encanto, sem qualquer poesia. Mas como as noites se transformam em dia, as alegrias também tentam substituir as tristezas. E como ela, para mim, representa uma coisa única, não poderia chegar sozinha. Ela só poderia, só tinha de vir com você...

**7. Preciso Aprender a Ser Só** – A solidão me apavora, o silêncio me amedronta e quando sozinho fico a pensar em Deus, a tranquilidade chega para mim. Mas são tão raros esses momentos comparados aos que fico sentado numa sala escura que são meus próprios pensamentos, a recordar os instantes de ventura e felicidade que tive um tempo atrás. E as imagens aparecem nítidas, claras, prolongando esses momentos tão finidos, me fazendo estremecer. E uma voz, dessas que apenas nós ouvimos, me fala em tom baixo e carinhoso... aprenda a ser só, pois a felicidade não tinha que ser pra você...

**7. Rio** – Quatrocentos anos de vida e amor. Traz dentro de si alegrias distribuídas a todos que chegam até você. Abençoado pelo Cristo que o olha, mergulha na baía de seus sonhos e faz da onda branca que quebra aos seus pés a renda com que cobrirá cada noite de sua vida. A sua música leva mensagem de amor a todo o mundo e o seu asfalto é o caminho que muitos vão seguir, e quem quiser ser feliz, que siga ao seu encontro, pois ao encontrá-la, a felicidade já terá chegado..., serão felizes juntos apenas ele e você...

**8. Garota Moderna** – Lá vem ela sorrindo. Vem sempre assim, nunca sozinha, traz consigo seu amigo vio-

lão. A camisa um pouco grande, talvez grande até demais pro seu tipo de garota que não pode ouvir sermões. Mas, ao procurar alguém que não crê em solidão, torna-se meiga sem risos e confessa entre os sons do violão: – Eu sabia... eu sabia que só podia cantar pra você.

9. **Moça Flor** – Num jardim de meninas de flores, ela se completa e se torna uma só. Pois se a flor nasceu para as suas mãos de menina, a menina nasceu pra se tornar uma flor. E sua convivência vem da mais tenra idade, quando ainda pequena a menina descobre um modo de afastar os espinhos e poder chegar até a flor. E, mais tarde, quando de menina ela passa a moça, deixa que uma lágrima de felicidade lhe desça pelo rosto ao receber das mãos que tanto ama, uma flor tão linda, de um vermelho vivo, acompanhada daquela voz que lhe soa como um hino: – Tome essa rosa, é sua... ela nasceu e viveu para ser entregue a você... Só a você...

10. **Adriana** – Seus olhos brilham e transmitem amor. São de um azul muito azul, como um lago em que existissem lindos castelos e os mais belos príncipes encantados. E você não compreende a magia de seus olhos, não compreende que sem eles nem meu céu teria cor e que o meu caminho, onde há rosas, mas também espinhos, só poderia ser entregue a você.

11. **Garota de Ipanema** – Na cor da sua pele, no brilho dos olhos, no tom da sua voz, ela já diz o que é. Beethoven... não gosta, e Dante, o que é? Conhece o Vinícius, conhece Jobim, até faz poesia, mas inferno, o que é? Mora na praia, confia no sol, se abre no mar, deixa que a areia a cubra, que o vento a beije. E o seu andar, que inspirou tantos poemas, deixa no mar a promessa – na minha vida, querido, só há lugar pra você.

12. **Consolação** – Os olhos molhados, o rosto pálido, a boca entreaberta. Foram inúmeras as pessoas que chegaram e lhe disseram mil palavras de consolo. Eram palavras... que signi-

Vale a pena transcrever o texto apresentado no final do *show*:

“**Despedida** – Mocidade, juventude, adolescência, milagre que vivemos agora e que adornará mais tarde as noites de nossa velhice. Pena que seja tão curta e mal compreendida esta fase em que os moços procuram se expandir de um modo ou de outro, sem saber como nem por quê.

E foi durante este período de alegria, ânimo e vontade de viver, que quatro jovens idealizaram no ano de 1964 um meio de expansão, onde dariam de si para os outros, e esse meio não era outro senão o da música, aquela música que traduz sentimentos, que desabrocha alegria interior, música jovem, de moços para moços. Precisavam de um nome novo, diferente... quem sabe em inglês?... não, muito batido. Alguém sugeriu... *Os Asteróides*. Nem um momento de hesitação. A maioria aprovou, era exatamente o que desejavam. Talvez o nome exercesse alguma influência, e eles queriam subir alto, assim como os astros, para fazer jus ao nome.

E como deveria acontecer, no dia 2 de março de 1964, ali estavam eles à frente de um microfone, talvez pela primeira vez a enfrentar um público dos mais variados, sentindo percorrer pelo corpo aquele arrepio que não se sabe de onde vem e nem se pode explicar. Os olhares curiosos e interrogativos gelavam-lhe o sangue, e no coração de cada *Asteróide* a dúvida persistia... agradariam?

Aplausos, abraços, elogios, o público mudava, havia sempre rostos diferentes em número sempre maior, cada vez mais constante. Passou-se o tempo.

Hoje, com setenta e três apresentações, dissolve-se o conjunto com um ano e meio de atividades quase contínuas. Viveram uma experiência maravilhosa que não esquecerão nunca, nesse ano e meio de alegrias e decepções. Mas as decepções, a esses moços que tinham nos lábios sorriso constante, eram apenas pedras a serem removidas de seu caminho de glória. Após algum tempo, dos quatro elementos, se subtraíram dois, a esses dois se juntaram mais três e com

cinco elementos o conjunto viveu a maior fase de sua existência. Outro porém não pôde continuar e passaram a quatro, que se encontram aqui nesse momento.

Flávio, Altino, Aristides e Wagner. E hoje, diante dessa platéia, na maioria de colegas e amigos, querem os *Asteróides* lançar seus agradecimentos por meio deste que vos fala. Agradecer emocionados àqueles que os acompanharam, sofrendo com eles nas horas difíceis, ou rindo e cantando nos não raros momentos de alegria. Ao incentivo que lhes deram tantas críticas construtivas, que os ajudaram a corrigir os erros, e a espontaneidade das destrutivas, que às vezes os desanimaram com seus comentários. Mas eles foram sinceros. Portanto, todos vós, colegas, amigos, irmãos ou até mesmo desconhecidos que os admiram sem os conhecer, recebam um abraço carinhoso. E saiba, público amigo – *A Última Audição Só Tinha de Ser com Você.*”

E o conjunto, então, apresentou a *Valsa da Despedida* e *Só Tinha de Ser com Você*. Vera Lígia, emocionada, além de ter elaborado o texto apresentado pelo Amaury, nos escreveu uma cartinha carinhosa.

Altino, ainda em setembro, recebia carta do Carangola, que estava no Rio. No *diário*, contas e mais contas, avaliação dos instrumentos, pagamento de dívidas, divisão dos discos, problemas de todo “casamento” desfeito... Em 16 de outubro, atendendo ao Amaury Jr., “a quem não podíamos negar”, registro, fomos Altino, Wagner e eu tocar no *Show da Meia-Noite*, no Rio Preto Automóvel Clube.

Em 27.08.1966, eu tocava bateria pela última vez, na primeira apresentação de “Os IEMGers” no Automóvel Clube. Eram festejos da semana de aniversário do IEMG. No palco, além do baterista, Márcia Sodero, Airton Castro, Nidelce Silva e João Manoel Pires. No verso da apresentação uma observação, reveladora quanto à qualidade da apresentação: “a expressão da Nidelce nos dá uma idéia exata do que foi...”

ficavam muito, claro... mas apenas palavras. Foi quando a porta se abriu e alguém entrou. Encaminhou-se até ela e, sem uma palavra, colocou-lhe a mão sobre a cabeça. Não era mais uma palavra... a aquecia e confortava, e a criança levantando o rosto ainda úmido, murmurou: – Eu sabia... só poderia ser você...

13. **Pot-pourri** – Fazendo um apinhado geral de nossa vida, tanto podemos mergulhar na tristeza como sair a cantar pelas ruas, na mais profunda alegria. E formando essa alegria misturam-se entusiasmo, satisfação, ânimo e vontade de viver. Quantos sentimentos e sensações experimentamos em relação a uma só pessoa; o que não fazemos por ela... por essa pessoa única... que talvez seja você... Enfim, os altos e baixos, as idas e voltas, os momentos difíceis e as horas alegres se resumem num sentimento apenas – vitória, pois as etapas que venci não as venci sozinho, havia você a me ajudar. Só tinha de ser com você, apenas com você eu me reerguiera.

14. **Só Tinha de Ser com Você** – Virão pessoas de ambientes diversos e de modos estranhos, sem sonhos de amor. Surgirão vozes sem prantos de rostos cansados, de olhos sem cor. Que surjam vozes e homens, que surjam choros e risos... mas surja junto você... Pois sem sua presença e o encanto da sua amizade, eu não saberia cantar “Só Tinha de Ser com Você”...

**“A Crônica do Dia – Da Rádio Independência, por Dinorath do Valle Kuyumijian  
A Notícia, 16.09.1965**

Com um *show*, ontem à noite, no auditório do Instituto de Educação, *Os Asteróides* se despediram das lides artísticas. Vai ser dissolvido o grupo, desistir de fazer música afinadinha, de conjunto, música de gente moça para divertir os moços.

Os motivos da desistência não são totalmente conhecidos. Mas a maioria das razões pendem para a necessidade de mais tempo para o estudo, razões ponderáveis, sem dúvida. Que nem por isso invalidam o caráter recreativo-cultural que marcava o conjunto nascido do desejo de realizar algo novo, do espírito de união e amor ao ritmo e à música.

Em meio a uma juventude que se desenvolve tão parca de oportunidades auditivas, a extinção de um grupo que faz música, dá pena na gente. Porque nunca se precisou tanto de manter o pouco, quase nada, que se tem, nesse setor. Cada vez mais chafurdamos no mundo surdo e insensível aos sons; cada vez desenvolvemos menos o gosto pela música, quase totalmente sem oportunidades. Ficamos à mercê do mau gosto da maioria dos discos e programas, imitando sempre e cada vez mais as soluções alheias, em nada realmente nosso, tentativa de fazer parte dos barulhos que dão prazer, fontes de sensações e de discernimento.

Esses conjuntinhos modestos, criados à sombra do idealismo, mantidos e montados com o acre das dificuldades são um sinal da necessidade de se amparar nos jovens nas horas de lazer e recreação com finalidades definidas, dentro de suas tendências e predileções. Com a falta de apoio de fora para dentro, a ausência da presença adulta, eles não poderão se manter indefinidamente. Tudo conspira para que se findem. Muito ensaio, algumas apresentações e, não raro, incompatibilidades e discordâncias dentro do próprio grupo. Como nascem num repente de desejo realizador, desaparecem, por esta ou aquela razão.

É pena que os *Asteróides* terminem aqui sua existência já admirada e aplaudida em anos de trabalho árduo mal recompensado.

Uma alegria a menos aos moços que tocam e menos oportunidades de ouvir aos que assistem. Lá se foi o conjunto afinado que alegrava os palcos estudantis. Esperemos que outros surjam. Mas não vai ser fácil...”



Quermesse do Colégio Santo André, em 27.08.1965 — Aristides, Wagner Pero, Roney Signorini e o Conjunto 007 na Bossa (Maria Ângela Mattera, Elíner Sobrinho, Vera Morandi, Iraídes)



Os Asteróides em sua 3ª e última fase – Boate do Automóvel Clube, 11 de setembro de 1965 (Aristides, Flávio, Wagner e Altino)





## Música de Fim-de-Ciclo

---

Não poderíamos terminar sem antes discorrer sobre as principais lamentações dos músicos. Assunto palpitante é o do estilo que predomina nos meios de comunicação. Farath tocou nesse assunto. Renato Perez, Dácio Marçal, também. O que teria mudado na Música Popular Brasileira? De quem seria a culpa pela invasão de tantas músicas descartáveis e daquelas que não podem ser simplesmente ouvidas – que têm que vir acompanhadas da coreografia, pela sua discutível qualidade? A quem beneficia o boicote acintoso que as emissoras de rádio cometem com as criações de qualidade? São perguntas que nos conduzem a importantes reflexões.

Helládio Costa Filho<sup>450</sup> aborda a questão: “Seria ótimo se a classe musical fosse um segmento mais constante. Mas é que o músico ora tem trabalho, ora é totalmente afastado da atividade. Em parte é culpa nossa, dos músicos, classe desunida.” E vai além: “Nossos governantes não se preocupam em, desde a iniciação educacional do brasileiro, ensinar música. Desconhecem a importância cultural que ela tem. Sabem só que música acalma e relaxa. Desconhecem que ela socializa o ser humano.” Helládio considera que o brasileiro é um talento nato, pelas suas origens, carecendo, entretanto, de cultura e conhecimento específico, que o levem a tornar-se um verdadeiro profissional da música. No que diz respeito aos órgãos de classe, Helládio vai fundo: “Temos, hoje (1999), um Conselho Federal da Ordem dos Músicos inoperante” Apesar de ser Presidente do Conselho Regional do DF, nosso amigo acha que os ‘comandantes da classe’, pessoas que integram o Conselho Federal preocupam-se mais em ostentar os cargos que ocupam. “Eles não têm um mínimo de consciência de que o músico precisa sustentar família, pagar impostos, como qualquer profissional. De minha parte, continuo lutando para que um dia minha categoria – do músico brasileiro profissional – seja mais valorizada. A música é um trabalho gratificante. Ao tocar, o músico se sente feliz.” E finaliza: “Mas ele tem que se realizar também como cidadão.”

E quanto ao apelo sexual, seria tão indispensável ao sucesso? Bem, nesse assunto último, pelo menos nota-se uma coerência muito grande. A mídia está perfeitamente sintonizada com o estilo das criações apelativas. Os apresentadores sempre entram no “clima da onda”. Mesmo que o Julio Iglesias não mencione

---

<sup>450</sup> Helládio Costa Filho é Presidente do Conselho Regional da Ordem dos Músicos do DF. Nascido em S. Paulo, SP, aos 01.05.1955, é pianista, tecladista e viveu 15 anos em S.J. do Rio Preto, onde conviveu com muitos dos personagens mencionados neste livro. Mora e trabalha em Brasília. Sua família ainda reside em Rio Preto.

“pegar no peitinho” de ninguém, vem a Hebe Camargo – Iglesias estava se apresentando no programa dela – e faz insinuações, inclusive gestuais, quanto ao tamanho de seu órgão...<sup>451</sup> E ninguém me pergunta, se como telespectador eu estou gostando! Mas, tudo indica, pelo andar da carruagem, que a maioria dos telespectadores gosta sim.

Há que se falar também das pornomúsicas que eram cantadas outrora em final de festa quando alguns já estavam alterados por cervejas a mais. Eram restritas às festinhas. Agora ganharam as tevês e as rádios. Nessa linha, veneráveis senhoras de antigamente, hoje, em versão moderna, estariam então embalando seus netos com músicas como “na boquinha da garrafa”? Esperamos que não. Gostaria de haver entrevistado a Hebe sobre o assunto, mas ela está tão longe...

O que se convencionou chamar de Música Popular Brasileira pode não ter acabado, mas, com certeza, não é mais a mesma. Embora sem muita constância, os grandes compositores e artistas continuam produzindo. Mudou a forma de serem tratados pela mídia. O espaço diminuiu. Comprove isso girando o seu dial, “o paraíso terrestre da lambaerótica, da axé-music, do pagode mauriçola, do agrobrega e, agora, a ave-maria do cardio-funk”, afirmaria o crítico Mauro Trindade<sup>452</sup>.

A mesmice dos programas de rádio sugerem que a MPB está em baixa. Segundo alguns críticos, os grandes grupos e artistas, além de demorarem mais para lançar seus discos, parecem até contagiados pela queda da qualidade geral e, influenciados, transferem para seus trabalhos, que acabam ficando aquém dos anteriores. Marco Mazzola<sup>453</sup>, diretor artístico, nos fala desse assunto da crise da música brasileira e do boicote das rádios: “Talvez não seja uma crise, mas um desestímulo, porque o sujeito faz um disco que nunca toca. Com a concorrência dos pagodeiros, sinto que os grandes artistas se recolheram. Até alguns anos atrás, todo artista gravava um disco por ano, o que não acontece mais. O cara se bloqueia.” Vemos então artistas de peso limitando-se a *shows* no Brasil e Exterior, ao invés de gravar.

Helládio, nesse assunto não se contém: “Os anos 60 e 70, ao lado da música brasileira em ascensão, trouxe muita coisa nova, tudo estava sendo descoberto. Eram os festivais, a Jovem Guarda, os Beatles, Rolling Stones. De 1975 para cá, música brasileira em baixa, sem nada de novo, sem posicionamento cultural, culpa da própria mídia” O pianista Helládio não se furta a criticar também a “música sertaneja” de hoje, não mais Tião Carreiro, Cascatinha & Inhana, mas “arremedos sem-rumo desprovidos de paternidade”. A axé-music também não escapa da crítica acirrada de Helládio: “De cultura não tem nada. Coitado do Rui Barbosa. O pagode? Mistura grosseira de samba com bossa, samba-enredo. Todas, correntes harmonicamente fracas, lamentavelmente com letras com sentido duplo.” Para ele, pelo menos uma coisa melhorou: “Hoje, no Brasil, está-se ouvindo mais músicas nacionais, mas que não se comparam com o nível musical e cultural dos anos 60 e 70.”

<sup>451</sup> SBT, fevereiro de 1999.

<sup>452</sup> *A Era do Pois É – Jornal Comunidade*. Brasília, 03.02.1999.

<sup>453</sup> Criador do selo MZA.

Carlos Marcelo<sup>454</sup>, do *Correio Braziliense*, acha que as letras das músicas que nos bombardeiam nas rádios hoje em dia, na sua maioria axé-music e pagode, primam pela indigência e mediocridade, com pouquíssimas exceções. “O rádio comercial virou uma terra de ninguém, que abriga aberrações como a dupla Rodolfo & ET e o pior do *pop* italiano, espanhol e americano.”

Quem se reporta aos primórdios da produção de música carnavalesca no Brasil vai perceber que os compositores das marchinhas de Carnaval sempre usaram da simplicidade. Letras fáceis, rapidamente assimiláveis. Esse contorno, com o correr dos anos, permaneceu, acrescentando-se pitadas maiores ou menores de irreverência. O que os críticos muito lamentam hoje é que a inconsistência vazou para o nosso dia-a-dia. É o mesmo Carlos Marcelo que dispara: “O que oferece hoje a mídia de massa, consumido com voracidade por milhões de pessoas, são músicas alegres, de imediata assimilação e completamente esquecíveis. A axé-music e o pagode comercial empurraram para baixo o nível da programação radiofônica, atualmente infestada por uma infinidade de refrões onomatopaicos mais adequados a matinês de bailes carnavalescos. Não à toa, as crianças são as primeiras vítimas da enxurrada emburrecedora.” Vemos hoje uma coisa que era restrita, então, ao Carnaval ou aos carnavais fora-de-época, tomar conta do nosso cotidiano.

Alguém poderia dizer que nós mesmos, *Os Asteróides*, nos anos 60 tocávamos músicas também imemoráveis e descartáveis. Começamos assim. Há que se considerar que o descartável daquele tempo ainda se ouve hoje em rádios comprometidas com o resgate da memória musical. Pouco provável pedir-se bis para o descartável de hoje. E em poucos meses, quando começamos, vimo-nos forçados a ampliar nosso repertório para podermos tocar em bailes. E passamos a tocar de tudo.

Os críticos, acirrados, falam em processo de perda de memória musical. O compartilhamento de emoções provocadas por músicas de outras épocas já não é tão freqüente. Letras como “vai, aviãozinho, vai buscar o meu benzinho<sup>455</sup> ...” ou “carrinho de mão, parará<sup>456</sup> ...” serão esquecidas com a rapidez do raio. “É a descerebração. Não dá para imaginar ninguém em sã consciência ligando para sua emissora predileta no futuro e pedir para recordar *Só no Sapatinho* ou a Banda Eva cantando sobre ‘o cheiro de pneu queimado e o negão de cabelo penteado’. É ruim demais”, desabafa Carlos Marcelo. “Por esse motivo, o historiador Zuza Homem de Mello decidiu encerrar em 1985, com o segundo volume, o livro *A Canção do Tempo*, que reúne os maiores sucessos nacionais desde 1900. Não sentiu ânimo para incluir, na mesma obra que contém *Chega de Saudade*, as viagens do É O Tchan pelo Egito, Havaí e Japão.”

Já nos anos 60, as músicas fadadas à divulgação e ao sucesso encomendado, recorde, constituíam o lado inteiro de um disco especial de vinil fornecido pelas gravadoras às rádios. Era o início do cerceamento da produção artística – com o favorer de determinadas criações em detrimento de outras.

<sup>454</sup> Carlos Marcelo, jornalista, crítico de música é Editor do *Correio Dois*, do *Correio Braziliense*. Matéria: *Visão do Editor*, de 10.01.99.

<sup>455</sup> Cheiro de Amor.

<sup>456</sup> Terra Samba.

## Uma Aventura no País do Heavy Metal

Estávamos em 20.02.2000. Refletindo sobre a busca da espontaneidade e da qualidade estética, ambas em decadência, eu lia reportagem de Fernando Naporano<sup>457</sup> sobre o impacto e o sucesso que o conjunto CSN & Y (Crosby, Stills, Nash & Young) estava causando em turnê pelos Estados Unidos. São sessentistas, classificados como “ilustres veteranos e lendários”, ou seja, altamente profissionais. Naporano exalta a potência e afinação impecável de suas vozes, impulsionadas por uma energia que chama de adolescente, que contrasta com a desgastada aparência física. Seus arranjos prevêm somente suas guitarras ou violões. E não usam os artifícios tão em voga, como teclados, saxs e percussão, para tapar buracos ou disfarçar desafinações. Eu dizia para mim mesmo: “pena que nós brasileiros não estejamos incluídos nas turnês do grupo”, que faz questão de usar pequenos amplificadores valvulados. São tão bons que a platéia, nos diversos locais por onde passam, ficam em absoluto e reverente silêncio. Boquiabertos também.

Nesse mesmo dia, eu, à noite, estaria mergulhando numa aventura ímpar. Levaria dois de meus filhos, Aline e Daniel, mais três amigos deles, a um *show* dos Raimundos. Foram duas horas e meia de espetáculo. Na primeira meia hora eu já rasgava papéis, fazia bolinhas, enfiava nos ouvidos tentando protegê-los. Um dos seguranças, notei, usava algodão, que surtia melhor efeito. No mesmo dia quis escrever algo sobre o evento quando cheguei em casa. O zumbido no ouvido dificultou a concentração e apenas anotei palavras-chave para o dia seguinte – bombardeio, caldeirão, muvuca, purgatório, a terapia amável dos chutes, Chechênia, delírio, 1.500 cativos, ou nativos de 1500, sinais de fumaça, álcool e outros combustíveis, empurrões de amizade, cotoveladas de amor, berros, trepidação de laje, novos códigos de comunicação, britadeira, tatuagens, suor e pirotecnia, relativa coerência, integração

Roberto Menescal, compositor e arranjador, arrisca-se a situar o assunto numa esfera mais complexa. Para ele a questão pode ser maior que meros interesses comerciais de rádios e emissoras de tevê. “Estamos num final de século e final é final. Na minha cabeça, um século é um ciclo. Ele começa, tem seu auge e depois sua decadência. E creio que estamos mesmo no final de alguma coisa.” Segundo ele, isso explica a derrocada musical, que não acha ruim, acha até normal. “O auge da cultura deste século foi dos anos 30 aos 70, em todas as áreas.”

As críticas de Fausto Fawcett, cantor-compositor e performático, são mais ácidas que as de Menescal, em relação ao momento que vive a MPB: “A música hoje está vinculada à mídia. Existe mais empresariado, mais publicidade e jornalismo. Por isso vivemos um tempo de gostos saturados, em plena mediocridade e no mais pleno pânico.” Fausto fala ainda das acanhadas tentativas de se reciclar a MPB, introduzindo-se a adaptação do modelo americano do acústico: “Tentam reinventar a MPB com este nome, mas a música popular brasileira sempre foi acústica. Chato dizer essas coisas, principalmente quando o Brasil tem um dos povos mais malucos do mundo, com folclore e fantasias audiovisuais incríveis. E o que se vê? Uma caretice funcional nas artes. Chico Buarque virou um escaninho. Caetano Veloso também. Os Titãs viraram um escaninho. Gosto não se discute e mais nada também. Há quem diga que se vive a era do pós-modernismo. Mas, na verdade, é a era do Pois É. Essa pororoca é muito engraçada.”

Há quem diga ainda que a hipnose provocada pelas músicas largamente coreografadas, despidas de comprometimento com a cultura, anestesia as massas, que, cantando e dançando, esquecem-se de problemas sérios vividos no País. Não se mobilizam para participar, para discutir e promover mudanças. Mobilizam-se para ir ver o próximo *show*...

<sup>457</sup> Fernando Naporano - *Correio Braziliense* - 20.02.2000 - domingo.

Não poderíamos deixar de mencionar, de igual forma, que o músico anda distante do público, pois as suas produções estão a depender, de forma crescente, das inovações tecnológicas. O movimento da volta do som acústico (*unplugged*) tenta se contrapor a isso. J. J. de Carvalho traduz o fenômeno da seguinte forma: “A gravação é agora uma montagem industrial, uma atividade caótica similar à edição de uma película cinematográfica. Fragmentos de vários *takes*, gravados em vários canais independentes, são unidos entre si e depois superpostos, formando uma colagem tridimensional sem que ninguém possua completa autonomia sobre o processo como um todo.” Carvalho é duro em suas críticas: “Instaurou-se uma alienação profunda na prática histórica da atividade musical e ela já não é necessariamente a imagem de uma interação intransferível entre seres humanos em busca da criação e expressão de formas estéticas e através dos sons. Mesmo os *shows* ao vivo já não são tão ‘vivos’ assim – os vários técnicos de som, luz, vídeo e efeitos especiais controlam minuciosamente o desenrolar do evento que passa a ser, em muitos casos, apenas uma réplica tecnológica da antiga obra de arte total.”

O novo século chega, revelando da parte de muitos a ânsia de um retorno a modelos de integração humana que estão sendo esquecidos. A busca da espontaneidade estética perdida marca o pensamento de uma grande quantidade de músicos hoje em dia. Constata-se que as tecnologias que foram a tônica do final do século XX, que dissolveram os vínculos entre o músico e seu público, segundo J. J. Carvalho, utilizadas por pessoas conscientes poderão nos auxiliar a percorrer o caminho inverso – “o de uma nova reintegração sonora dos sentidos e das linguagens estéticas e permitir que a arte musical retome a sua promessa de dizer tudo sobre tudo, com os sons, entre todos, de corpo e alma.”

artista/público, trevas, prenúncios mórbidos, *poltergeist*. Cenário perfeito para o padre Quevedo surgir em meio à escuridão, desafiando os seres subterrâneos. Dia seguinte, com ressaca sem beber, desisti de escrever.

Ao final, havia se oferecido a oportunidade dos cinco da turminha pegarem autógrafos e de eu conversar com o baterista Fred, amável, polido, com procedimentos até normais. E lembrei-me de 1964, dos anos da ditadura. Num interrogatório, um som semelhante ao de um *show* ao vivo dos Raimundos bastaria para o preso político confessar qualquer coisa. E pensei: “*Os Asteróides...* viajavam numa *kombi*, com seus integrantes e todos os seus instrumentos...”

Dois alto-falantes de meu carro foram roubados. Se o tema era som no evento, o era também na cabeça dos larápios. E eu dormi pensando em só som... sonso, insosso, somático, assombroso. Argh!

Aristides Coelho Neto



## Finalizando

---

Numa proposta inicial, em função de um *diário*, tive a intenção de caracterizar o cenário musical e radialístico de São José do Rio Preto. Os nomes mencionados por nós, então adolescentes, ou veiculados na mídia, mereceriam uma atenção maior, sempre que tivéssemos acesso a mais informações. Música e rádio, porque este último era o meio mais importante de divulgação, precedendo a tevê, ainda incipiente no interior do Estado. O enfoque concentrar-se-ia nos anos de 1964 e 1965, época em que existiu o conjunto *Os Asteróides*.

Adaptações foram feitas, correções naturais de rumo. Foi inevitável estender a abordagem para os anos 60. Reminiscências de minha infância em Rio Preto levaram-me também aos anos 50. Para este último período, deixei expresso tratar-se da visão de um então garoto. Fixado nessas duas décadas, pude me aperceber que, em muitas ocasiões, fazia-se necessário ainda enriquecer o relato e oferecer informações num contexto temporal mais elástico, passando pelos primórdios de Rio Preto e fatalmente, em alguns momentos, pelos tempos atuais. Com frequência, os acontecimentos à nossa volta – conjunto *Os Asteróides* – eram de maior amplitude. Assim, às vezes, enfocamos Rio Preto, às vezes, o Estado de São Paulo. A Revolução de 64 marcava o País como um todo. Jovem Guarda não era só Rio Preto, era Brasil. E assim procedemos, indo e voltando na abordagem, no tempo e no espaço.

Estar-mos hoje distantes de Rio Preto nos obrigou a contatos em sua maioria por carta e telefone. E as dificuldades não foram pequenas. Diferentes situações ensinaram reflexões interessantes que pretendi compartilhar com o leitor.

Falei na marca Ford por várias vezes no livro. E tive a ingenuidade e a infeliz idéia de escrever para a Ford Motors. Quem sabe pudessem patrocinar a edição de *Rio Preto – Na Rota dos Asteróides*. Não responderam à minha carta. Fiquei conformado quando li o capítulo *Vivendo e Aprendendo*, no livro *Flash Fora do Ar*, de Amaury Júnior. Ele narra um episódio em que deveria conseguir uma entrevista com dona Dulce Figueiredo, então primeira-dama, transformando-a em garota-propaganda do Escort, que estava sendo lançado. Prometeram-lhe um carro de cachê. Amaury Júnior conseguiu a façanha, mas o pessoal da Ford desconversou. Bem, diante desse fato, e se eu conseguisse o patrocínio e eles não pagassem a gráfica? *Vade retro!*

Minha última passagem por Rio Preto antes da edição de *Rio Preto - Na Rota dos Asteróides* foi em março. Atirei em todas as direções, na intenção de viabilizar a edição do livro. Os nomes pronunciados com constância pelos amigos eram Yolanda Bassitt, AUFER ou Áureo Ferreira, Grupo Verdi, Seta, Itamarati,

como potenciais patrocinadores. E foi no Restaurante Bambina, na Redentora, que Lelé comentou, em 16.03.2000, enquanto almoçávamos: “Se você saiu há trinta anos de Rio Preto, nem adianta se apresentar na cara e na coragem para falar com o pessoal. Só através de uma pessoa conhecida.” Eu havia tentado com Marco<sup>458</sup> do Seta. Disse à Roberta que eu era um arquiteto e escritor de Brasília. Realmente não deu certo. Sobre o assunto – dever de toda secretária perguntar – eu dissera: “Quero presenteá-lo com um livro meu e falar de um projeto sobre Rio Preto.” Benditas secretárias, tão zelosas. Cada filtragem que preserva a tranqüilidade do chefe, uma vitória.

Com o vereador Molina<sup>459</sup> foi mais fácil... e mais engraçado. Foi em 14.03.2000. Passava pela Câmara Municipal, Toledo não estava. Mas haviam-me recomendado falar com Molina. Não tinha o que perder. Sem secretária, ao entrar na sala, de pronto eu já estava diante dele. Convidou-me a sentar. Dei as linhas gerais do projeto. Ele, tomando a minha última versão, começou a folheá-la. Não olhava, mas folheava, enquanto discutia acaloradamente com o tenente. Mais tarde Lelé me explicaria que Molina promove (ou rebaixa, se for um coronel) todos a tenente. Folheou até o final, sem olhar. Falava, inflamado. Mas começou de novo da primeira página. Falava, folheava, não olhava. Discutia. O assunto era um malogrado evento. Chegou ao final de novo. Distraidamente, depositou o meu calhamaço na mesa – na mesa em que eu não estava... Levantou-se, estendeu-me a mão, tapinha nas costas e, para minha surpresa, chamou-me pelo nome:

— Aristides, apareça para conversarmos – eu já estava lá para conversarmos, convenhamos... — Você sabe que eu gosto muito dessas “coisa” de cultura. Estou aqui sempre às ordens...

Houve um caso *sui generis* de um contato, em que a pessoa, personagem viva de nossos relatos – tocara conosco em diversas ocasiões – não se lembrava mais de mim, decorridos 34 anos. O que fixara em relação ao nosso pianista, nem do nome se recordava, era restrito apenas aos “dedos muito brancos” passeando pelo teclado. Era músico talentoso, instrumentista virtuoso, também compositor. Ao ter uma idéia geral de meu projeto, causou-lhe espécie a forma “simplória”, segundo ele, com que eu falava da experiência das pessoas, incluindo tipos despídos de valor musical, segundo ele.

Difícil falar com profundidade de traços de personalidade diante de pouco material ou reduzido contato. E eu correria o risco também de emitir juízos de valor muito pessoais, induzindo o leitor. Por não haver conseguido qualquer material desse personagem, arrisquei uma minuta de texto, com base apenas em uma conversa telefônica (e que lhe passei, mais tarde, junto com uma amostragem de textos sobre outras figuras de Rio Preto). Convidava-o a escrever algum artigo em separado, sobre um tema a seu gosto, contendo a sua ótica, suas críticas. Ele havia comentado sobre atitudes mesquinhas de pessoas, que registrara naquela época. Eu fazia considerações de que o nosso papel no mundo é mudá-lo para

<sup>458</sup> Marco Antônio dos Santos.

<sup>459</sup> Antônio Molina Moreno.



melhor. Para isso tínhamos muitos caminhos. Quem sabe nossos apontamentos pudessem ser, de alguma forma, úteis a alguém. Eu queria dizer que sempre desejei que meu livro tivesse uma finalidade nobre, denunciando situações viciosas ou simplesmente condenáveis, ao mesmo tempo em que ensinasse reflexões que levassem a algo de bom.

“Se quiser fazer algo sério sobre o meio musical de Rio Preto, você tem que cortar muita coisa dessa história”, disparara em outro momento tal personagem, com extremada franqueza. Na realidade, ele mencionava, e era específico, um determinado conjunto e um cenário musical reinante que era de amadores. “Éramos muito jovens, uma dificuldade preparar as músicas. Eu escrevia as seqüências tímim por tímim. Sacrificioso demais. E não tenho boas lembranças daquele tempo. Houve momentos em que eu quis apagar a experiência sofrida de Rio Preto.”

Sobre os trechos esparsos da minha publicação, ele comentara: “Acho que você cita pessoas, muitas delas inexpressivas, que podem levar o leitor ao desinteresse.” O leitor deve ter percebido que o meu projeto mescla amenidades com outros enfoques mais sérios. Um recurso para prender a atenção. Não fiz distinção quanto ao talento musical das pessoas, procurando dar um trato imparcial a todos. Se atuou no cenário de Rio Preto, isso bastou para mim. Exageros, inverdades, juízos de valor são creditados, de forma democrática, a cada um que teve a chance de se expressar. Quanto à quantidade de texto sobre cada personagem, foi proporcional ao material a que tive acesso, à minha disponibilidade, à boa vontade de cada um em fornecer informações. A intenção foi registrar, oferecer espaço e, sobretudo, homenagear alguns que haviam praticamente caído no anonimato ou apenas no registro “folclórico” da cidade. Bongô foi um exemplo disso.

Esse curioso personagem, sem nome até agora, identificou alguns talentos. “Wande era talentoso, Gomes, o pianista do Jockey, também. Além de excelente pianista, ainda fazia instrumentos musicais<sup>460</sup>. Baiano, um saxofonista que vi Monte Líbano, um verdadeiro talento! O sax dele era amarrado com arame...”

Noto que a falta de reconhecimento da sociedade de Rio Preto para com os músicos, marcava o nosso amigo, severo em suas críticas. Nisso tinha razão. “Músico sempre estive à margem da sociedade. Era ralé. Em Rio Preto, pelo menos naquela época, só tinha valor quem detivesse valores materiais”, lamentara-se. “Nunca me esqueço de quando estávamos substituindo o Farath no Automóvel Clube. Fim de festa, o clube quase vazio, paramos para fazer um lanche, sentando-nos à mesa dos associados. Fizeram-nos desocupar. Músicos, ali não! Fiquei muito magoado. Essa imagem continua viva em mim.” Lele comentaria esse assunto comigo: “Muitos confundiam preconceito social com racial. Paulo Moura saiu de Rio Preto chateado com a cidade. Foi buscar prestígio e reconhecimento lá fora. Entrava no Automóvel Clube pela porta dos fundos, aliás, como tudo músico. Nesse caso, era preconceito social, que existiu sempre.”

<sup>460</sup> Inocêncio, dos Big Boys, tocava num baixo feito pelo Gomes.

Na maioria das vezes, ao contrário de jornalistas que preferem preservar a surpresa do texto final, eu – que não sou jornalista – submeti os textos aos protagonistas. Enviei-os ao Mário Longhi, à Tânia Maldonado, ao Inocêncio Amaral Júnior, ao Altino, ao Ivan Baraldi, ao Boca, Dácio Marçal, ao Farath, ao Silveira Coelho, Sylvia Purita, à Helaine Munia, ao Renato Perez, Nilce Lodi, ao Messias Mattos, ao Lelé Arantes e a outros.

Mas o teor do texto que acabaram de ler, caiu sobre a figura sem nome como uma bomba. Coisas que, segundo ele, eram muito sérias para si próprio, eu transformara em “insignificâncias, num relato pobre”. Que eu não mencionasse o seu nome, nem repetisse o que havíamos conversado ao telefone para outras pessoas. Era uma conversa particular e “deveria morrer entre nós”. Sobre ele, que eu ficasse apenas com o que as outras pessoas disseram.... E complementava: “Você não entendeu nada do que eu disse.” Nessa hora ele deu um adjetivo malcheiroso ao conjunto do qual participara e filosofou, amargo: “Desenterrar coisas pode trazer dissabores para você, principalmente quando se tenta colorir a roupa do defunto. Defunto é defunto, deixe como está.” O incidente abre um prólogo para tecermos alguns comentários e finalizarmos esse desdobramento agora incômodo. O leitor percebe que aquela época foi boa para alguns, terrível para outros. No frigidar dos ovos eu tinha em mãos a primeira “crítica literária” a este “relato pobre”, ainda no nascedouro.

É muito delicado penetrar o âmago de algumas personalidades. Aprofundarmo-nos em casos como este – ainda bem, foi o único – além de não acrescentar nada, poderia causar até emoções funestas em leitores incautos. A experiência sofrida que menciona o ácido personagem não deve ter sido simplesmente por lidar com pessoas pouco talentosas. Deve ter havido algo mais que justifique. Quem somos nós para saber...

Meus contatos, portanto, provocaram reações das mais diversas. Muitas pessoas ficaram indiferentes, outras descrentes com o projeto. Outras revelaram-se empolgadas, deixando manifesta a sua alegria de poder colaborar. Foi o caso de Flávio Aragon, Dácio Marçal, Demair Vieira. Outros sonegaram informações, ao tempo em que seus olhos brilharam ao aventar a hipótese de também escrever sobre o assunto. Aleluia! Que bom! Teremos farto material publicado nesta linha!

Nos desdobramentos naturais que aconteceram, à cata de informações e de pessoas, houve reencontros tão gratificantes que nos levam a indagar o porquê de não havermos promovido o aquecimento dos vínculos de amizade que quase se perderam. Deveríamos lutar contra tanto individualismo e competitividade que nos impõe a sociedade dos dias de hoje.

Uma das coisas mais curiosas que observei foi a permanência no tempo das características marcantes de cada um. Quem era “desligado” assim permaneceu no decorrer das décadas. Quem era sistemático, assim sobrevive até hoje. Quem era metucioso, não perdeu essa qualidade. E indagamos – vale mais a influência do meio ou a bagagem que trazemos conosco de vivências que se perdem na poeira do tempo? Quem era polido e gentil, jamais se transformou numa pessoa sem civilidade, numa demonstração clara de que suas experiências diuturnas enriqueceram a formação do caráter.

Inversões de valores são constatáveis sempre. Há pessoas talentosas que nunca têm a esperada chance de crescer (ou não aproveitam convenientemente as que aparecem). Também genialidades e virtuosos que só se relacionam bem com a música e com si mesmo, jamais com o semelhante. Gente sem expressão, mas que se projeta sem merecer. Outros que ignoram que música mexe com a emoção das pessoas, traz prazer e contribui para o bem-estar e a felicidade, que tantos buscam, muitas vezes, de forma equivocada. Muitas pessoas se esquecem desse poder da música e criam e tocam apenas para seu próprio deleite, o que nos faz meditar sobre a passagem da “candeia sob o alqueire”<sup>461</sup>.

Considero que música rompe barreiras. Falar sobre esse tipo de manifestação da arte espero que rompa também.

Constatei que é muito comum confundirmos amigos com colegas. Com estes últimos, o relacionamento é superficial e costumamos imaginar que são amigos. Amizade, sabe-se, é algo mais duradouro. Existem casos incríveis que pensávamos tratar-se coleguismo, mas era uma amizade verdadeira. Esta, apesar de não cultivada, sobrevive ao tempo e recrudescer quando menos se espera.

A trajetória de cada um, com o passar de décadas, pode nos surpreender. O livre-arbítrio sempre leva as pessoas a percorrer caminhos inusitados. Afinal, mais de três décadas envolvem duas gerações. Significa que jovens dos anos 60, quase que certo, já tiveram filhos e, com muita possibilidade, netos. A experiência adquirida é inevitável. A bagagem cultural e intelectual normalmente cresce. As manias, verificamos, se acentuam, pela nossa incúria. Os ponderados, de maneira geral, estão mais ponderados. Os que indagavam a si mesmos naquele tempo quanto à razão da existência, podem ter sucumbido no mar das dúvidas. Outros podem ter encontrado suas respostas na busca do autoconhecimento ou das coisas espirituais.

“Onde há música, não pode haver coisa má” – *Cervantes*

“A filosofia eleva, mas a música arrebatada” – *Helaine Munia*

---

<sup>461</sup> Mateus, 5:15.

A surpresa da aparência física após trinta anos é flagrante. O passar dos anos deixa marcas diferentes em cada pessoa. Os que se deixaram envolver pelos perigos da noite – caso freqüente dos músicos – guardam as seqüelas ou, simplesmente, não estão mais presentes para relatar a sua experiência.

O temor às entrevistas é comum nas pessoas. Uns agem com a naturalidade que almejamos, na qualidade de entrevistador. Outros ficam receosos quanto à “deturpação” ou má interpretação de suas palavras, de ofender alguém, de ser criticado na forma de falar ou escrever, de ser tachado de simplório. Os mecanismos de defesa são os mais variados.

Assim, muitos não responderam às minhas cartas. Responder a uma carta passa por questões de formação cultural e intelectual. Alguns são tímidos. Uma carta cheia de detalhes – como as minhas, percebi – os inibe na resposta. Outros são vítimas do desuso da leitura e da escrita que se verifica nos tempos atuais. A tevê tem grande culpa na formação dos hábitos de apreciar-se apenas o que já vem pronto. As novas gerações aí estão a comprovar essa anomalia.

Esteve sempre presente em mim a vontade de homenagear pessoas, algumas delas relegadas ao anonimato. Muitas das ingenuidades contidas num desprezioso *diário* se transformaram em ‘ganchos’ para passar a outros assuntos mais importantes, descrevendo fatos da vida de pessoas, na maioria das vezes, mais talentosas do que nós, d’*Os Asteróides*. E considereei esta obra como uma oportunidade de falar de gente que a mídia muitas vezes desprezou. E dei-lhes tratamento de astros ou estrelas, independentemente da grandeza. Algumas embarcaram na chance que se lhes oferecia. E entenderam a chance não como uma janela a se abrir para o sucesso material, mas apenas para o registro da história, que amiúde comete injustiças – ou expõe a verdade.

Em março de 2000, dei por encerrado o trabalho de procurar pessoas e de escrever, passando à fase da concretização do projeto – a edição de *Rio Preto – Na Rota dos Asteróides*. O mês anterior fora um mês em que se discutiu o impacto do acesso grátis à Internet, embora sendo flagrante a dificuldade de acesso de muitos a um prato de comida (como disse Umberto Eco, referindo-se à pobreza africana, aliás, em muito semelhante à do Brasil). E saí à cata dos patrocinadores, antes que Gutemberg fosse trocado definitivamente por Bill Gates, na era do *pontocom*.

FIM

# RIO PRETO, 148 ANOS – Cidade e Município

---

Sede: São José do Rio Preto

Distritos: Engenheiro Schmitt e Talhados

Origem do Nome: São José, padroeiro. Rio Preto, rio que corta a cidade

Fundação: 19 de março de 1852, por Bernardino de Seixas Ribeiro

Emancipação Política: 19 de julho de 1894

Instalação da Comarca: 9 de junho de 1904

Área Total do Município: 433 km<sup>2</sup>

Área Urbana: 80,59 km<sup>2</sup>

Área Rural: 352,41 km<sup>2</sup>

População do Município: 358.072 habitantes (Projeções de População do Município da Fundação Seade – Ano 2005: 404.660 habitantes; 2010: 451.880; 2015: 497.630; 2020: 541.395). No entanto, os jornais de Rio Preto falam em 360 mil habitantes no ano 2000, somente na cidade.

Região Estadual: sede da Região Administrativa de S. José do Rio Preto

Localização: Norte do Estado de São Paulo

Coordenadas: 20° 49' 11" (latitude sul) e 49° 22' 46" (longitude oeste)

Limites/confrontações: Norte (Ipiguá e Onda Verde), Sul (Cedral), Leste (Guapiaçu) e Oeste (Mirassol)

Topografia: relevo pouco ondulado, com espigões duplos e altitude modesta de 489 m acima do nível do mar

Vegetação: cerrado, cerradinho e capoeira

Pluviosidade: período de outubro a março (média: 220 mm).

Clima: tropical, com Temperatura Média de 25,4° C

Sistema Aeroviário: Aeroporto Estadual Prof. Eriberto Manoel Reino (linhas da TAM, Transbrasil, Rio Sul e VASP)

Sistema Ferroviário: FEPASA – Ferrovia Paulista S/A

Sistema Rodoviário: Rodovia SP-310 - Washington Luís, Rodovia SP-425 - Assis Chateaubriand, Rodovia SP-427 - Décio Custódio da Silva, Rodovia BR-153 - Transbrasiliana

Escolas Estaduais e Particulares: 63

Escolas Municipais: 67

Faculdades: 7

Unidades Básicas de Saúde: 24

Hospitais: 10

Terra e Povo: migrantes de todo o País e imigrantes, predominantemente de Portugal, Itália, Espanha, Síria, Líbano, Japão.

## Material Consultado pelo Autor

---

As referências bibliográficas contidas neste livro não obedecem a regras e normatizações instituídas. As quase 500 notas de rodapé restringem-se ao material disponível ao autor. Daí a razão de detalhar-se – à primeira vista discriminadamente ou com parcialidade – alguns verbetes e outros não.

1000 Que Fizeram 100 Anos de Cinema – The Times (*IstoÉ*, Editora Três)

Abílio Abrunhosa Cavalheiro e Paulo Laurito – Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto – 1927/29

Almanaque 1957 – De Vida Infantil (Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda – Rua Riachuelo, 414, Rio)

Amaury Júnior - *Flash Fora do Ar – Revelações e Histórias dos 18 Anos do Programa Flash* (Ed. Elevação, 1999)

Antonio Higa - artigo *Ferrovias com Bitola Larga* – 1954, Diário da Região, 14.03.2000

Aristides C. Neto - *Coelho News* – Boletim Informativo da Família – Ano I – Números 3, 4 e 6 – Brasília, jul/ago/95

Carlos Marcelo – *Visão do Editor*, de 10.01.99 – Correio Dois, do *Correio Braziliense*.

Cláudio Humberto Rosa e Silva – *Jornal Comunidade* – Brasília, 19 de setembro de 1999

Dinorath do Valle – artigo *O Primeiro Cronista Social do Diário*, sobre Ebrahim Ramadan – *Diário da Região*, 2 de janeiro de 2000

Dinorath do Valle – *Jornais de Rio Preto*, de (edição *Jornal A Notícia* e Colégio Anglo, SJRP, 1994)

Dinorath do Valle – *O Império Sobre Rodas*, *Diário da Região*, p. 5 – 16.07.1995

É uma brasa, mora! – *Jornal da Comunidade*, Brasília, 21 a 27.06.98 - pág. 33 – Seção *Número Um*

EMB – *Enciclopédia da Música Brasileira – Erudita, Folclórica, Popular* (Art Editora Ltda, 1977)

Enciclopédia Mirador Internacional

Fausto Fawcett – *A Era do Pois É*, Jornal Comunidade. Brasília, 03.02.1999

Fernando Marques – *Antologia Musical de S. J. do Rio Preto* (Tempo Livre, 1996)

Fernando Naporano – artigo de *Correio Braziliense* – 20.02.2000, domingo

Hermínio C. Miranda, *Nossos Filhos São Espíritos* (Lachâtre)

Informativo do Memorial do Imigrante, São Paulo, de 02.03.2000 – Corso na Paulista - [www.memorialdoimigrante.sp.gov.br](http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br)

*IstoÉ Brasil, 500 Anos*

IstoÉ Especial - ed. 1552

IstoÉ Especial - ed. 1578 – dez/1999 – *100 Fatos que Marcaram o Século*

José Jorge de Carvalho – *Da Ópera à Gravação – A Grande Viagem*, *Correio Braziliense*, 31.12.1999

Juliana Holanda - *Jornal Comunidade* – Brasília, 28.10.1998

Júlio Cezar Garcia, em *Do Ranchinho aos Prédios que Refletem a força da Cidade* - *Diário da Região*, 19.03.2000

Kido Guerra - *Correio Braziliense* – edição de 31.12.1999, pág. 23

Lelé Arantes - *Dicionário Rio-Pretense – Rio Preto 1997/2000* (Ed. Rio-Pretense, 1997)

Lisboa Júnior, Luiz Américo – *A Presença da Bahia na Música Popular Brasileira* – Musimed/Linha Gráfica Editora, Brasília, 1990

Lodi, Nilce Aparecida – *Memória*, v.1.1 - Curso ministrado aos professores de Geografia da 1ª Delegacia de Ensino de SJRP, (separata de 24 páginas), 1997

Lodi, Nilce Aparecida - *Rio Preto Antigo. Aqui, Agora – Ensaios e Pesquisas em Educação*, nº 14, publicado pelo IBILCE-UNESP, São José do Rio Preto, 1980. Separata de 12 páginas

Lourenço Filho – *Série Viagem Através do Brasil*, v. 9 – Ilustrações de Percy Lau. São Paulo: Melhoramentos, 1954

Luama Socio – *Diário da Região*, 29.05.1996

Minas Kuyumjian Neto – *PreTextos* – Cap. *Ruminessências* (ed. 1991)

Moacy Cirne – *A Explosão Criativa dos Quadrinhos* – Ed. Vozes, 1970

Novo Testamento – Tiago, 2:18, Mateus, 5:15, Paulo (Gálatas, 6:7)

Revista Estudantil – Ano I/nº 1, dez/1965 e nº 3, jun/1966



Revista *Rio Preto em Revista*, publicação semanal. Redação José J. Aguilár e Mário Andaló – S. J. do Rio Preto – 03.02.1958

Revista VIGU (Roberto Carlos e a Jovem Guarda)

Revistas *Manchete*, *O Cruzeiro*

Rosa Maria Abrão – artigo *Rio Preto é dos Idosos*, referência à pesquisa feita pelo professor Odeibler Santo Guidugli, UNESP – Diário da Região, 12.03.2000

Sérgio Moriconi – *Jornal de Brasília* – Caderno 2, pág. 2 – 11.11.1998

Tony Barrow - Disco *The Beatles – Please Please Me*

Tony Palmer - Disco *The Beatles – Yellow Submarine*

Zuenir Ventura – artigo da Revista *Época* nº 90



## Em Tempo

---

Meu caro Lelé!

Fazendo um retrospecto. Meados de março de 2000, apresento os originais de *RIO PRETO – Na Rota Dos Asteróides* ao prefeito Liberato Caboclo. O objetivo agora era imprimir, viabilizar o livro. Falo com ele em “ponte” com empresários, aqueles preocupados com a história da cidade, com cultura... mas antes que eu me alongue, ele compra a idéia – a Prefeitura bancaria! Surpresa boa! A jornalista Marisa Amorim participara da conversa, testemunhando a expressão de interesse do prefeito ao folhear meu livro. Dizia-se em Rio Preto que ele tinha uma dívida para com a cidade no que concerne à cultura. Estaria ele tentando se redimir, ao concretizar a obra sobre Rio Preto? Bem, isso não vinha ao caso. Afinal, Liberato é, inegavelmente, um intelectual. E, dizem, devora livros. E pus a mão na massa para finalizar, editar, deixar tudo pronto.

Passa abril, final de maio, entra junho, e nada. Quando falei com Marisa em maio, ela me confirmou o que você, Lelé, já havia me passado. Acharam o livro caro. Eu não sabia que o clima, politicamente falando, estava pesado para o prefeito, ou seja alguns projetos estavam indo por água abaixo. Andei lucubrando – meu livro está com 300 páginas, recheadas com 100 ilustrações, embora em branco e preto. Marisa afirmou já ter feito orçamentos mais baratos de outras publicações. Resta saber quais são essas outras publicações. Como você sabe, uma passagem Rio Preto/São Paulo é mais barata que Rio Preto/Brasília. Porque a distância é menor... Cheguei a pensar em arrancar umas 100 páginas do livro, fazer um meio-termo entre papel pólen e papel de embrulho. Não mais costurar. Capa só em duas cores, ou uma. As fotos, eu deixaria só a do prefeito. Brincadeira... Falando sério, prescindindo das alternativas radicais, haveria outras com certeza, se houvesse real intenção de botar o livro na praça. Mas o andar da carruagem nos diz que não há clima.

Quando comentei com amigos, em março, que estivera com Liberato, sugeriram que Liberato falava de manhã e desfalava à tarde. “É o que abunda na boca do vulgo, cuidado!”, disseram. Bem eu estou longe, difícil avaliar. Ele ainda não desdisse o que disse no mês de março. Me deixou na expectativa, sim. Disse *niente*, convenhamos. Eu até poderia concluir que geração de expectativa é de praxe em época de eleição municipal... Mas não quero concluir nada! Quero supor apenas que o prefeito, quando estivemos juntos, foi acometido de um impulso nobre, quando folheava interessado o livro... Prefeito, médico, massagista, massageou meu ego!

Soube que junho não começou bem para Liberato, o que pode inviabilizar sua candidatura à reeleição, se já não o fez. Assim, está com problemas maiores que os meus para resolver, apesar de os *releases* que recebo da Prefeitura de Rio Preto via Internet passarem a idéia de que vai tudo às mil maravilhas.

Houve quem sugerisse dar um *delete* na foto do Liberato Caboclo da página 25, substituí-la por um tocador de flauta que ficou sem espaço. E aqui em casa perguntaram: “Não pega mal trocá-lo justo por um flautista?” Só eu ficaria sabendo da troca, óbvio! Mas, diga-se de passagem, Liberato saiu muito bem na foto!

Ah! Ia me esquecendo. Procurei por duas vezes o Deputado Edinho Araújo aqui em Brasília. Não teve a gentileza nem de me ligar e dar um retorno, coisa que até Aloysio Nunes o fez. Expliquei que eu era um rio-pretense que queria presenteá-lo com um livro meu (um que já saíra, claro), quem sabe falar de Santa Fé do Sul, onde nós dos *Asteróides* tocamos em 1965. Mas acho que tanto ele como a assessora Patrícia Pimentel pensaram que eu ia pedir emprego, ou então inferiram que eu era eleitor de Brasília e não de Rio Preto....

Grande Lelé! Como queimei neurônios com esse livro! Viagens, fotos, interurbanos, noites maldormidas. Até na fase final, dependendo de favores de amigos, na editoração, na revisão. É que reconheci algum valor cultural na obra... apesar de eu ser o mais suspeito, diga-se de passagem. Pode ser que o livro não valha nada. Disse a você que estava com vontade de deixar a utopia do patrocínio, que ia vender rifa, bolar alguma coisa, tocar violão no metrô (pena que o de Brasília não inaugura nunca), vender vale-livro na fase de *pré-prelo*, encarar isso *by myself*. Pois é, me virei. Taurino quando bota uma coisa na cabeça.... E o livro se materializou, às minhas expensas e com a ajuda dos personagens. Haja personagens nesta obra! Parece Lista Telefônica!

A Apresentação feita por Lelé Arantes ficou ótima. Obrigado mais uma vez por tudo. E muito sucesso, de coração! Você merece, principalmente pelo presente que deu a Rio Preto, o *Dicionário Rio-Pretense*, obra que rio-pretense não pode ficar sem ter. Antes que me esqueça – não me conformo de escrever *rio-pretense* com hífen. *Riopretense* é muito mais elegante.

Um grande abraço.

ARISTIDES

Brasília, 28 de junho de 2000

# Índice Remissivo

---

- A Crônica do Dia – 262  
A Noite de Meu Bem – 219  
A Notícia, jornal – 138, 216  
A Taça é Nossa – 161  
Ação e Reação, Lei – 179  
Acidente cármico – 105  
Adhemar de Barros – 82  
Adoniran Barbosa – 157, 254  
Agostinho Brandi – 158, 212, 237  
Agostinho dos Santos – 74, 178  
Aguilar, Antônio – 222, 229  
Aidar – 146  
Airton Ávila – 178  
Alberto Olivieri – 57  
Álbum da Comarca – 16, 17, 22, 28, 59  
Aldinho – 186  
Alexandre Macedo – 129, 135, 164, 169, 207  
Alice de Lima – 174  
Almirante Tamandaré – 58  
Aloysio Nunes Ferreira Filho – 96, 129, 132  
Altino Bessa Marques Filho – 88, 103, 109, 117, 122, 133, 145, 166, 183, 188,  
224, 244, 254  
Alvarenga e Ranchinho – 158  
Alzira Zarur – 67  
Amaury de Assis Ferreira, professor – 89  
Amaury Júnior – 89, 95, 112, 151, 189, 194, 214, 250, 259, 261, 271  
Amigo da Onça – 51  
Andaló, Alberto - prefeito – 30, 220  
Ângela Maria – 67, 169, 178  
Anina Pauli Bertuca – 58  
Anos 50, pela ótica de um garoto – 29  
Anos 60, Anos Dourados – 77  
Anos de Chumbo – 133  
Antologia Musical de S. J. do Rio Preto – 222, 223, 224  
Antonio Danilo Moraes Barbosa – 85, 88, 101, 131, 137, 180

Antônio David Monteiro (Toninho dos Cometas) – 119, 121, 193  
Antônio Hélio Vieira de Rezende Pinto – 102  
Antônio Netto (Antônio Fiorotto) – 87, 198  
Aragão, Marlene – 189, 190, 247  
Aragão, Rafael (Raphael Aragon) – 134, 188, 238, 241  
Aragon, Alda Ferrari – 238, 241  
Aramis, baterista – 229, 233  
Araújo Neto, Pedro – 116, 134, 160, 162, 196, 215  
Aristides de Souza Coelho – 12, 20, 78, 79, 80  
Aristides dos Santos – 125  
Armando de Souza Coelho – 12, 15, 29, 39, 188, 212  
Arnaldo Lopes – 131  
Arruda, Olga Castilho – 231  
Asfalto – 12, 30  
Asteróide, significado – 104, 119  
Automóvel Clube – 90, 152, 221, 246, 261, 263  
Bacharelados de 1963 do IEMG – 88, 89  
Baiano Burro Nasce Morto – 67  
Balões – 12  
Baltazar – 87, 34, 193, 194, 203, 205  
Bambina – 243, 272  
Bancários, clube (Associação Bancária de Esportes – ABE) – 196, 204, 229  
Bar da Hora – 180  
Barba, Flávio – 134, 151, 172, 183, 189, 215, 229, 234, 236, 239, 258  
Barbato, Orlando de Arruda – 37  
Barbeiro e o Cirurgião, O – 126  
Barbeiro, José Celso – 137, 224  
Barlam, cine-projetor – 49, 58  
Bassit, William – 181  
Beatles, The – 140  
Beija-flor (Durval de Souza) – 212  
Benfatti – 106, 107, 211, 242  
Benfatti, Vera Lúcia – 105, 108, 228, 258, 259, 260  
Bentinho Alfaiate – 229  
Bérgamo, Zilah – 193  
Bernardino de Campos, rua – 27, 80  
Bert Kaempfert – 70, 190  
Besame Mucho – 192  
Big Boys – 133, 181, 188, 193, 214, 229, 230, 259  
Biotônico Fontoura – 33  
Biquíni de Bolinha Amarelinha – 162  
Blue Suede Shoes – 152  
Boiadas, Estrada Boiadeira – 29, 81  
Boneca de Piche – 189

Bongô (Agenor Garcia) – 137, 204, 234  
 Bonvino, José Fernando – 106  
 Boqueira (Mestre Boca) – 87, 192, 201, 203, 223, 234  
 Bossa Nova – 74, 227, 247  
 Bottas – 184, 186, 188, 190, 245, 247  
 Braga, Carlos – 137  
 Branco, pistonista – 227  
 Brasil, história – 24  
 Brasília, capital – 66, 82, 131  
 Brincadeira dançante – 110, 195  
 Brincadeiras de época – 30, 32, 50  
 Cabelinho (Peito) – 185, 186  
 Cabelos brancos – 206, 208, 211  
 Cabeludos, Os (Caras de Pau) – 195  
 Cachorros – 37, 38, 41, 107  
 Cacilda Soares e Samuel Gattaz – 246  
 Cadeia da Amizade – 159  
 Caderneta Quilométrica – 59  
 Café, produto – 15, 17, 26, 32, 38  
 Calor de Rio Preto – 16, 80  
 Calouros de 1968 (UnB) – 131  
 Calúnia Social – 179  
 Câmara Municipal – 29, 124, 125, 126, 132, 135  
 Camargo, Ranulpho – 37, 38  
 Camilo Fernandes Costa – 87, 128  
 Campinho, aeroporto – 61  
 Canarinho e Beija-flor – 212  
 Cannizza, José Carlos – 131  
 Carareto – 131, 134, 137  
 Carlito (Carlos Amad) – 194, 230, 232  
 Carlos Braga – 137  
 Carlos Gomes, Banda Filarmônica – 210  
 Carmelisa Terra Gallo, professora – 87, 98  
 Carmem Miranda – 72  
 Carnaval – 52, 73, 116, 227  
 Caron, lanchonete – 176  
 Carramona – 84  
 Cartas de 1926 – 15  
 Casa Coelho – 27  
 Casa Combate – 58  
 Casas Moisés – 23, 58, 208  
 Casas Pernambucanas – 56  
 Casseb, José Carlos – 137  
 Cassius – 138, 147

Catedral de São José – 31, 65  
Cavalaria Noturna – 74  
Cavalini, José Urbano – 102, 137, 249  
Celly Campello – 83  
Censura – 129, 159  
César Muanis – 115, 140, 145, 150, 158, 159, 165, 168, 183, 195, 196, 197, 214,  
242, 247, 254  
Cestas de Natal Amaral – 73, 84  
Chamas, Sônia Regina – 115  
Chanchadas – 41  
Chave da Harmonia – 51  
Chega de Saudade – 229, 267  
Chico Belarmino, Fazendinha – 198  
Chico Landi – 48  
Chubby Checker – 118  
Cinco Letras que Choram – 72  
Cine “Camargo” – 38  
Cine Rio Preto – 43, 212, 229  
Cinema – 42, 43, 46, 48, 49, 250  
Cinemas de Rio Preto – 37, 43, 47, 79, 250  
Cintra Damião, Nair – 98, 107  
Cintra Damião, Rubens – 107, 114  
Circular Santa Luzia – 61, 81  
Clélia Ceribelli de Assis Ferreira – 89  
Coelho News, jornaleco – 12, 13, 78  
Coelho, família – 11, 12, 13, 14, 29  
Coelhos, criação – 40  
Colagiovanni, Jaime – 117, 122, 123, 202  
Colégio Santo André – 94, 248, 263  
Colturato – 111  
Coluna Prestes – 24  
Cometa Filmes – 146  
Cometa, significado – 119  
Cometas, Os – 119, 121, 188, 247  
Comunidade, jornal – 132, 148, 256, 266  
Condephact – 237  
Confúcio Rodrigues Cavalcanti – 165  
Conjunto 007 na Bossa – 263  
Contato com o autor – 4  
Copa do Mundo – 48  
Copacabana, conjunto – 169  
Coração Materno – 156  
Coreto e chafariz – 42  
Coroados, índios – 20



Coronel Spínola, rua, vizinhança – 29, 37  
 Correio Braziliense – 46, 133, 268  
 Correio da Araraquarense, jornal – 110  
 Corso – 52  
 Crédito Real, banco – 161  
 Crendices – 57  
 Crispim, João Benedito – 22  
 Cristo Redentor – 16  
 Dácio Marçal – 115, 123, 181, 186, 245, 248  
 Dalva de Oliveira – 67  
 Daud Jorge Simão – 61, 100  
 Delson Gonçalves – 38  
 Demair Luiz Vieira (Carangola) – 102, 138, 161, 174, 177, 183, 214, 234, 239  
 Demétrius – 149  
 Demonte – 85, 88, 137  
 Dentistas de Rio Preto – 84  
 Deny & Dino – 250  
 Desastre do Turvo – 82, 96, 105, 136, 232  
 Despedida – 260  
 Dia e Noite, jornal – 90  
 Diário d' Os Asteróides – 109  
 Diário da Região – 11, 65, 120, 132, 184, 195, 205, 208, 220  
 Diário da Tarde – 80, 81  
 Dicionário Rio-pretense – 284  
 Dinorath do Valle, escritora – 11, 107, 235, 237, 262  
 Discos 78 rpm – 71, 74, 148, 151, 152, 155, 157, 166, 174, 190  
 Donizeth, padre, Tambaú – 61  
 Dorgival Henrique – 128  
 Dragão (Jairo de Paula) – 180  
 Dubail – 87, 234  
 Dublin Sacchetin, Waldeluir – 103, 105, 152  
 Dulce Borghesan – 85, 137  
 Durvalina Porta Nicoletti, professora – 36  
 Éder Jofre – 50  
 Edifícios, os primeiros de Rio Preto – 77  
 Edinho Araújo, deputado – 284  
 Edison, Thomas Alva – 147  
 Edu da Gaita – 198  
 EFA – Estrada de Ferro Araraquarense – 15, 16, 60  
 Elis Regina, cantora – 132  
 Elise Leine do Carmo Fernandes Costa – 85, 87  
 Elvira do Ipiranga – 240  
 Elvis Presley – 149  
 Em Tempo (carta a Lelé Arantes) – 283

Emilinha Borba – 68, 227  
Émily Rosa Peres – 137  
Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones – 244  
Erasmus Carlos – 255  
Erasmus Renesto – 88, 96, 101, 103, 137  
Ericksion Antônio Bellintani – 122  
Ericson Jorge Abufares – 119  
Erlon – 134, 176  
Escola pública – 77  
Espíritas – 242, 254  
Estação de trem – 60, 200  
Estágio no Planeta Terra, livro – 129, 242  
Estrela – 20  
Etelvina Leite Bessa Marques, professora – 36, 109, 190  
Excursões pedagógicas do IEMG – 101, 103  
Fã-clube – 151, 159, 168, 170  
Feliciano Salles Cunha – 16  
Fernando Marques – 158, 223, 224  
Festa de Arromba (em Rio Preto) – 254  
Festa de São Pedro – 15  
Festivais de Fanfarra – 61  
Ficha técnica, ficha catalográfica – 4  
Figueira, José Dias – 139  
Figurinhas, álbum, coleção – 48, 64, 65  
Fim do mundo – 28  
Finalizando – 271  
Fiorilli, Antônio – 201  
Five Kings, The – 120  
Flagra – 46  
Flávio Ferrari Aragon (Barba) – 134, 151, 172, 183, 189, 215, 229, 234, 236, 239, 258  
Flávio Moreira – 85  
Florindo Mani – 73, 208, 209, 222  
Fogaça, Paulo e Célia – 137  
Folha de Rio Preto, jornal – 160  
Footing – 42, 114, 166  
Ford, fordinho – 52, 139, 140, 146, 193, 206, 271  
Fósseis – 20  
Francisco Alves (Chico Viola) – 71  
Frank Sinatra – 52  
Frazão, Tio – 68  
Fred Jorge – 83  
Freixo, José Portugal – 20  
From Me to You – 192  
Futebol – 48, 158, 160, 161, 176

Futibór do Arraiá – 158  
 Gafes – 62, 100, 106, 102, 162, 163, 169, 186, 201, 205, 213, 240, 243, 248  
 Gaitas – 197  
 Garcia, Ricardo e Neide, cantores – 184  
 Garófalo, Mário – 62  
 Gasparine, Gasperine – 40, 73  
 Gazzi, Edson – 161  
 General Glicério, rua – 23, 111  
 Geninho – 106  
 Geraldo Brito – 194  
 Gerry Mulligan – 104, 172, 258  
 Getúlio Vargas – 22, 26, 159  
 Gigante do Progresso – 55  
 Gilberto Miranda (Giba) – 114  
 Gilberto Vasconcelos – 227  
 Ginásio Diocesano – 91  
 Girade, Suely – 189  
 Gírias – 165  
 Golden Boys – 249  
 Golpe de 64 – 14, 122, 169, 232, 235  
 Graham Bell – 147  
 Gravações mecânicas, gravações elétricas – 148  
 Gravações sonoras, fonógrafo, gravadores de fio – 147, 152, 212  
 Green Door, The – 74  
 Gripes Asiática e Espanhola – 59  
 Grupo Escolar Professor Oscar Arantes Pires (5º Grupo) – 36, 109  
 Grupo X – 55  
 Gruta de Mirassol – 28, 101  
 Gumex no cabelo – 40  
 Heavy Metal, Uma Aventura no País do – 268  
 Helaine Munia, professora – 10, 92, 97, 106  
 Heleninha Leporace – 196, 216, 233, 244  
 Helládio Costa Filho, pianista – 221, 265  
 Heraldo do Monte – 236  
 Hermeto Paschoal – 220  
 Hitler Fett – 160, 161  
 H-Show, 21.08.1965 (IEMG) – 245, 248  
 I Want to Hold Your Hand – 150  
 IEMG – Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves – 77, 87, 91, 94, 95, 99,  
 184, 191, 197, 210, 245, 246, 247, 250  
 Inalda Vieira de Carvalho – 63  
 Índice Remissivo – 285  
 Inocêncio Amaral Júnior – 133, 180, 181, 182, 225, 239  
 Irakitã, Trio – 119

Irene Batista – 88, 95, 98, 100  
Irineu Luiz Maia – 70, 88, 85, 93, 98, 105, 137, 163  
Italianos – 15, 29, 30, 58, 114, 160  
Ivan Baraldi Ferraz – 182, 224, 229, 230  
Ivete de Souza Coelho – 14, 20  
Jacaré (Jonir Fernandes de Souza, barbeiro) – 43, 114, 230  
Jacob, José Luiz Balthazar – 126, 128  
Jaime Ferreira – 55  
Jair Rodrigues – 243  
Jangada, Clube – 137  
Jânio Quadros – 56, 75, 79, 81, 124, 127, 133  
Jararaca e Ratinho – 67  
Jarbas Junior – 9  
Jardim Velho – 21  
Jazz – 104, 172, 189, 226, 258  
Jerry Adriani – 83  
Jet Black's, The – 195, 252  
João Bernardino de Seixas Ribeiro – 18  
João Gilberto – 227  
João Goulart (Jango) – 110, 124, 127, 133  
João Sorroche Neto – 164  
Joga a Chave – 254  
Jóia Musical – 73, 188  
Jorge Ben – 172  
Jornais de Rio Preto, livro – 11  
Jornal de Brasília – 148, 154  
José Cury Neto – 205  
José Emídio Abraão – 88, 93, 100, 103  
José Luiz dos Santos – 131, 197, 199  
José Rubens F. de Almeida – 165  
Jota (João Tomás) – 185, 225  
Jovem Guarda – 255, 257  
Juca de Oliveira – 216  
Judith Silva, professora – 36  
Júlio Cosi – 223  
Juracy Monteiro – 184  
Juscelino Kubitschek – 79, 81, 82, 133  
Juventude em Ritmo, conjunto – 245, 247  
Kaiser, Fernando José – 88, 98, 102, 105, 244  
Kfourri – 249  
Kharfan, fotógrafo – 90, 151  
La Bamba – 156  
Lacerda, Carlos – 59  
Lacerdinha – 34

Lachimé (ou Laquimé) – 87, 196  
 Lafayette Libânio, Dom – 56  
 Lança-perfume – 52  
 Laprano – 208  
 Laquimé – 87, 196  
 Larosa Sobrinho, Francisco – 153  
 Latim, o que é que eu faço com o – 189, 226  
 Lelé Arantes, jornalista – 7, 22, 25, 163, 272, 283  
 Leno e Lílian – 256  
 Let's Twist Again – 139  
 Liberato Caboclo, prefeito – 22, 25, 283  
 Linda Batista – 71  
 Liráucio Roberto Camargo – 37, 62  
 Livraria Martins – 88  
 Lofrano – 54, 68, 164, 201  
 Lojas It Magazine – 158, 215, 248  
 Longhi, Maria – 153  
 Long-play – 148  
 Lourencin – 84, 89  
 Love me Tender – 152  
 Lúcio Antônio Olival, professor – 92  
 Lui, Valdner – 189  
 Luís Carlos Ribeiro – 87, 186, 192, 205  
 Luiz Américo de Freitas Sobrinho (Geninho) – 106  
 Luiz Gonzaga – 42, 112  
 Luiz Homero de Almeida – 71, 207  
 Lupicínio Rodrigues – 220  
 Lurdinha (Maria de Lourdes Bessa Marques) – 151, 189, 190  
 Luz do Amor – 251  
 Madi, Leila Mirthes – 180  
 Maia, Irineu Luiz – 70, 88, 85, 93, 98, 105, 137, 163  
 Maldonado – 166, 169  
 Mamão, Edson – 161  
 Manchete, revista – 51  
 Mané Pina, bar – 114  
 Manivela (Joaquim Pereira dos Santos) – 137, 180  
 Marajoara, Orquestra – 70, 134, 220, 238  
 Marcha da Família com Deus pela Liberdade – 107, 235  
 Marcha-rancho – 54  
 Marchinhas carnavalescas – 54, 116, 161, 267  
 Márcia Sodero – 245, 247, 248  
 Margarida de Paula Santos – 78, 79  
 Maria Christina Santos Ramos – 92, 151  
 Maria Esther Bueno – 50

Maria Lúcia, cantora – 55, 169, 171, 173  
Maria Rita Corrêa, desenhista – 89  
Mariangela Bertuca Coelho – 29  
Marilyn Monroe – 51  
Mário Longhi – 134, 145, 153, 155, 157  
Mário Perez – 87, 204, 219  
Mário Zan – 63, 213  
Marlene, cantora – 154  
Martha Rocha – 64  
Marvada Pinga – 66  
Material consultado pelo autor – 279  
Maurício Goulart – 36  
Melhoral – 84  
Melhoramentos, Companhia de Transportes – 16, 19  
Memórias do Cine Rio Preto – 43  
Messias Mattos – 53, 54, 55, 85, 111, 137, 159, 170, 173, 184, 203  
Mestre Boca (José Cunha de Oliveira Mourão) – 87, 192, 201, 203, 223, 234  
Miguel Carlo – 138, 184, 186, 190  
Milani – 184, 208, 209, 210, 216  
Milene Domingues – 158  
Minas Kuyumjian Neto – 7, 9, 32, 37, 41, 42, 43, 50, 56, 60, 80, 81, 112, 113,  
126, 190, 225  
Mirassol – 11, 12, 15, 18, 28, 101, 217  
Miss Universo em Rio Preto – 111  
Moda – 51, 77  
Modernistas, Os – 87, 192  
Moeda – 64  
Molina – 272  
Monsenhor Gonçalves – 94, 184  
Monte Aprazível – 159, 166, 170, 183, 225  
Monte Líbano, clube – 159, 178, 197  
Moriconi, Sérgio – 154  
Movimento Carismático – 254  
Muanis, irmãos – 164, 168, 169, 198, 201  
Mugaiair – 60  
Mulher nua – 33, 51  
Multiplication – 115  
Música de Fim-de-ciclo – 218, 243, 265  
Música Popular Brasileira, crítica – 243, 265, 268  
Música, conceitos – 148, 275  
Músicas de Carnaval – 55, 161, 227  
Músicas descartáveis – 218, 243, 266  
Musse, Otávio Elias – 170  
Mustafa Jamal – 133, 134, 145, 174, 188

My Bonnie – 153  
 Negrelli – 88, 100, 112  
 Neile Ribeiro – 115  
 Nelson Antônio – 169  
 Nenê Homsí – 56, 233  
 Nicolli – 164, 209  
 Nidelce Silva – 99, 261  
 Nilce Lodi, professora – 22, 77, 132, 200, 235, 237  
 Noel Rosa – 253  
 Noite Ilustrada – 243  
 Nomes antigos (cidades, localidades) – 28  
 Nossos Filhos São Espíritos – 29  
 O Cruzeiro, revista – 33, 50  
 O Ébrio – 157  
 O Renovador, jornalzinho – 179, 191  
 Octacílio de Souza Coelho – 254  
 Odete Ramos, professora – 100  
 Olinda Gabriel Fortes, professora – 36  
 Omar Ismael – 114, 146, 179, 191  
 Ônibus, VAP, Viação Dragão – 61  
 Ouro Para o Bem do Brasil – 128, 130  
 Óvni – 51  
 Padre-nosso ao vigário – 213  
 Palmieri, Geraldo – 200  
 Paraíso das Meias – 73  
 Paratodos, Orquestra – 70, 184, 206, 208, 209, 229  
 Parei na Contramão – 118  
 Parise – 38  
 Paródia – 53, 62  
 Paulo Henrique Magri, fotógrafo – 150  
 Paulo Moura – 154  
 Paulo Presley (Paulo César dos Santos) – 112, 114, 134, 138, 149, 152, 174,  
 179, 183, 188  
 Pavarino – 201  
 Pedro Santiago Alves Júnior (Pedrinho) – 115, 117, 122, 186, 248  
 Peito – 186  
 Pellegrini, Luiz Francisco – 102  
 Percy Blanco – 131  
 Percy Lau, ilustração de 1954 – 47  
 Perez, Vanda – 217, 221  
 Pérsio Pastana – 152  
 Personagem sem nome – 272  
 Petronília A. Souza e Maurício de Souza – 158  
 Petrônio de Ávila – 85, 163, 184, 185, 247, 254

Piccinini, Márcio – 137  
Pilão, charutaria – 229  
Pioneiros – 211  
Poesia – 32, 37, 41, 42, 43, 50, 56, 60, 80, 81, 82, 83, 113, 126, 190, 210, 213, 225, 258  
Polotto, padaria – 40  
Praça D. José Marcondes – 21  
Praça Rui Barbosa – 19, 23, 47, 65, 81  
PRB-8 (Rádio Rio Preto) – 68, 116, 123, 134, 138, 152, 159, 160, 165, 195, 196,  
208, 210, 214  
Preconceito – 133, 156, 273  
Prefeitos de Rio Preto – 88  
Prefeitos que passaram pelo IEMG – 88  
Prini Lorez – 150, 151, 196  
Professores do Instituto de Educação – 87, 92, 96  
Propagandas de 1958 – 73  
Quadrinhos, Histórias em – 39, 46, 49  
Quarto Centenário de São Paulo – 63  
Racionamento – 35  
Rádio – 53, 57, 66, 68, 70, 149, 163, 266  
Rádio AM – 66, 70, 71, 163, 214  
Rádio Brasil Novo – 70  
Rádio Cultura – 118, 148, 193  
Rádio Difusora – 68, 111, 138, 162, 182, 250  
Rádio Difusora de Mirassol – 200  
Rádio Independência – 55, 110, 149, 164, 184, 196, 214, 225, 262  
Rádio Nacional – 66, 170  
Rádio Onda Nova – 206  
Rádio Rio Preto (PRB-8) – 68, 116, 123, 134, 138, 152, 159, 160, 165, 195,  
196, 208, 210, 214  
Radionovelas – 66, 162  
Raimundos – 268  
Ramadan, Ebrahim Ali – 38, 218  
Ramalho Antônio Milanez – 119  
Rastelli, José – 168  
Raul Silva – 145  
Reais de Olímpia, conjunto – 185  
Rede Piratininga – 159  
Reforma íntima – 178  
Regina Célia Lobanco (Cavalini) – 85, 137, 247  
Regina Gomyde (Casseb) – 85, 137, 138, 247  
Reinaldo Amaral – 133  
Reinaldo e Sua Orquestra – 157, 184, 238  
Reino, Eriberto – 161  
Renato e Seus Blue Caps – 256



Renato Perez – 87, 196, 204, 215, 216, 217, 233, 244,254  
Revista Estudantil – 165, 174  
Revolução de 1964 – 14, 124, 127, 169, 235  
Ricieri Berto, professor – 92, 107  
Rio Preto de 1867 – 12  
Rio Preto de 1904 – 12  
Rio Preto de 1908 – 12  
Rio Preto de 1926 – 15, 17, 26  
Rio Preto de 1949 – 31  
Rio Preto de 1958 – 72  
Rio Preto em Revista – 52  
Rio Preto, 148 Anos - Cidade e Município – 200, 277  
Rio Preto, Começavam os Anos 60 – 77  
Rio Preto, origem – 18  
Rita Lee – 46, 151, 172  
Rita Pavone – 190  
Ritmo da Chuva – 182  
Roberta – 114  
Roberto Carlos – 255  
Roberto Costa (Camilo Roberto do Carmo Fernandes Costa) – 159, 162, 167  
Roberto Farath – 137, 196, 222, 240, 241  
Roberto Souza, o Dono da Noite – 69, 70  
Roberto Toledo – 134, 161  
Rock And Roll – 74, 149, 150, 160, 255  
Rock Around the Clock – 74  
Romildo Sant’Anna – 36  
Ronnie Cord – 159, 255  
Rosina Zeitune De Vuono – 14, 78, 87  
Rovi Bergemann de Aguiar – 85, 98, 137  
Rozina de Macedo Coelho – 12, 15  
Rua Augusta – 163  
Runaround Sue – 175  
Rural Willys – 174  
Sabella – 88, 93, 100, 103  
Sakakibara – 88, 98, 192  
Saletti – 40, 134  
Salvação pelas obras – 178  
Santa Fé do Sul, fim da linha férrea – 225  
Santana, Ari José – 114  
Santos e Seu Conjunto de Gaitas – 197, 199  
São Paulo, história – 24  
Sara Montiel – 189  
Sarah e Pequenininha, tias – 102  
Saudade – 54, 210

Saudades de Rio Preto, com Flausino e Florêncio – 154  
Scaramboni – 242  
Sebastião de Paula – 69, 71  
Seichi Tamashiro – 36  
Selaria Mexicana – 40  
Sellmann Nazareth, Leonam – 106  
Sérgio Baffi – 102, 103, 172, 204, 216  
Sérgio Reis – 68, 182, 251  
Sérgio Zanetoni – 119  
Serrinha, professor – 96  
Sertão paulistano – 15  
Sexta Básica, no Bar da Hora – 180  
She Loves You – 195  
Show-Pada – 197  
Signorini, Jayme – 203, 205  
Signorini – 83, 226, 263  
Silva, José Antônio – pintor – 188  
Silveira Coelho, Antônio José – 206, 207  
Simonetti – 217, 219, 232  
Simpatias – 57  
Siqueira, irmãos – 137  
Sírio-Brasileiro, Clube – 134, 196, 232  
Sociedade em Desfile – 190  
Solução de continuidade – 107  
Sônia Regina Chamas – 115  
Sputnik – 41  
Stefanini – 88, 127, 184, 188, 225, 226, 236, 248  
Sylvia Purita, professora – 92, 94, 97  
Tânia Maldonado – 118, 139, 166, 167, 183  
Tarraf, Munir – 179, 191  
Taruga (Manoel Roque) – 145, 153, 204  
Teatro – 65, 98, 122, 136, 189, 190  
Tedeschi – 181, 182  
Televisão – 30, 32, 48, 64  
Telstar, prefixo musical – 138  
Terror dos Namorados – 213  
The Jet – 138, 147  
Toledo, Novaes de – 56, 104, 151, 197, 258  
Toninho dos Cometas – 119, 12, 193  
Tony (Antoine Pedroso Jalikji), fotógrafo – 150, 173, 183  
Tony Campello – 172  
Totó Duarte e Carmo Durano – 65  
Trefiglio, José – 107  
Trini Lopez – 150, 151

Tropical Brazilian Band – 192  
Túlio Negrelli – 112  
Turvo, desastre do rio, tragédia do – 82, 96, 105, 136, 232  
Uchoa – 201  
Última Audição - Só Tinha de Ser Com Você – 258, 259  
Unezir Coelho Lourencin – 29, 36, 84  
Uzenir Coelho Zeitune – 59, 78  
Vadeco e Seu Conjunto – 185, 186  
Valdevir Motta (Catraca, também Danilo Motta) – 181, 240, 248  
Vavá (Dorival Tomás) – 115, 117, 123, 132, 185, 187, 225  
Veneziano – 107  
Ventura Ramirez – 196  
Viagem a 1926 – 11  
Viagem Através do Brasil – 38, 65  
Viagens nos trens da EFA – 15, 58, 60, 225  
Vicente Celestino – 154  
Vieira e Vieirinha – 213  
Vietnã – 244  
Vítor Aparecido Carvalho – 165, 223, 225, 229, 232, 239  
Volkswagen e DKW Vemag – 34  
Volpe – 38  
Voz da América, programa – 160  
Wagner Pero – 180, 240, 263  
Wande (Wanderley) Tedeschi – 181, 243  
Washington Luís – 22, 24, 26  
What'd I Say – 116  
William Corrêa de Andrade – 34, 89  
William Zeitune – 78  
William Zeitune Júnior – 13, 78  
Wilsom Guimarães – 162  
Zacarias Fernandes do Valle – 56, 168, 170, 210  
Zé Bonitinho (Jorge Loredó) – 146  
Zezão (J. Oliveira) – 208, 211  
Zilda Nora de Souza Santos – 105  
Zona do Meretrício – 80, 82

**Especificações de *RIO PRETO – Na Rota dos Asteróides***

Livro fechado: 16 x 23 cm

Miolo: papel Pólen Soft Natural 80 g/m<sup>2</sup>, 1/1 cor com 300 páginas

Fontes utilizadas: Baskerville Win95BT corpos 10, 8 e 7 (textos)

Humnst777BT corpo 18 (títulos) e 8 (legendas de fotos)

Capa: papel Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup>, 4/0 cor

Acabamento: colado, costurado, capa com plastificação fosca

Impressão e Acabamento:



SAAN – Quadra 01 - Lote 615 – Brasília, DF

Fone (61) 361-8986 - Fax (61) 361-9304 – e-mail: lidgrafica@uol.com.br

Brasília, julho de 2000

Impresso no Brasil / Printed in Brazil / Presita en Brazilo